

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, AGRICULTURA E AMBIENTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS**

**LEVANTAMENTO DAS PLANTAS MEDICINAIS
UTILIZADAS PELAS PESCADORAS EM UMA
COMUNIDADE RIBEIRINHA NO SUDOESTE DA
AMAZÔNIA**

CAROLINA WAGNER

Prof. Dr. RENATO ABREU LIMA

Humaitá, AM

Março/2024

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, AGRICULTURA E AMBIENTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS**

**LEVANTAMENTO DAS PLANTAS MEDICINAIS
UTILIZADAS PELAS PESCADORAS EM UMA
COMUNIDADE RIBEIRINHA NO SUDOESTE DA
AMAZÔNIA**

CAROLINA WAGNER

*Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Ciências Ambientais da
Universidade Federal do
Amazonas, como parte dos
requisitos para obtenção do título
de Mestra em Ciências Ambientais.*

Orientador: Prof. Dr. RENATO ABREU LIMA

Humaitá, AM

Março/2024

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

W132l Wagner, Carolina
Levantamento das plantas medicinais utilizadas pelas pescadoras em uma comunidade ribeirinha no sudoeste da Amazônia / Carolina Wagner . 2024
120 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Renato Abreu Lima
Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Comunidade local. 2. Ribeirinhos. 3. Saber popular. 4. Amazonas. I. Lima, Renato Abreu. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, AGRICULTURA E AMBIENTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS**

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: LEVANTAMENTO DAS PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS PELAS PESCADORAS EM UMA COMUNIDADE RIBEIRINHA NO SUDOESTE DA AMAZÔNIA (Linha de pesquisa 2: Sociedade, Biodiversidade e Sustentabilidade do bioma amazônico)

AUTORA: CAROLINA WAGNER

Dissertação defendida e aprovada em 01 de março de 2024, pela comissão julgadora:

Documento assinado digitalmente
 **RENATO ABREU LIMA**
Data: 21/03/2024 16:03:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Renato Abreu Lima
(Universidade Federal do Amazonas – Orientador/Membro titular interno)

Documento assinado digitalmente
 **VIVIANE VIDAL DA SILVA**
Data: 21/03/2024 15:46:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Viviane Vidal da Silva
(Universidade Federal do Amazonas – Membro titular interno)

Documento assinado digitalmente
 **OSVANDA SILVA DE MOURA**
Data: 21/03/2024 10:52:57-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Osvanda Silva de Moura
(Universidade Federal de Rondônia – Membro titular externo)

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação com todo o meu amor à minha família, alicerce sólido e fonte inesgotável de apoio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela força e suporte nos momentos mais desafiadores desta jornada.

À Universidade Federal do Amazonas, ao Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente (IEAA) por oferecer o curso de pós-graduação em Ciências Ambientais.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas - FAPEAM pelo indispensável apoio financeiro e acadêmico, o qual foi essencial para o desenvolvimento desta pesquisa.

Estendo meus agradecimentos à Universidade Federal de Rondônia e ao Herbário Rondoniense João Geraldo Kuhlmann, pelo grande acolhimento e disponibilidade em depositar as exsiccatas das espécies de plantas medicinais coletadas.

À comunidade Praia de Lábrea e a todos os moradores, verdadeiros protagonistas deste estudo, que compartilharam suas vivências e sabedoria, elementos fundamentais para o sucesso desta pesquisa.

Ao Professor Dr. Renato Abreu Lima pela orientação, pela amizade, pelos conselhos sábios e por tudo o que você me ensinou durante essa trajetória. Aos membros da banca examinadora Dra. Osvanda Silva de Moura e Dra. Viviane Vidal da Silva, por suas colaborações a este trabalho.

Aos demais professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, por todo conhecimento e experiência transmitido.

À minha família, que sempre me apoiou incondicionalmente, oferecendo incentivo e suporte em todos os momentos. Ao meu esposo, por estar sempre ao meu lado, oferecendo ajuda, conselhos e sugestões. E os meus animais de estimação, por serem uma fonte constante de apoio emocional.

Aos meus amigos, Jakeline Coelho, Greicy Nascimento, Paula Mello, Rakcelainy Mendonça, Francielel Arruda e Guilherme Abadia que sempre estiveram comigo desde a graduação e que compartilharam das lutas diárias, desafios, alegrias e tristezas nessa trajetória. A todos os colegas de curso, os quais se tornaram grandes amigos, em especial a Doraci Brito de Souza e Rosineide Campos Chaves, que participaram ativamente como irmãs científicas durante a pesquisa.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização da Bacia do rio Purus	2
Figuras do capítulo III	
Figura 1 - Limite da bacia do rio Purus nos estados do Amazonas e Acre.	40
Figura 2 - Mapa identificando a comunidade Praia de Lábrea próxima ao município de Lábrea – AM.	41
Figura 3 - Acesso às casas por meio da rabeta no período da cheia e entrevista com os moradores da comunidade.	43
Figura 4 - Representação das etnias mencionadas pelas pescadoras da comunidade ribeirinha.	46
Figura 5 - Trajeto percorrido pelos estudantes durante a estação seca e durante a estação de cheias para alcançarem a escola e as casas da comunidade.	47
Figura 6 - Intervalos do quantitativo de filhos das pescadoras da comunidade Praia de Lábrea.	48
Figuras do capítulo IV	
Figura 1 - Entrevista com as pescadoras da comunidade e coleta do material testemunho.	57
Figura 2 - Amostras das plantas coletadas sendo costuradas e identificadas para irem para o Herbário Rondoniense João Geraldo Kuhlmann RON.	60
Figura 3 - Comparação entre o período da seca e o período da cheia com relação às espécies coletadas.	63
Figura 4 - Relação das partes coletadas para o preparo de remédios, conforme mencionadas pelas pescadoras.	64
Figura 5 – As dez espécies de plantas medicinais mais citadas pelas pescadoras da comunidade Praia de Lábrea	68
Figura 6 - Algumas das famílias botânicas mais representativas das 35 famílias mencionadas pela comunidade.	78
Figura 7 - Dados do perfil etnobotânico (Apêndice II) mencionadas pelas pescadoras da comunidade ribeirinha	82
Figura 8 - Alguns focos de queimadas e desmatamento que foram realizados por moradores da comunidade.	85

LISTA DE TABELAS

Tabelas capítulo I

Tabela 1 - Trabalhos publicados relacionando conceitos da Etnobotânica no Brasil. 02

Tabelas capítulo II

Tabela 1 - Trabalhos relacionados com a importância da participação das mulheres na pesca. 18

Tabelas capítulo III

Tabela 1 - Informações sobre o questionário semiestruturado para as pescadoras da comunidade. 45

Tabelas capítulo IV

Tabela 1 - Valores de uso relacionados às 80 espécies de plantas citadas pelas pescadoras da comunidade. 66

Tabela 2 - Espécies de uso medicinal citadas pelas pescadoras da Comunidade Praia de Lábrea. 70

Tabela 3 - Dados mais representativos das respostas dos entrevistados sobre o perfil etnobotânico (Apêndice II) 78

LISTA DE ABREVIATURAS

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

CONEP - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ODS - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

SCIELO - Scientific Eletronic Library Online

SISBio - Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade

SUS - Sistema Único de Saúde

TCLE - Termo de Compromisso Livre e Esclarecido

UFAM - Universidade Federal do Amazonas

UNIR - Universidade Federal de Rondônia

RESUMO

WAGNER, C. **Levantamento das plantas medicinais utilizadas pelas pescadoras em uma comunidade ribeirinha no sudoeste da Amazônia.** Humaitá, 2024. 120f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) – Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente, Universidade Federal do Amazonas. 2024.

A utilização de plantas medicinais é uma prática comum entre as populações tradicionais, e a Etnobotânica é a Ciência que sintetiza algumas informações sobre o conhecimento botânico tradicional. A dissertação teve como objetivo analisar como as plantas medicinais são utilizadas por pescadoras da comunidade Praia de Lábrea no município de Lábrea no estado do Amazonas. Dividido em quatro capítulos, sendo o primeiro relacionado a aspectos conceituais da Etnobotânica no Brasil; o segundo ao contexto socioambiental das pescadoras no Brasil; o terceiro ao perfil socioeconômico e o quarto ao perfil etnobotânico desta comunidade. A referida pesquisa fundamenta-se numa abordagem de cunho quali-quantitativo, cujo método adotado para aquisição dos dados foi por meio de entrevistas/questionários semiestruturados. Assim, foram selecionados de modo aleatório 37 moradores desta comunidade. Com relação aos dados socioeconômicos referentes a vida dessas pessoas, a comunidade é composta por pessoas com idades entre 40 e 60 anos, com uma maioria de pele parda. Grande parte das famílias possuem união estável e uma média de zero a cinco filhos. Em termos de renda, variam de menos de um salário mínimo a um salário mínimo. Segue, também, os dados referentes as características das plantas medicinais como: indicação de uso, método de preparo teve-se como resultado a presença de 80 espécies de plantas pertencendo a 69 gêneros e 35 famílias. Espécies como alfavaca, hortelã, andiroba, copaíba e malvarisco foram mais citadas por essa população. O conhecimento sobre essas plantas foi transmitido por meio de vivências familiares, transmitidas através das gerações, demonstrando a importância da preservação do conhecimento tradicional, constatou que a parte mais utilizada para o consumo são as folhas e o modo de preparo por decocção. Dessa forma, observou-se que os resultados deste trabalho contribuíram de forma significativa no processo de etnoconhecimento do cotidiano da comunidade, além de visualizar como é feita a transmissão do

conhecimento, visando a rica herança cultural local sobre plantas medicinais. Além disso, auxiliou na valorização do etnoconhecimento nesta área e quanto mais pesquisas forem realizadas maior será o reconhecimento do saber dessa população, evidenciando também as preocupações com relação a conservação da biodiversidade que é encontrada nessa região, pois, vem sofrendo com a ação antrópica.

Palavras-chave: Comunidade local; Ribeirinhos; Saber popular

ABSTRACT

WAGNER, C. **Survey of medicinal plants used by fisherwomen in a riverside community in the southwest of the Amazon.** Humaitá, 2024. 120f. Dissertation (Master's in Environmental Sciences) – Institute of Education, Agriculture and Environment, Federal University of Amazonas. 2024.

The use of medicinal plants is a common practice among traditional populations, and Ethnobotany is the Science that synthesizes some information about traditional botanical knowledge. The dissertation aimed to analyze how medicinal plants are used by fisherwomen from the Praia de Lábrea Community in the municipality of Lábrea in the state of Amazonas. Divided into four chapters, the first being related to conceptual aspects of Ethnobotany in Brazil; the second to the socio-environmental context of fisherwomen in Brazil; the third to the socioeconomic profile and the fourth to the ethnobotanical profile of this community. This research is based on a qualitative-quantitative approach, whose method adopted for data acquisition was through semi-structured interviews/questionnaires. Thus, 37 residents of this community were randomly selected. Regarding socioeconomic data regarding the lives of these people, the community is made up of people aged between 40 and 60 years old, with the majority having brown skin. Most families have a stable union and an average of zero to five children. In terms of income, they range from less than a minimum wage to a minimum wage. Also below is the data regarding the characteristics of medicinal plants such as: indication of use, method of preparation, resulting in the presence of 80 species of plants belonging to genera and 35 families. Species such as alfavaca, mint, andiroba, copaíba and malvarisco were most cited by this population. Knowledge about these plants was transmitted through family experiences, transmitted through generations, demonstrating the importance of preserving traditional knowledge, it was found that the most used part for consumption are the leaves and the method of preparation by decoction. In this way, it was observed that the results of this work contributed significantly to the process of ethnoknowledge of the community's daily life, in addition to visualizing how knowledge is transmitted, aiming at the rich local cultural heritage of medicinal plants. Furthermore, it helped to enhance ethnoknowledge in this area

and the more research is carried out, the greater the recognition of the knowledge of this population, also highlighting concerns regarding the conservation of biodiversity found in this region, as it has been suffering from human action.

Keywords: Local community; Riverside; Popular knowledge.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	i
LISTA DE TABELAS	ii
LISTA DE ABREVIATURAS	iii
RESUMO	iv
ABSTRACT	v
1. INTRODUÇÃO GERAL	1
2. OBJETIVOS	7
2.1. Geral	7
2.2. Específicos	7
3. CAPÍTULO I – ASPECTOS CONCEITUAIS DA ETNOBOTÂNICA NO BRASIL: UMA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	8
4. CAPÍTULO II – O CONTEXTO SOCIOAMBIENTAL DAS PESCADORAS NO BRASIL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA	14
5. CAPÍTULO III – CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL SOCIOECONÔMICO DAS PESCADORAS DA COMUNIDADE PRAIA DE LÁBREA, SUL DO AMAZONAS	38
6. CAPÍTULO IV – ETNOBOTÂNICA NA AMAZÔNIA: USO E CONHECIMENTO TRADICIONAL DE PLANTAS MEDICINAIS DAS PESCADORAS NA COMUNIDADE PRAIA DE LÁBREA	53
CONCLUSÕES GERAIS	95
APÊNDICES	97
ANEXO A	119
ANEXO B	120

1. INTRODUÇÃO GERAL

O homem aprecia as propriedades da flora nativa há séculos, sempre as utilizando de diversas maneiras, para a alimentação, vestuário, moradia, produções de utensílios e para fins medicinais (KOVALSKI; OBARA, 2013). Considerando a grande importância dos vegetais para a humanidade, surgiu como Ciência a Etnobotânica, uma área da Biologia que estuda a inter-relação entre os grupos humanos, o ambiente vegetal e suas mudanças com o passar do tempo (ALBUQUERQUE; LUCENA; CUNHA, 2008).

Em muitas comunidades, existem fortes relações das populações com as plantas medicinais, pois elas auxiliam no tratamento e prevenção de doenças. De acordo com Carvalho et al., (2019) as populações desfavorecidas economicamente e comunidades tradicionais, que nem sempre possuem acesso a serviços de saúde e a medicamentos industrializados, utilizam as plantas medicinais como principal recurso para o tratamento de doenças e enfermidades em geral, podendo também serem utilizadas como fonte de renda complementar ou principal para algumas famílias (KOVALSKI; OBARA, 2013; SILVA; SILVA; BRITO, 2018).

Uma planta é tida como medicinal quando possui substâncias que têm ação farmacológica em sua composição química, sendo estas denominadas de princípios ativos (JORGE, 2009). Dentre estes, os principais princípios ativos que podemos encontrar nas plantas são: óleos essenciais, alcaloides, taninos, mucilagens, glicosídeos, flavonoides, ácidos orgânicos e entre outras.

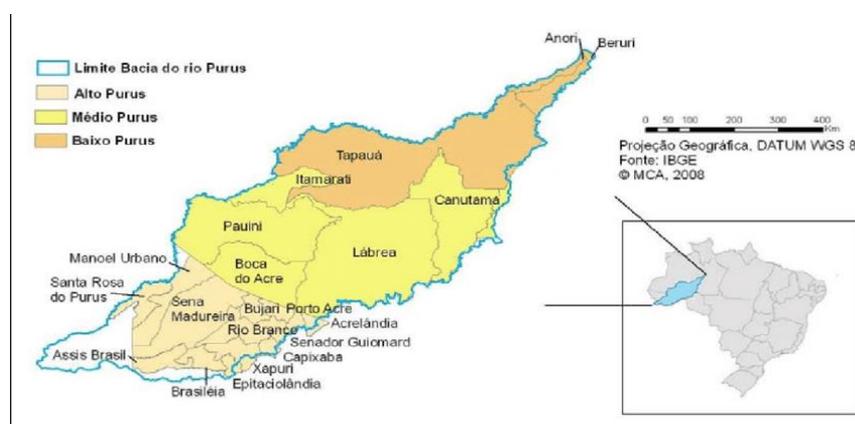
No entanto, alguns deles são prejudiciais à saúde humana, por isso é de suma importância conhecer as propriedades da planta, sua procedência, como deve ser utilizada e o seu preparo correto (LIMA et al., 2014; TAVARES et al., 2015). Diante disso, o estudo dos usos das plantas medicinais deve levar em consideração o contexto social e cultural, uma vez que, o Brasil é considerado o maior país em termos de diversidade biológica e heterogeneidade cultural (SOUZA; FELFILI, 2006; RODRIGUES et al., 2010; LIMA et al., 2019). Assim, tal fato vem despertando nas comunidades científicas o desejo de estudar a fonte de tais recursos.

Considerando o acervo de plantas na floresta amazônica e a heterogeneidade cultural onde muitas espécies não foram estudadas em pesquisas científicas, é primordial que esses estudos etnobotânicos sejam feitos para preservar os saberes das populações tradicionais, para a comunidade científica conhecer as plantas que são utilizadas, contribuindo para o conhecimento, aplicabilidade e desenvolvimento sustentável da região, podendo também baratear os custos na assistência de saúde.

Apesar da riqueza do patrimônio genético, a ausência de pesquisas aprofundadas torna-se evidente ao considerarmos as ameaças que a região enfrenta. O desmatamento em Lábrea, impulsionado pela expansão agrícola e grilagem de terras, destaca a urgência de investigações que possam informar estratégias eficazes de preservação.

Os números mostram que Lábrea assumiu o primeiro lugar do ranking de cidades com maior área desmatada no Brasil (WWF, 2017; GLOBO, 2023), essas atividades colocam em risco tanto a biodiversidade quanto o equilíbrio climático da região e tem impactos significativos na vida das comunidades ribeirinhas que dependem da floresta para sua subsistência.

Além disso, a degradação ambiental intensifica os efeitos das mudanças climáticas, contribuindo para o aumento das temperaturas locais, alterações nos padrões de chuva e agravamento de eventos climáticos extremos. Nesse contexto, é crucial estudar as comunidades que vivem ao longo do rio Purus como mostra a figura 1 e sua relação com as plantas medicinais.



FONTE: ASSIS, M. C. et al., 2008.

Figura 1 - Localização da Bacia do rio Purus

A Etnobotânica e o etnoconhecimento se tornam mediadores essenciais entre os saberes culturais e as práticas de conservação ambiental. No Amazonas, as comunidades ribeirinhas utilizam as plantas medicinais como tratamento alternativo de diversos males e podem ser facilmente encontradas em feiras e casas de ervas em centros urbanos, evidenciando uma grande circulação e aplicação dos saberes a respeito do uso de plantas com propriedades medicinais.

As pescadoras que atuam nesse ramo assumem o papel de transmitir o conhecimento acerca do uso desses remédios caseiros, indicando receitas e misturas para o tratamento de diversas doenças para as gerações seguintes.

Este trabalho também se enquadra em alguns dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), como Saúde e bem-estar que relaciona acabar com epidemias como a malária e doenças tropicais negligenciadas; apoiar a pesquisa e o desenvolvimento de vacinas e medicamentos para as doenças transmissíveis e não transmissíveis, dando ênfase aos produtos naturais que podem ser fabricados com as plantas utilizadas pela comunidade.

Outro objetivo está relacionado com o trabalho decente e crescimento econômico que visa promover o crescimento econômico inclusivo e sustentável, o emprego pleno e produtivo e o trabalho digno para todos. Esse objetivo pode ser alcançado devido aos meios que a comunidade utiliza para sua subsistência, por meio da venda de produtos naturais, sendo o cultivo e comércio sustentável de plantas medicinais que podem criar oportunidades econômicas para a comunidade ribeirinha.

Dessa maneira, ao promover políticas orientadas para o desenvolvimento que apoiem as atividades produtivas, a geração de emprego decente, empreendedorismo, criatividade e inovação a fim de promover o turismo sustentável, que gera empregos e promove a cultura e os produtos locais seria uma opção para essas comunidades.

O objetivo relacionado com cidades e comunidades sustentáveis também está inserido neste trabalho, com o intuito proteger e salvaguardar o patrimônio cultural e natural do mundo; apoiar relações econômicas, sociais e ambientais positivas entre áreas urbanas, periurbanas e rurais. Tendo uma relação com o

estudo de promover práticas sustentáveis de coleta e cultivo de plantas medicinais visando contribuir para a conservação da diversidade biológica, alinhando-se com os objetivos de proteger o patrimônio natural.

E por fim o objetivo referente à vida terrestre com a finalidade de proteger, restaurar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, travar e reverter a degradação dos solos e travar a perda da biodiversidade. Esse objetivo foi alcançado por meio de palestras e folders distribuídos pela comunidade para evidenciar que devemos proteger a natureza e que é necessário reduzir a degradação de habitat naturais.

Todos esses objetivos estão em busca da sustentabilidade e que contribua para o local estudado e para o mundo, visando dirimir os problemas que são gerados diariamente. Essas iniciativas não apenas buscam solucionar desafios imediatos, mas também buscam fomentar o desenvolvimento sustentável, promovendo uma abordagem holística e integrada para a gestão das comunidades e seus ambientes, assegurando um futuro equilibrado e resiliente para as gerações vindouras.

O interesse pelos vegetais neste trabalho deu-se a partir de experiências vivenciadas durante a minha trajetória pessoal, profissional e acadêmica e por observar a transmissão de conhecimentos de familiares envolvendo plantas medicinais na utilização de plantas medicinais na alimentação, medicamentos e no uso diário, tornando-se fundamental registrar esses saberes tão essenciais tanto para a comunidade científica quanto para a população no sudoeste da Amazônia, além de contribuir para a valorização de muitas espécies neste ambiente, para a importância da educação ambiental, para o reconhecimento do conhecimento que as comunidades possuem, na melhoria na saúde e bem-estar e pela necessidade de pesquisas que visem o resgate desses recursos naturais que são esgotáveis, buscando a conservação das espécies e levando para a comunidade boas práticas sustentáveis na exploração das florestas nativas.

Dessa maneira, tendo como participantes as pescadoras que têm conhecimentos e experiências sobre plantas medicinais, o objetivo deste trabalho foi analisar como as plantas medicinais são utilizadas pelas

comunidades ribeirinhas da Amazônia e além disso, verificar se essas informações estão sendo passadas entre as gerações ou se estão sendo perdidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. 2. ed. Recife: COMUNIGRAF, 2008.

CARVALHO, D. S.; LIMA, R. A.; QUERINO, C. A. S.; CAMPOS, M. C. C.; LIMA, J. P. S. Etnobotânica e uso de plantas com potencial terapêutico em assentamentos rurais brasileiros. **Revista Educação Ambiental em Ação**, v. XX, n. 76, p.1-14, 2019.

JORGE, S. S. A. **Plantas Medicinais**: Coletânea de Saberes, 2009. Disponível em: <https://docplayer.com.br/2788147-Plantas-medicinais-coletanea-de-saberes-schirlei-da-silva-alves-jorge.html>. Acesso em: 12 set. 2022.

KOVALSKI, M. L.; OBARA, A. T. O estudo da etnobotânica das plantas medicinais na escola. **Ciência & Educação**, v.19, n.4, p.911-927, 2013.

LIMA, D. F.; PEREIRA, D. L. FRANCISCON, F. F.; REIS, C.; LIMA, V. S.; CAVALCANTI, P. P. Conhecimento e uso de plantas medicinais por usuários de duas unidades básicas de saúde. **Revista Rene**, v.15, n.3, p.383-390, 2014.

LIMA, R. A.; PINTO, M. N.; MENDOZA, A. Y. G.; SILVA, D. R.; NASCIMENTO, F. A.; RODRIGUES, J. J. P.; ALMEIDA, K. P. C.; VIEIRA, R. L.; ASSIS, S. N. S. A importância das plantas medicinais para a construção do conhecimento em botânica em uma escola pública no município de Benjamin Constant-Amazonas (Brasil). **Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar**, v.5, n.2, p.478-492, 2019.

O Globo. Novo epicentro do desmatamento: cidade do AM com maior área devastada tem grilagem, agropecuária e expectativa por rodovia. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/06/novo-epicentro-do-desmatamento-cidade-do-am-com-maior-area-devastada-tem-grilagem-e-agropecuaria.ghtml>. Acesso: 28/11/2023.

RODRIGUES, I. M. C.; SOUZA FILHO, A.P.S.; FERREIRA, F.A.; DEMUNER, A.J. Prospecção química de compostos produzidos por *Senna alata* com atividade alelopática. **Planta Daninha**, v.28, n.1, p.1-12, 2010.

SILVA, D. L.; SILVA, Z. G.; BRITO, L. C. F. L. Uso de plantas medicinais por usuários da atenção básica de saúde no município de Tavares-PB. **Revista Principia: divulgação científica e tecnológica do IFPB**, n. 38, p.129-137, 2018.

SOUZA, C. D.; FELFILI J. M. Uso de plantas medicinais na região de Alto Paraíso de Goiás, GO, Brasil. **Acta Botânica Brasilica**, v. 20, n.1, p.135-142, 2006.

TAVARES, S. A.; BARBOSA, M. C. S.; CAMPOS, C. A. C.; LUCENA, A. G. **Plantas Mediciniais**. Brasília, DF: EMATER-DF, 2015.

WWF. Perfil socioeconômico e ambiental do sul do estado do Amazonas: Subsídios para Análise da Paisagem. 2017. Disponível em: https://d3nehc6yl9qzo4.cloudfront.net/downloads/perfil_sul_amazonas.pdf.

Acesso: 28/11/2023.

2. OBJETIVOS

2.1. Geral

- Analisar como as plantas medicinais são utilizadas pelas pescadoras da comunidade Praia de Lábrea no sudoeste da Amazônia.

2.2. Específicos

- Identificar como o conhecimento etnobotânico está sendo distribuído entre as pescadoras, evidenciando se são um instrumento de valorização, identificação e proteção do conhecimento tradicional.
- Pesquisar como as pescadoras percebem, diferenciam e classificam a vegetação utilizada e manejada.
- Verificar a percepção ambiental das pescadoras sobre o meio ambiente e uso dos recursos naturais.

Esta dissertação está dividida em quatro capítulos. Sendo eles:

ARTIGO I - ASPECTOS CONCEITUAIS DA ETNOBOTÂNICA NO BRASIL: UMA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

ARTIGO II - O CONTEXTO SOCIOAMBIENTAL DAS PESCADORAS NO BRASIL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

ARTIGO III - CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS MORADORES DE PRAIA DE LÁBREA, SUL DO AMAZONAS

ARTIGO IV - ETNOBOTÂNICA NA AMAZÔNIA: USO E CONHECIMENTO TRADICIONAL DE PLANTAS MEDICINAIS NA COMUNIDADE PRAIA DE LÁBREA

3. CAPÍTULO I – ASPECTOS CONCEITUAIS DA ETNOBOTÂNICA NO BRASIL: UMA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

RESUMO

Sendo uma pesquisa de caráter qualitativo, o trabalho buscou traçar as tendências conceituais da Etnobotânica no Brasil, para tal foi realizado um levantamento bibliográfico encontrando quinze trabalhos publicados no período de 2000-2022, disponível nas bases de dados: Scielo, Capes e Google Acadêmico em português, desenvolvidos por pesquisadores brasileiros no país e publicados nas revistas científicas de circulação nacional, em eventos, livros, teses e dissertações. De acordo com a pesquisa realizada, observou-se que há uma quantidade expressiva de pesquisadores e trabalhos disponíveis sobre este tema, e que estes auxiliam no fortalecimento e conhecimento sobre a Etnobotânica, podendo dar suporte para futuras pesquisas na área.

Palavras-chave: Conhecimento tradicional; Plantas medicinais; Resgate cultural.

ABSTRACT

Being a qualitative research, the work sought to trace the conceptual trends of this area in Brazil, for this a bibliographic survey was carried out finding fifteen works published in the period 2000-2022, available in the databases: Scielo, Capes and Google Scholar in Portuguese, developed by Brazilian researchers in the country and published in scientific journals of national circulation, in events, books, theses and dissertations. According to the research carried out, it was observed that there is an expressive amount of researchers and works available on this topic, and that they help in strengthening and knowledge about Ethnobotany, and can support future research in the area.

Keywords: Traditional knowledge; Medicinal plants; Cultural rescue.

INTRODUÇÃO

A partir do surgimento do conhecimento científico, as relações entre o homem e a natureza foram sendo aprofundadas para a construção do entendimento sobre os acontecimentos e fenômenos que ocorrem com os

recursos disponíveis, visando assim, a evolução humana (FARIAS; CORREA; RIBEIRO, 2020).

Tendo esse conhecimento, a população humana tem se relacionado com o cultivo de plantas desde as primeiras civilizações, quando passaram a cultivar seus próprios alimentos e remédios (ZARDO et al., 2016; BRANDELLI, 2017), contribuindo de forma significativa no cuidado das enfermidades humanas e nos rituais religiosos.

Sendo uma importante subárea da botânica, a Etnobotânica, tem ganhado destaque na área científica devido à grande conexão que se estabelece entre o conhecimento popular e a Ciência propriamente dita (FRANCO; LAMANO-FERREIRA; FERREIRA, 2011). Além disso, a Etnobotânica é uma ferramenta relativamente barata de pesquisa que favorece a relação do homem com a vasta diversidade vegetal.

É considerada também um ramo da Etnobiologia, na qual, estuda as relações entre pessoas e plantas, considerando que todos têm seu papel na definição dessas relações (BRASIL, 2018). O estudo da Etnobotânica busca não só o registro do uso dos recursos vegetais presentes em determinada área, mas as formas de manejo como são empregadas por comunidades tradicionais (SILVA et al., 2015).

Devido à sua interdisciplinaridade, decorrente do vasto campo de estudo, apresenta metodologias diversas, originárias tanto das ciências biológicas quanto sociais (MELO; LACERDA; HANAZAKI, 2008). Estudos etnobotânicos representam a oportunidade de integrar o conhecimento construído por uma população local ao conhecimento acadêmico sobre fenômenos e processos naturais.

Dessa maneira, diversos estudos etnobotânicos vêm sendo desenvolvidos no Brasil e no mundo buscando conhecer a medicina e rituais dos diversos povos étnicos (FRANCO; LAMANO-FERREIRA; FERREIRA, 2011). Essa nova Ciência acompanha o surgimento e fortalecimento do Movimento dos Povos Indígenas, dos Seringueiros e dos Quilombolas (DIEGUES et al., 2000), que propõem conhecimentos sobre o uso de plantas.

Os estudos sobre a Etnobotânica visam as formas de organização dos conhecimentos tradicionais, procurando, ainda, plantas que apresentem efetivamente uma atividade terapêutica e que conseqüentemente possibilitem a descoberta de novos fármacos (COUTINHO; TRAVASSOS; AMARAL, 2002).

Hanazaki (2002) ressalta que há diversos estudos de cunho antropológico e etnográfico que documentam o conhecimento de sociedades e populações locais, tradicionais ou indígenas no Brasil. Em numerosas situações, esses saberes são o resultado de uma coevolução entre as sociedades e seus ambientes naturais, o que permitiu a conservação de um equilíbrio entre ambos (DIEGUES et al., 2000).

Nos últimos anos, tem-se visto o grande crescimento do ensino e da pesquisa em Etnobiologia e Etnoecologia em todas as regiões do Brasil, e o número de publicações lançadas é um reflexo desse movimento (HAVERROTH, 2018). Dessa maneira, como objetivo para este tipo de pesquisa buscou-se identificar trabalhos que trouxessem o resgate cultural sobre a Etnobotânica, tendo como objetivo fazer um levantamento bibliográfico para conhecer os conceitos utilizados pelos pesquisadores no Brasil.

MATERIAIS E MÉTODOS

Desenho do estudo

A pesquisa em questão constituiu-se em um levantamento de publicações científicas relacionadas a Etnobotânica, sendo uma pesquisa qualitativa que, de acordo com Cardano (2011), responde de forma específica a uma exigência geral que recobre todo o domínio da pesquisa social, do planejamento de estudo, do trabalho de campo e da análise da documentação empírica.

Além disso, Gibbs (2009) ressalta que a pesquisa qualitativa analisa as experiências individuais e coletivas, que apresentam formas de sentido, podendo ser reconstruídas e analisadas com diferentes métodos qualitativos. Sendo também, uma revisão sistematizada que vem sendo utilizada como método para suprir falhas deixadas pelas revisões narrativas (GOMES; CAMINHA, 2014).

Estratégias de levantamento

Como estratégia para o levantamento de trabalhos, utilizou-se palavras-chaves como: aspectos da Etnobotânica; conceitos da Etnobotânica e Etnobotânica no Brasil. Sendo necessários critérios bem definidos para não ocorrer entraves para o desenvolvimento deste tipo de estudo.

Os critérios de exclusão são definidos como aspectos dos potenciais participantes que preenchem os critérios de inclusão, mas apresentam características adicionais, que poderiam interferir no sucesso do estudo (PATINO; FERREIRA, 2018). Dessa forma, alguns dos critérios foram: o fato de os autores não empregarem o conceito de Etnobotânica em seus trabalhos; a existência de artigos publicados em periódicos não indexados pelos buscadores usados e a pesquisa não ser realizada no Brasil.

Assim, realizou-se uma leitura exploratória do material bibliográfico com uma leitura seletiva, determinando assim, o material mais pertinente ao tema do trabalho. Por fim, procedeu-se a leitura analítica a fim de sumarizar e hierarquizar as informações contidas nos trabalhos consultados, possibilitando assim, a obtenção de resposta ao problema da pesquisa.

Para o melhor entendimento, inseriu-se os dados na (Tabela 1) para compreender e analisar de maneira satisfatória os resultados. A coleta de dados foi realizada em revistas indexadas de forma aleatória nos bancos de dados da Scielo, Google Acadêmico e Capes. As bases de dados foram consultadas entre 2000 à 2022 e foram explorados conceitos sobre a Etnobotânica e sua relação com as plantas medicinais, no idioma português.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com relação à busca por artigos envolvendo estudos etnobotânicos realizados no Brasil e de acordo com os critérios de inclusão e exclusão estabelecidos, encontrou-se muitos trabalhos que estavam relacionados com o tema, no entanto, foram selecionados quinze trabalhos publicados no período de 2000 até 2022, que serão demonstrados na Tabela 1. Diante disso, com a delimitação do tema foi possível acessar quatro livros, sete revistas, três artigos e um evento científico envolvendo estudos etnobotânicos.

Tabela 1 - Trabalhos publicados relacionando conceitos da Etnobotânica no Brasil.

Autores	Título	Localização do estudo	Ano de publicação	Publicação
DIEGUES, A. C. et al.	Biodiversidade e Comunidades Tradicionais no Brasil	São Paulo - SP	2000	NUPAUB
ALBUQUERQUE, U. P.; HANAZAKI, N.	As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas	Rio de Janeiro - RJ	2006	Revista Brasileira de Farmacognosia
BORGES, K. N.; BRITTO, M. B.; BAUTISTA, H. P.	Políticas públicas e proteção dos saberes das comunidades tradicionais	Salvador - BA	2008	Revista de desenvolvimento econômico
OLIVEIRA, F. C. et al.	Avanços nas pesquisas Etnobotânicas no Brasil	Brasília - DF	2009	Acta Botanica Brasilica
PEREIRA, B. E.; DIEGUES, A. C.	Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação	Curitiba - PR	2010	Desenvolvimento e Meio Ambiente
FRANCO, F.; LAMANO-FERREIRA, A. P. N.; FERREIRA, M. L.	Etnobotânica: aspectos históricos e aplicativos desta ciência	Cariri - CE	2011	Caderno de Cultura e Ciência
ROCHA, J. A.; NEFFA, E.; LEANDRO, L. A. L.	A contribuição da Etnobotânica na elaboração de políticas públicas em meio ambiente – um desafio na aproximação do discurso à prática	Guarapuava - PR	2014	Ambiência Guarapuava
ROCHA, J. A.; BOSCOLO, O. H.; FERNANDES, L. R. R. M. V.	Etnobotânica: um instrumento para valorização e identificação de potenciais de proteção do conhecimento tradicional	Campo Grande - MS	2015	Interações

AGOSTINHO, A.B.	Etnobotânica: conhecimentos tradicional e científico	Cuiabá - MT	2016	Revista UFMT
TRINDADE, D. M. S. et al.	Pesquisa Etnobotânica junto à comunidade Santa Isabel, na microrregião de Ceres, estado de Goiás	Anápolis - GO	2016	VII Simpósio Nacional de Ciência e Meio Ambiente – Anais Eletrônicos
LUCENA, R. F. P. et al.	Perspectivas e avanços na Etnobiologia: uma avaliação na conferência internacional do Brasil	João Pessoa - PB	2020	Editora UFPB
MAGALHÃES, K. N.; BANDEIRA, M. A. M.; MONTEIRO, M. P.	Plantas medicinais da Caatinga do Nordeste Brasileiro	Fortaleza - CE	2020	Imprensa Universitária
XAVIER, R. A. T.; SILVA, V. V.; LIMA, R. A.	Etnobotânica e a comunidade: saberes locais de plantas medicinais no Brasil	Rio Branco - AC	2021	SAJEBTT
ALBUQUERQ UE, U.P. et al.	Introdução à Etnobotânica	Rio de Janeiro - RJ	2022	Interciência
ALBUQUERQ UE, U.P.	Aprendendo Etnobiologia	Recife - PE	2022	Nupeea

FONTE: Autoria própria

A questão que trazemos para discussão com relação aos aspectos conceituais, está relacionada com alguns trabalhos que trazem os assuntos sobre a Etnobotânica e que podem estar distribuídos em outras áreas do conhecimento. Como ressalta Clement (1998) que a Etnobotânica possui termos paralelos com a Etnociência.

Dado as informações da localidade das publicações analisadas, é possível observar que a maioria dos trabalhos são da região sudeste do Brasil, mostrando que há uma relação da Etnobotânica com a regionalidade, essa relação pode ser compreendida também, pelo número de publicações e

pesquisadores encontrados nesta área, além da infraestrutura das universidades e apoios para a pesquisa.

A territorialidade amazônica por exemplo, possui uma diversidade muito grande, no entanto, a logística de acesso dificulta a produção do conhecimento em Etnobotânica e até mesmo a sua reprodução.

De acordo com o Ministério do Meio Ambiente (BRASIL, 2022) o Brasil, um dos países de maior diversidade genética vegetal ocupa posição de destaque no que se diz respeito ao patrimônio vegetal genético nacional e sua redução compromete a sustentabilidade do meio ambiente, além disso, as florestas brasileiras possuem uma rica biodiversidade de espécies de plantas medicinais.

Assim, no Brasil e em outros países em desenvolvimento, pode-se observar que a construção e a transformação da Etnobotânica acontecem em um cenário de diversidade cultural, na qual, envolve os conhecimentos, práticas de seus habitantes e diversidade biológica, que constituem um patrimônio de imenso valor potencial, incluindo plantas de interesse que podem ser possíveis fontes de geração de renda e sustentabilidade ambiental (OLIVEIRA et al., 2009).

Dessa maneira, o enfoque dos trabalhos etnobotânicos variam conforme a sustentabilidade e desenvolvimento a partir de respostas dos ambientes locais, fica claro que tanto a conservação quanto o uso sustentável são dependentes da existência de um combinado com a diversidade cultural e a realidade local de cada país, incluindo os tipos de ecossistemas que abrangem e apresentam uma forte influência no direcionamento das pesquisas (HAMILTON et al., 2003)

Para Rocha, Neffa e Leandro (2014) a Etnobotânica nasce em meio a discursos de valorização do conhecimento tradicional sobre o meio ambiente e da aplicabilidade desse saber em formas alternativas da utilização dos bens da natureza como recurso para suas práticas de sobrevivência.

No Brasil, as plantas medicinais foram oficialmente incluídas no SUS - Sistema Único de Saúde, a partir de um conjunto de resoluções e portarias que indicam os instrumentos necessários para a implantação da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos destacando-se a Relação Nacional de Plantas

Medicinais de Interesse ao SUS (BRASIL, 2006), no entanto, poucas cidades realmente aderiram ao programa.

Maciel, Pinto e Veiga Júnior (2002), ressaltam que o uso de plantas no tratamento e melhoria de enfermidades é muito antigo e utilizado por todos os povos. Assim, cresceu exponencialmente o número de instituições e pesquisadores que desenvolvem estudos etnobotânicos, sendo visível a interdisciplinaridade que eles estão inseridos, pois, encontram-se mais de 500 estudos sobre diferentes tópicos para debates (FONSECA-KRUEL; SILVA; PINHEIRO, 2005)

Desse modo, a partir da Etnobotânica, foram criadas diversas áreas para garantir a compreensão das plantas medicinais, envolvendo investigações na medicina tradicional e popular, algumas dessas áreas são a farmacognosia e farmacologia e de acordo com Franco; Lamano-Ferreira e Ferreira (2011) é uma ciência aplicada, de caráter, necessariamente multidisciplinar.

Albuquerque e Hanazaki (2006) relacionam a Etnobotânica com estudos etnofarmacológicos que visam contribuir com a descoberta de novos fármacos de interesse médico ou farmacêutico. Dessa maneira, a ecologia social tem se apoiado na etnociência e em várias áreas que abrangem o conhecimento das populações tradicionais e que são considerados importantes para a conservação, sendo eles a Etnobotânica, Etnoictiologia, Etnobiologia, Etnoecologia e Etnofarmacologia (DIEGUES et al., 2000).

No entanto, essas afirmações eram estabelecidas quando não se tinha uma distinção correta das áreas. Atualmente, os trabalhos estão bem distribuídos e contribuem para o crescimento dessas áreas individualmente. Almeida (2011) ressalta que o Brasil possui competência em todas as áreas da ciência relacionadas com o estudo de plantas medicinais.

A Etnobotânica é uma criação científica de um campo do saber tradicional, representada pelo uso tradicional dos recursos vegetais (MAGALHÃES; BANDEIRA; MONTEIRO, 2020) e o reconhecimento como disciplina científica se deu por muitos esforços (ALBUQUERQUE, 2022b).

Atualmente, a Etnobotânica está sendo definida como o campo de investigação para o estudo tanto das populações tradicionais quanto das sociedades urbano-industriais e sociedades rurais não tradicionais (ALBUQUERQUE et al., 2022a).

Além disso, pode ser definida como o estudo da relação existente entre o homem e as plantas e o modo como essas plantas são usadas como recursos (ROCHA; BOSCOLO; FERNANDES, 2014). Esta Ciência apresenta como característica básica de estudo o contato direto com as populações tradicionais, procurando a relação entre aproximação e vivência que visam resgatar todo conhecimento entre o homem e as plantas de uma comunidade (RODRIGUES; CARVALHO, 2001).

Os estudos de Etnobotânica se fazem extremamente necessários, uma vez que este pode ser o precursor de agentes importantes para uma série de enfermidade (FRANCO; LAMANO-FERREIRA; FERREIRA, 2011), além disso, esta modalidade de estudo pode contribuir em planos de conservação, resgate da cultura e fortalecimento de atos religiosos.

Esta Ciência abre possibilidades de aproximar as pesquisas científicas das atividades da sociedade, especialmente de populações tradicionais e populações historicamente marginalizadas, incluindo a necessidade de conservação e uso mais consciente dos recursos naturais (OLIVEIRA et al., 2009).

Com isso, através da diversidade vegetal e a interação com o ser humano, incorporando a fauna e a flora que são responsáveis pelo equilíbrio e estabilidade dos ecossistemas é possível constituir uma fonte de uso cultural e econômico tornando-se muito mais do que a soma de produtos da natureza, sendo a intervenção das sociedades tradicionais dentro dos habitats naturais em que vivem (AGOSTINHO, 2016).

O uso de espécies vegetais conecta saberes e tradições e mantém acesa a valorização da natureza, manifestada no caráter farmacobotânico de suas receitas, no registro empírico e individual das experiências (CARVALHO et al., 2015). Alguns estudos demonstram uma urgência para o resgate dos saberes tradicionais, os quais servem como subsídios para implementação de sistemas

de manejo, políticas públicas ambientais e geração de conhecimento técnico-científico (BORGES; BRITTO; BAUTISTA, 2008).

A aplicação da Etnobotânica possui alguns pontos fundamentais que justificam sua relevância, como: permitir o conhecimento, sabedoria e práticas da população local e encontrar/identificar problemas de conservação e desenvolvimento sustentável (HAMILTON et al., 2003). Atualmente, a Etnobotânica busca entender o saber popular e o científico e está diretamente ligada ao estímulo para o resgate e na documentação do conhecimento tradicional.

De acordo com os trabalhos analisados, é possível observar que os quatro trabalhos iniciais refletem a uma abordagem principalmente descritiva, visando a ideia de realizar registros de plantas e trabalhos publicados na área. Ao decorrer das pesquisas as metodologias foram aprimorando-se e obteve-se uma melhor disseminação e evolução na área da Etnobotânica. Como ressalta Oliveira et al., (2009) que começaram a surgir estudos etnobotânicos mais direcionados para o entendimento das várias facetas das interações entre pessoas e plantas.

Dentre os trabalhos, observou-se que a evolução da Etnobotânica se deu através do fortalecimento das populações tradicionais. Dessa maneira, como ressalta Pereira e Diegues (2010) às populações tradicionais passaram a ser consideradas importantes atores responsáveis pela proteção do ambiente natural no qual estão inseridas. Esses povos, têm uma grande ligação material com seus territórios, que são a fonte de sua reprodução (SILVA; BURGOS; MARIANO, 2011).

As populações locais são importantes para o sucesso no planejamento de estratégias de desenvolvimento. Muitas comunidades possuem sistemas próprios de manejo, resultado da experiência acumulada durante séculos de relação com os recursos (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002). Dessa maneira, as comunidades que são alvo de estudo das pesquisas Etnobotânicas são peças-chave na obtenção de formas de manejo sustentado dos recursos vegetais e de diversas outras estratégias coerentes com o desenvolvimento sustentável local (QUINTEIRO; TAMASHIRO; MORAES, 2013), sendo

necessário assim, levar um retorno unidirecional entre a Ciência e a população tradicional.

Com isso, pode-se observar a relevância das comunidades tradicionais no processo de proteção da natureza, pois o conhecimento tradicional pode ser visto como um orientador e os estudos etnobotânicos podem ser um instrumento de valorização e de identificação na proteção desse conhecimento. Rocha, Boscolo e Fernandes (2014) relatam que esses povos apontam as diferentes alternativas de atuação para a transformação, valorização e desenvolvimento do local.

A Etnobotânica busca informações a partir do conhecimento de diferentes povos e etnias (ALBUQUERQUE; HANAZAKI, 2006) e o conhecimento tradicional é definido como o conjunto de saberes a respeito do mundo natural, e é transmitido de geração em geração (DIEGUES et al., 2000), dado o seu modo de vida e o uso tradicional dos recursos naturais. Além disso, Xavier, Silva e Lima (2021) ressaltam que nas diferentes populações o uso das plantas medicinais varia de acordo com a procura na região e que estas devem conter um olhar mais cauteloso, evitando sua extinção.

Pode-se afirmar que a Etnobotânica transcende os limites do ambiente acadêmico e estende suas ações para a interação entre a ciência e a sociedade. Nessa abordagem, os pesquisadores têm a valiosa oportunidade de explorar o conhecimento empírico da população e, ao fazê-lo, tornam-se facilitadores de um diálogo enriquecedor, compartilhando informações e saberes com o potencial de causar um impacto significativo (QUINTEIRO; TAMASHIRO; MORAES, 2013).

Os conhecimentos acumulados mediante a relação, valorização e aproveitamento empírico das sociedades humanas auxiliam no desenvolvimento desses saberes, no entanto, a falta de interesse no aprendizado de suas tradições podem ocasionar a perda desse conhecimento e para que isso não ocorra, estudos mais aprofundados poderiam auxiliar na melhoria da qualidade de vida das populações estudadas.

CONCLUSÕES

Desde que o homem começou a buscar os recursos naturais como alternativas para melhorar sua qualidade de vida, as plantas medicinais ocuparam um importante lugar na sociedade como uma possibilidade para o tratamento de diversas doenças.

Observando historicamente sua constituição, através da identificação dos trabalhos publicados, esta área apresentou um crescimento quantitativo e qualitativo importante para a área da Biologia, trazendo novos métodos e valorizando o conhecimento das populações tradicionais.

Dessa maneira, vale ressaltar que o sucesso da pesquisa em Etnobotânica não está apenas no grande número de informações obtidas por meio de entrevistas e coleta de dados, mas principalmente pelo respeito mútuo estabelecido entre o informante e o pesquisador.

Além disso, através desta pesquisa tornou-se possível reconhecer como ocorreu a origem da diversidade de plantas no Brasil. Podendo observar as mudanças de opiniões durante a evolução, mostrando que a Etnobotânica não está apenas inserida em um estudo das formas como as pessoas se relacionam com as plantas, mas mostrando que ela é um símbolo de percepção local e ecológica, portanto, os conhecimentos sobre a Etnobotânica trazem importantes contribuições para a compreensão do funcionamento dos sistemas.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (UFAM-IEAA), a Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) pela concessão de bolsa de mestrado.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, A. B. Etnobotânica: conhecimentos tradicional e científico. **FLOVET-Boletim do Grupo de Pesquisa da Flora, Vegetação e Etnobotânica**. v.1, n.8, p.60-67, 2016.

ALBUQUERQUE, U. P.; HANAZAKI, N. As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v.16(Supl.), p.678-689, 2006.

ALBUQUERQUE, U.P.; ANDRADE, L. H. C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, nordeste do Brasil. **Revista Acta Botanica Brasilica**, v.16, n.3, p.273-285, 2002.

ALBUQUERQUE, U. P. **Aprendendo Etnobiologia**. 1ª ed. Recife, PE: Nupeea: Bauru, SP, 2022a.

ALBUQUERQUE, U. P.; FERREIRA-JÚNIOR, W. S.; RAMOS, M. A.; MEDEIROS, P. M. **Introdução à Etnobotânica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Interciência, 2022b.

ALMEIDA, M. Z. Plantas medicinais: abordagem histórico-contemporânea. In: **Plantas Medicinais** [online]. 3. ed. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 34-66.

BRANDELLI, C. L. C. Plantas medicinais: histórico e conceitos. In: MONTERIO, Siomama da C.; BRANDELLI, Clara L. C. **Farmacobotânica: aspectos teóricos e aplicação**. Porto Alegre: Artmed, 2017.

BRASIL, PORTARIA Nº 971, DE 3 DE MAIO DE 2006 - **Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde**. 2006. Disponível em: https://www.cff.org.br/userfiles/38%20-%20BRASIL_%20MINIST%C3%89RIO%20DA%20SA%C3%9ADE_%20Portaria%20n%C2%BA%20971,%20de%2003%20de%20maio%20de%202006_.pdf. Acesso: 11/06/2022.

BRASIL, A. X. **Estudo etnobiológico sobre a preferência entre plantas e fármacos para o tratamento da dor em uma comunidade quilombola no semiárido brasileiro**. 2018. 145f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Etnobiologia e Conservação da Natureza. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2018.

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. **Biodiversidade brasileira**. 2022. Disponível em: <https://antigo.mma.gov.br/biodiversidade/biodiversidade-brasileira.html>. Acesso: 22/05/2022 às 16:41.

BORGES, K. N.; BRITTO, M. B.; BAUTISTA, H. P. Políticas públicas e proteção dos saberes das comunidades tradicionais. **Revista de desenvolvimento econômico**, v.10, n.18, p.87-92, 2008.

CARDANO, M. **Manual de pesquisa qualitativa**: A contribuição da teoria da argumentação. Editora Vozes: Petrópolis, 2011.

CARVALHO, P. A.; BARROS, V. M. S.; ZONTA, P. L.; SOUZA, H. N. Manutenção da tradição e do conhecimento sobre plantas medicinais em terreiros de Umbanda e Candomblé na Zona da Mata de Minas Gerais. IX Congresso de Agroecologia. **Cadernos de Agroecologia**, v.10, n.3, p.1-9, 2015.

CLÉMENT, D. The historical foundations of ethnobiology. **Journal of Ethnobiology**, v.18, n.2, p.161-187, 1998.

COUTINHO, D. F.; TRAVASSOS, L. M. A.; AMARAL, F. M. M. Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas em comunidades indígenas no estado do Maranhão – Brasil. **Visão Acadêmica**, v.3, n.1, p.7-12, 2002.

DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V.; SILVA, V. C. F.; FIGOLS, F. A. B.; ANDRADE, D. **Biodiversidade e Comunidades Tradicionais no Brasil**. São Paulo: NUPAUP, 2000.

FARIAS, P. L. C.; CORREA, A. C. B.; RIBEIRO, S. C. História do pensamento da etnogeomorfologia no Brasil: uma análise da origem do conceito e possíveis aplicações. **Revista Entre Lugar**, v.11, n.22, p.14-39, 2020.

FRANCO, F.; LAMANO-FERREIRA, A. P. N.; FERREIRA, M. L. Etnobotânica: aspectos históricos e aplicativos desta ciência. **Caderno de Cultura e Ciência**, Ano VI, v.10, n.2, p.17-23, 2011.

FONSECA-KRUEL, V. S.; SILVA, I. M.; PINHEIRO, C. U. B. O ensino acadêmico da etnobotânica no Brasil. Maranhão. **Revista Rodriguésia**, v.56, n.87, p.97-106, 2005.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. Coleção pesquisa qualitativa. Bookman, 2009.

GOMES, I. S.; CAMINHA, I. O. Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as Ciências do Movimento Humano. **Revista da Escola de Educação Física**, v.20, n.01, p.395-411, 2014.

HANAZAKI, N. Comunidades, conservação e manejo: o papel do conhecimento ecológico local. **Revista Biotemas**, v.16, n.1, p.23-47, 2002.

HAMILTON, A. C.; SHENGII, P.; KESSY, J.; KHAN, A. A.; LAGOS-WITTE, S.; SHINWARI, Z. K. **The purposes and teaching of Applied Ethnobotany**. People and plants working paper. Godalming: UK, 2003.

HAVERROTH, M. Ensino e pesquisa em Etnoecologia e Etnobiologia na região norte do Brasil. **Ethnoscientia**, v.3, n.2 especial, p.1-6, 2018.

MACIEL, M. A. M.; PINTO, A. C.; VEIGA Jr., V. F. Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. **Química Nova**, v.25, n.3, p.429-438, 2002.

MAGALHÃES, K. N.; BANDEIRA, M. A. M.; MONTEIRO, M. P. **Plantas medicinais da Caatinga do Nordeste Brasileiro**: etnofarmacopeia do Professor Francisco José de Abreu Matos Fortaleza: Imprensa Universitária, 2020.

MELO, S.; LACERDA, V. D.; HANAZAKI, N. Espécies de restinga conhecidas pela comunidade do pântano do Sul, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. **Rodriguésia**, v.59, n.4, p.799-812, 2008.

OLIVEIRA, F. C.; ALBUQUERQUE, U. P.; FONSECA-KRUEL, V. S.; HANAZAKI, N. Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v.23, n.2, p.590-605, 2009.

PATINHO, C. M.; FERREIRA, J. C. Critérios de inclusão e exclusão em estudos de pesquisa: definições e por que eles importam. **Revista educação continuada: metodologia científica**, v.44, n.2, p.84-84, 2018.

PEREIRA, B. E.; DIEGUES, A. C. Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v.1, n. 22, p.37-50, 2010.

QUINTEIRO, M. M. C.; TAMASHIRO, A. M. G.; MORAES, M. G. Formas de retorno da pesquisa etnobotânica à comunidade no paradigma da complexidade ambiental e educação ambiental. **Revbea**, v.8, n.1, p.91-99, 2013.

ROCHA, J. A.; BOSCOLO, O. H.; FERNANDES, L. R. R. M. V. Etnobotânica: um instrumento para valorização e identificação de potenciais de proteção do conhecimento tradicional. **Interações**, v.16, n.1, p.67-74, 2015.

ROCHA, J. A.; NEFFA, E.; LEANDRO, L. A. L. A contribuição da Etnobotânica na elaboração de políticas públicas em meio ambiente – um desafio na aproximação do discurso à prática. **Ambiência Guarapuava**, v.10, n.1, p.43 – 64, 2014.

RODRIGUES, V. E. G.; CARVALHO, D. A. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais no domínio do cerrado na região do alto Rio Grande – Minas Gerais. *Revista Ciência e Agrotecnologia*. **Lavras**, v.25, n.1, p.102-123, 2001.

SILVA, S. R.; BURGOS, R.; MARIANO, N. F. Territorialidade quilombola nas florestas atlânticas: uma concepção integradora de território a partir da memória. **Revista Geográfica de América Central**, n. Especial EGAL, p.1-16, 2011.

SILVA, C. G.; MARINHO, M. G. V.; LUCENA, M. F. A.; COSTA, J. G. M. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em área de Caatinga na comunidade do Sítio Nazaré, município de Milagres, Ceará, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v.17, n.1, p.133-142, 2015.

XAVIER, R. A. T.; SILVA, V. V.; LIMA, R. A. Etnobotânica e a comunidade: saberes locais de plantas medicinais no Brasil. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**, v.8, n.2, p.165-180, 2021.

ZARDO, A.; OTENIO, J. K.; LOURENÇO, E. L. B.; GASPAROTTO-JUNIOR, A.; JACOMASSI, E. Levantamento de informações etnobotânicas, etnofarmacológicas e farmacológicas registradas na literatura sobre *Tropaeolum majus* L. (Chaguinha). **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v.20, n.3, p.195-198, 2016.

4. CAPÍTULO II – O CONTEXTO SOCIOAMBIENTAL DAS PESCADORAS NO BRASIL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

RESUMO

A região amazônica é caracterizada por uma abundante produção de peixes, e a atividade pesqueira desempenha um papel fundamental na vida das mulheres que vivem nesse local. O objetivo deste artigo foi identificar trabalhos que relacionassem os desafios no cotidiano das pescadoras na região norte do Brasil e também a importância delas para a economia e a cultura amazônica. Dessa maneira, a pesquisa tem caráter qualitativo, sendo uma revisão sistemática em periódicos, relatório final, monografia, dissertações, eventos científicos nos anos de 2000 a 2021. Observou-se que as atividades de pesca na região ocorrem geralmente de forma mais artesanal, ou seja, utilizando barcos pequenos, canoas com pouca autonomia, com tripulação reduzida e baseada em uma economia familiar. As técnicas de pesca são bastante diversificadas, incluindo redes de pesca de vários tipos como: espera, arrasto, anzol e linha, espinhel. Portanto, espera-se que este trabalho sirva para valorizar o conhecimento que as pescadoras amazônidas possuem, incentivando o diálogo entre atores relacionados à diversidade.

Palavras-chave: Amazônia; Conflitos socioeconômicos; Pesca artesanal.

ABSTRACT

The Amazon region is characterized by abundant fish production, and fishing plays a fundamental role in the lives of women who live there. The objective of this article was to identify works that related the challenges in the daily lives of fisherwomen in the northern region of Brazil and also their importance for the Amazonian economy and culture. In this way, the research has a qualitative character, being a systematic review in journals, final report, monograph, dissertations, scientific events in the years 2000 to 2021. It was observed that fishing activities in the region generally occur in a more artisanal way, or that is, using small boats, canoes with little autonomy, with a reduced crew and based on a family economy. Fishing techniques are quite diverse, including fishing nets of various types such as: waiting, trawling, hook and line, longline. Therefore, it

is hoped that this work will serve to value the knowledge that Amazonian fisherwomen have, encouraging dialogue between actors related to diversity.

Keywords: Amazon; Socioeconomic conflicts; Artisanal fishing.

INTRODUÇÃO

As comunidades ribeirinhas dependem diretamente dos recursos naturais da Amazônia para sua subsistência. Isso inclui a pesca, a caça, a coleta de frutos e plantas, e a agricultura. Na Amazônia o conhecer, o saber, o viver e o fazer, foram processos predominantemente indígenas (FRAXE; PEREIRA; WITKOSKI, 2007), no entanto, vários outros grupos possuem suas crenças e métodos, que são usados para o desenvolvimento da comunidade.

A atividade de pesca na Amazônia desempenha um papel crucial na vida das comunidades ribeirinhas e na economia da região. A partir dos anos 1990, as mulheres pescadoras em todo o país se uniram com o objetivo de impactar as políticas públicas relacionadas à pesca artesanal, buscando a inclusão de perspectivas de gênero (ALENCAR; PALHETA, SOUSA, 2015).

A pesca artesanal é uma prática que se destaca por seu baixo grau de tecnologia, seu caráter de pequena escala e simplicidade, frequentemente dispensando o uso de embarcações e contando com a mão de obra de famílias locais. Esta atividade é realizada com o propósito de atender às necessidades de subsistência, suprir demandas locais e gerar renda (FILHO; NOBRE; NETO, 2020). Em geral, a pesca artesanal é conduzida por grupos reduzidos de pessoas que muitas vezes pertencem à mesma família, compartilham amizades ou laços sociais, preservando um caráter profundamente enraizado nas tradições (SANTOS et al., 2018).

A economia da região também se beneficia significativamente da pesca na Amazônia. O setor pesqueiro gera empregos para milhares de pessoas, desde pescadores e processadores de pescado até transportadores e vendedores nos mercados locais e regionais (ALMEIDA, 2006), proporcionando uma fonte vital de renda para muitas famílias na região.

No entanto, a atividade de pesca na Amazônia enfrenta desafios significativos, como a pesca predatória, a degradação do habitat devido ao

desmatamento, à mudança climática, e a competição por recursos naturais. Outro desafio se encontra na mobilidade de muitas comunidades ribeirinhas da Amazônia que estão localizadas em áreas remotas e de difícil acesso (FLORENTINO et al., 2017).

As comunidades ribeirinhas na Amazônia representam um modo de vida único e resiliente, profundamente conectado à natureza e enraizado em tradições culturais. Sua sobrevivência e prosperidade dependem da gestão sustentável dos recursos naturais e do reconhecimento da importância de suas contribuições para a conservação da Amazônia. Portanto, a gestão sustentável dos recursos aquáticos é essencial para garantir a continuidade dessa atividade vital, tanto para as comunidades ribeirinhas quanto para a economia regional, preservando assim a riqueza única da Amazônia (FERREIRA, 2012).

A pesca constitui uma das atividades produtivas mais antigas do mundo que ao longo do tempo foi realizada predominantemente por homens. A participação feminina neste setor ocorreu inicialmente de forma indireta, quando à mulher cabia a responsabilidade do beneficiamento e comercialização do pescado, a confecção e reparo dos instrumentos utilizados pelo homem para a realização da atividade (MARTINS et al., 2013).

A participação feminina na atividade pesqueira representa uma alternativa de subsistência, fonte de trabalho e renda para inúmeras famílias em todo o país. Contudo, a atuação da mulher neste universo ocorre, com algumas questões, num contexto de invisibilidade e desvalorização do seu trabalho, entendido, muitas vezes, como extensão das tarefas domésticas, e não como a pesca propriamente dita (FIGUEIREDO; PROST, 2014; MARTINS; ALVIM, 2016).

Assim, a construção deste trabalho visou identificar trabalhos que relacionassem os desafios no cotidiano das pescadoras na região norte do Brasil e também a importância delas para a economia e a cultura amazônica. Essa temática surgiu pela falta de viabilidade do trabalho das mulheres, buscando mostrar que é necessário darmos o devido reconhecimento e valorização das pescadoras amazônicas.

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa de caráter qualitativo que segundo Flick (2009) consiste na escolha adequada de métodos e teorias convenientes, no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas. Além disso, Gerhardt e Silveira (2009) ressaltam que os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e de diferentes abordagens.

Para identificar, analisar e sintetizar a pesquisa, utilizou-se um levantamento de trabalhos relacionados com as mulheres na pesca. Assim, para a realização da pesquisa foram selecionados alguns critérios de exclusão, sendo eles: trabalhos publicados fora do período de 21 anos; estudos que não informavam questões socioambientais. E critérios de inclusão: estudos que relatam sobre a vida das pescadoras e pescadoras da região norte.

A estratégia de busca foi por meio das bases de dados *Scielo*, *Web of science* e Google acadêmico nos anos de 2000 a 2021. Além disso, utilizou-se alguns termos descritores para melhorar a busca, como: pescadoras na região norte; contexto socioambiental na região norte; mulheres na Amazônia e a importância da pesca na Amazônia.

A discussão que apresentamos neste trabalho concentra-se em evidenciar os desafios enfrentados pelas pescadoras no exercício de sua atividade, abordando questões cruciais relacionadas ao acesso, à disponibilidade de equipamentos e aos recursos necessários. Assim, abordaremos alguns tópicos importantes para o entendimento da temática apresentada.

RESULTADOS

Com a delimitação do tema foi possível acessar 19 trabalhos distribuídos em: uma monografia, uma dissertação, dois relatórios, 14 periódicos e um anais de encontros científicos, podendo ser observado na (Tabela 1).

Tabela 1 - Trabalhos relacionados com a importância da participação das mulheres na pesca.

Número	Autores	Título	Ano de publicação	Publicação	Conclusão
1	CARDOSO, D. M.	Mulher, Pesca e Ambiente	2002	XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação	A implementação do trabalho trouxe mudanças socioeconômicas e culturais significativas. As mulheres envolvidas ganham mais poder de decisão no lar e há uma redução da violência doméstica entre elas.
2	FASSARELLA, S. S.	O trabalho feminino no contexto da pesca artesanal: percepções a partir do olhar feminino	2008	Ser Social	As mulheres enfrentam várias barreiras que impedem o reconhecimento de seu trabalho como produtivo. Além disso, a baixa remuneração é vista como o principal problema.
3	MANESCHY, M. C.; SIQUEIRA, D.; ÁLVARES, M. L. M.	Pescadoras: subordinação de gênero e empoderamento	2012	Estudos Feministas	As mulheres buscam participação e voz não apenas para si mesmas, mas também para representar suas comunidades nas decisões políticas sobre pesca, promover a inserção em novos modelos econômicos e abordar questões democráticas, de direitos e ambientais.
4	MARTINS, M. L. S.	Rios, estuários e mangues: a mulher na pesca artesanal	2013	Dissertação	Evidenciou a importância e singularidade da atuação da mulher neste ofício, cuja realização não consiste somente na captura, tratamento e comercialização do pescado, pois proporciona a transmissão do saber tradicional, relações sociais e afetivas e sobrevivência.
5	FIGUEIREDO, M. M. A.; PROST, C.	O trabalho da mulher na cadeia produtiva da pesca artesanal	2014	Revista Feminismos	Enfrentam diversos problemas, como a falta de equipamentos adequados, infraestrutura para beneficiamento e armazenamento do pescado, e unidades de comercialização. Propõe-se o desenvolvimento de programas de capacitação para jovens e mulheres, a construção e gestão de cooperativas de beneficiamento e comercialização, e a promoção de escolas que incentivem a aprendizagem significativa e a conservação ambiental
6	TEIXEIRA, N. A.	Trabalho e organização sociopolítica das mulheres	2015	Relatório final PIB-SA/0140/2014	O trabalho dessas mulheres é influenciado por tradições culturais transmitidas oralmente e desempenham diversas atividades,

		da comunidade santa luzia em Caapiranga/AM			como a produção de farinha, e se organizam para o bem comum da família e da comunidade.
7	ALENCAR, E. F.; PALHETA, S. P.; DE SOUSA, I. S.	Trabalho na Pesca, ação política e identidade: as mulheres da Colônia de Pescadores Z-32 de Marãã, Amazonas.	2015	Relatório Instituto Mamirauá	As mulheres enfrentaram dificuldades para participar do manejo de pirarucus, mas a criação do GMA permitiu que elas se afirmassem como pescadoras, negociassem e questionassem as estruturas de poder. Proporcionando uma voz coletiva para as mulheres, a construção de identidade e incluindo questões de gênero e participação nas políticas públicas.
8	MARTINS, M. L. S.; ALVIM, R. G.	Perspectivas do trabalho feminino na pesca artesanal: particularidades da comunidade Ilha do Beto, Sergipe, Brasil.	2016	Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas	Destacaram a importância singular da atuação feminina nessa atividade, que proporciona relações sociais e afetivas significativas. Demonstrando autonomia e habilidades na escolha e manuseio dos equipamentos de pesca e transmitindo esse conhecimento entre gerações.
9	PALHETA, M. K. S.; CAÑETE, V. R.; CARDOSO, D. M.	Mulher e mercado: participação e conhecimentos femininos na inserção de novas espécies de pescado no mercado e na dieta alimentar dos pescadores da RESEX Mãe Grande em Curuçá (PA).	2016	Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi - Ciências Humanas	Há uma divisão de trabalho baseada em gênero, com as mulheres responsáveis pela pesca na beira do rio e no mangue, além de cuidar da casa e trabalhar na roça, enquanto os maridos pescam em alto mar. O trabalho das mulheres na pesca é de relevância não apenas no processo de captura, mas também na dinâmica do mercado.
10	FONSECA, M.; ALVES, F.; MACEDO, M. C.; AZEITEIRO, U. M.	O papel das mulheres na pesca artesanal marinha: estudo de uma comunidade pesqueira no município de	2016	Revista de Gestão Costeira Integrada - Journal of Integrated Coastal Zone Management	Relata a intensa jornada diária, conciliando diversas tarefas produtivas e reprodutivas e que a inserção neste ramo é impulsionada pela necessidade de contribuir para o sustento da família,

Rio das
Ostras, RJ,
Brasil.

11	MENDES, S. H. A. PARENTE, T. G.	(In)visibilidade das mulheres na pesca artesanal: uma análise sobre as questões de gênero em Miracema do Tocantins-TO.	2016	Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional	As atividades das mulheres na pesca são diversificadas, no entanto, são invisíveis tanto para as próprias pescadoras quanto para os pescadores da colônia. Gradualmente estão ganhando visibilidade, especialmente nas atividades que antes eram exclusivas dos homens. As mulheres enfrentam uma dupla jornada de trabalho, conciliando atividades profissionais com responsabilidades domésticas.
12	GOES, L. O.; CORDEIRO, R. L. M.	A mulher pescadora no cotidiano da pesca artesanal.	2018	Psicologia em revista	Apesar de participarem de todas as etapas da cadeia produtiva do pescado, desde a captura até a comercialização, as mulheres enfrentam jornadas intensas, condições difíceis e pouco reconhecimento social. Elas são frequentemente excluídas do reconhecimento como pescadoras.
13	LOPES, P. F. M.; FREITAS, C. T.; BEGOSSI, A.	A mulher e a pesca: um olhar sobre a pesquisa e a atuação feminina pesqueira no Brasil.	2020	Ethnoscientia	As mulheres desempenham um papel essencial na segurança alimentar de suas famílias e comunidades, mesmo que suas capturas raramente sejam contabilizadas. Além disso, é importante destacar que, embora algumas pescadoras ocupem cargos de liderança, muitas ainda são excluídas da oportunidade de se afiliar às colônias de pescadores.
14	PAULA, J. R.	Mulher na pesca artesanal: dilemas, histórias e trajetória de vida de uma pescadora em Campos dos Goytacazes-RJ.	2020	Monografia	A invisibilidade persistente do trabalho das mulheres na pesca artesanal, desempenham atividades múltiplas e que são papéis invisibilizados. São necessários pesquisas que possam combater as desigualdades de gênero na pesca.
15	ALVES. K. M.; MATOS. C. C.	O papel da mulher ribeirinha nas relações de produção e comercialização	2020	Humanidade e Inovação	As mulheres participam ativamente na produção e comercialização, embora percebam seu trabalho principalmente como doméstico. Visando o processo de empoderamento dessas mulheres,

		o na agricultura familiar no município de Breves, Pará.			especialmente através da educação, que as capacita a trabalhar de forma sustentável e a se envolver na comercialização dos produtos.
16	NETO, I. R. G. C.; RODRIGUES, G. G.; CANDEIAS, A. L. B.	Pesca Artesanal: identidade e representatividade da mulher pescadora.	2020	Cadernos de Gênero e Tecnologia	As mulheres pescadoras estão emergindo da invisibilidade na pesca artesanal, ocupando novos espaços de expressão que antes lhes eram negados. Esse empoderamento está levando a uma mudança na percepção, onde as mulheres agora reivindicam seus direitos e lutam por uma pesca mais sustentável e justa. A inclusão pode gerar uma gestão mais participativa e inclusiva.
17	SILVA, L. B. M.; ADOMILLI, G. K.	Mulheres na pesca embarcada artesanal: apontamentos sobre educação, saberes e conflitos socioambientais	2020	Educação e Formação	Como essas trabalhadoras podem ser consideradas invisíveis mesmo sendo agentes ativas na atividade. Responsabilidades entre casa e embarcação dificulta o acesso aos direitos sociais e ao reconhecimento, alimentando a desigualdade social. A importância da Educação Ambiental como ferramenta para revelar e transformar os modos de aprendizado e interação com o ambiente,
18	ALENCAR, E. F.; SOUSA, I. S.	Mulheres na gestão de recursos pesqueiros na região do Médio Solimões, Amazônia: conservação da biodiversidade, Acesso à renda e resiliência da pesca	2021	Revista do PPGCS	As mulheres desempenham papéis significativos na tomada de decisões e na organização de projetos relacionados à pesca, participando ativamente na elaboração de regras e normas para garantir a igualdade de acesso aos recursos e à renda. Desenvolvem estratégias para se envolver, muitas vezes trabalhando em equipes familiares. Sua participação não apenas beneficia as comunidades com conhecimento e habilidades técnicas, mas também promove a presença de jovens e crianças.
19	HUGUENIN, F. P.; MARTINEZ, S. A.	Mulheres da Pesca: Invisibilidade e Discriminação Indireta no Direito ao Seguro-Desemprego	2021	Direito Público	Evidencia-se a situação de desamparo estatal enfrentada pelas mulheres da pesca. Mesmo com mandamentos constitucionais igualitários, políticas discriminatórias promovem a desigualdade de gênero, invisibilizando o trabalho feminino. Um exemplo é a falta de reconhecimento das mulheres como

FONTE: A autoria própria

Dentre os trabalhos analisados, podemos observar que os estudos sobre as mulheres na pesca estão cada vez mais frequentes e atualizados, a partir de 2015 houve um aumento significativo nas produções científicas em busca de melhorar a visibilidade e reconhecimento dessas mulheres.

Breve visão geral da atividade de pesca na Amazônia

A pesca é uma das atividades humanas mais antigas, desempenhando um papel crucial na sobrevivência e na cultura de comunidades ao redor do mundo. Ao longo dos séculos, os pescadores desenvolveram um vasto conjunto de técnicas para capturar peixes e outros organismos aquáticos, adaptando-se a diferentes ambientes e desafios. Essas técnicas são um testemunho da habilidade, conhecimento e respeito dos pescadores pelos ecossistemas aquáticos.

A atividade de pesca na Amazônia desempenha um papel fundamental tanto na subsistência das comunidades locais quanto na economia regional. A pesca na região amazônica é notável pela sua diversidade de espécies, que incluem peixes ornamentais, peixes de água doce e crustáceos (SANTOS; SANTOS, 2005). Além disso, a pesca artesanal, amplamente praticada por pescadoras, muitas vezes adota métodos mais sustentáveis, reduzindo o impacto ambiental em comparação com a pesca industrial. Essa abordagem contribui para a conservação dos recursos pesqueiros e fomenta a pesca responsável.

Na atividade pesqueira, as variações entre os períodos de safra e entressafra exercem um impacto significativo na renda dos pescadores, resultando em uma notável flutuação sazonal na pesca local. Os pescadores nas comunidades empregam equipamentos e técnicas de captura que variam de acordo com suas estratégias de pesca, demonstrando uma notável capacidade de adaptação às mudanças sazonais nos níveis de água locais, que incluem períodos de enchente, cheia, vazante e seca (VAZ et al., 2017).

Geralmente, as famílias ribeirinhas praticam a pesca artesanal, utilizando técnicas tradicionais, como a pesca com redes, canoas e armadilhas. Essa atividade desempenha um papel cultural importante, transmitido de geração em geração. Além disso, a pesca desempenha um papel central na dieta dessas comunidades, fornecendo proteína essencial e garantindo a segurança alimentar.

A principal técnica de pesca adotada pela maioria dos pescadores na região amazônica é o uso da rede de emalhar, seguida pelo espinhel, linha de mão, tarrafa, zagaia e arpão (CANAFÍSTULA et al., 2021). A malhadeira é o equipamento de pesca predominante (VAZ et al., 2017) devido à sua facilidade de uso por uma única pessoa e à capacidade de permitir que o pescador se envolva em outras atividades, como a agricultura, enquanto a rede permanece armada.

Os pescadores enfrentam uma série de conflitos significativos, que abrangem desde a pesca predatória a degradação do habitat devido à exploração madeireira, desmatamento, mudanças climáticas que afetam os ecossistemas aquáticos, até disputas territoriais entre pescadores e agricultores, além do desafio decorrente da urbanização, que inclui o problema do despejo de esgotos (FILHO; NOBRE; NETO, 2020). Assim, a expansão da infraestrutura, como represas, pode ter impactos negativos nas populações de peixes e nas comunidades que dependem da pesca (FLORENTINO et al., 2017).

A falta de reconhecimento e direitos de terras e águas é um problema enfrentado por muitas comunidades de pescadores. Muitas vezes, seus direitos de acesso a áreas de pesca são ignorados ou ameaçados por interesses comerciais ou governamentais, o que compromete ainda mais sua subsistência.

Neste caso, os conflitos que surgem da atividade pesqueira na Amazônia frequentemente estão ligados à diminuição dos estoques pesqueiros, resultado da pesca intensiva, tanto industrial quanto artesanal, e à degradação de ecossistemas de alta produtividade. Esses fatores não apenas contribuem para a redução das populações de peixes disponíveis, mas também acirram a competição por esses recursos e pelo controle de territórios (SANTOS et al.,

2018). É crucial realizar uma avaliação abrangente dos impactos da pesca sobre os ecossistemas aquáticos e o meio ambiente para lidar com esses desafios.

Ao mesmo tempo, a explosão demográfica dos grandes centros urbanos amazônicos aumentou a demanda de pescado, contribuindo também para a intensificação da exploração dos principais estoques (SANTOS et al., 2018). No que diz respeito à interação entre seres humanos e o ambiente, o aumento no número de pescadores, a contaminação dos rios, a prática de pesca de arrasto por embarcações de outros estados e o crescimento da população são elementos que contribuem para a redução dos recursos pesqueiros na região (SANTOS et al., 2018).

Os impactos positivos da atividade pesqueira relacionam-se com a geração de renda, a geração de empregos e a produção de alimentos. Ou seja, uma parcela significativa da produção pesqueira que chega até o mercado é resultado do esforço das mulheres que encontram nessa atividade um meio para garantir sua subsistência e a segurança alimentar da família (ALENCAR; SOUSA, 2021).

É importante destacar que a pesca na Amazônia está intimamente ligada à conservação dos recursos naturais da região. Portanto, esforços de gestão sustentável e a proteção dos ecossistemas aquáticos são essenciais para garantir que essa atividade continue a desempenhar um papel vital na Amazônia, tanto para as comunidades locais quanto para a biodiversidade única da região.

Contextualização das comunidades ribeirinhas na região e o papel das mulheres na Amazônia

Situadas na região norte do Brasil, na vasta região da Amazônia, as comunidades ribeirinhas têm suas residências ao longo de rios emblemáticos, como o Amazonas, o Solimões e o Negro (BÔAS; OLIVEIRA, 2013). Vale ressaltar que, frequentemente, essas comunidades estão situadas em áreas remotas de difícil acesso.

A cultura ribeirinha é uma expressão distintiva da rica herança amazônica, caracterizada tanto por sua originalidade quanto pela síntese das experiências sociais e criatividade de seus moradores (ALMEIDA, 2009). As comunidades

ribeirinhas localizadas ao longo das margens do rio Amazonas, na região norte do Brasil, desempenham um papel de extrema relevância tanto na preservação da herança cultural quanto no impulso econômico dessa área.

Essas comunidades geralmente vivem em harmonia com a natureza, dependendo da pesca, agricultura de subsistência e coleta de recursos da floresta. Os rios são suas estradas e fontes de alimento, e as mulheres desempenham um papel vital na obtenção e preparação de alimentos, além de cuidar da família e da casa.

O cenário ribeirinho enfrenta dificuldades relacionadas à precariedade de ações das políticas públicas, incluindo a falta de acesso aos serviços públicos essenciais, como educação e saúde (BÔAS; OLIVEIRA, 2013). Além disso, existem também os problemas com os recursos naturais, como a pesca excessiva e o desmatamento, que são problemas que afetam a sua forma de vida natural.

Na cadeia produtiva da pesca artesanal, as mulheres desempenham uma ampla gama de funções essenciais. No entanto, é preocupante observar que o reconhecimento insuficiente dessas mulheres como protagonistas nesse setor persiste como um desafio. Essa falta de reconhecimento ocorre em vários níveis, incluindo a sociedade em geral, os formuladores de políticas públicas e, às vezes, até mesmo nas próprias percepções das mulheres que atuam nesse campo.

No contexto atual, muitas mulheres se dedicam à pesca artesanal como meio de sustento e trabalho diário, contudo, enfrentam uma notável falta de reconhecimento social por parte dos colegas de profissão, o que acaba por criar desafios significativos para as mulheres que buscam prosperar nesse setor. Essa falta de reconhecimento não apenas prejudica o progresso das mulheres na pesca artesanal, mas também subestima a valiosa contribuição que elas oferecem a essa indústria vital.

Há uma harmonia entre os domínios da natureza e da cultura, com o processo produtivo centralizado principalmente na pesca e na agricultura. Essas atividades se ajustam aos padrões climáticos locais, refletindo uma forte conexão com o ambiente natural. Além disso, essas comunidades valorizam e

preservam tradições que promovem a utilização sustentável dos recursos naturais, demonstrando uma abordagem compartilhada na relação com animais, plantas e o ambiente em geral (GUARIM, 2000).

As mulheres, em geral, são donas de casa, criam animais domésticos, ajudam nos trabalhos do campo, encarregam-se dos afazeres domésticos, ademais, a mulher ribeirinha tem um papel que abrange diversas áreas como a economia, onde muitas mulheres cuidam da economia familiar e comunitária, pois participam ativamente da pesca, agricultura que na maior parte é para seu próprio consumo e produção de artesanato (GUARIM, 2000; HUGUENIN; MARTINEZ, 2021).

As ribeirinhas nas comunidades pesqueiras desempenham um papel fundamental na preservação do meio ambiente. Possuindo um profundo conhecimento das práticas de manejo sustentável, elas contribuem significativamente para a conservação da fauna e da flora. Este comprometimento é uma extensão natural de sua conexão profunda com a natureza, que se baseia em saberes tradicionais transmitidos de geração em geração. Além disso, muitas delas empreendem esforços locais dedicados à proteção dos recursos naturais, solidificando seu papel como guardiãs do ambiente (PALHETA; CAÑETE; CARDOSO, 2016).

Assim, essas mulheres são as principais cuidadoras de suas famílias e tem um papel importante na educação e no cuidado com a saúde de seus filhos e da sua comunidade, no entanto, o crescimento da competição e das dificuldades impostas pelo mercado de trabalho, essas mulheres se deparam com inúmeras exigências e dificuldades em realizar o trabalho doméstico, cuidado e na educação dos filhos (PINTO; PONTES; SILVA, 2018).

Na pesquisa de Alves e Matos (2020) relataram que em uma comunidade ribeirinha, notaram a diferença entre os gêneros em relação ao acesso a documentação civil. Ações como esta são imprescindíveis para solucionar, de forma imediata, alguns problemas relacionados ao acesso das mulheres às políticas públicas sociais. Sendo evidente que essas ações não promovem grandes mudanças em relação à superação das desigualdades de gênero,

embora representem uma ação importante no sentido de assegurar cidadania às mulheres.

Exploração das oportunidades e empoderamento das mulheres ribeirinhas são questões cruciais que ajudariam promover a igualdade de gênero nas comunidades ribeirinhas, sendo de extrema importância para melhorar as condições de vida e fortalecer essas comunidades (MANESCHY; SIQUEIRA; ÁLVARES, 2012). Com o decorrer do tempo, ocorreu esforços para empoderar essas mulheres fortalecendo suas capacidades e ajudando a dar mais oportunidades. Incluindo programas de treinamento em habilidades de geração de renda, educação e saúde reprodutiva (ALVES; MATOS, 2020).

As mulheres que são polivalentes e assumem diversas atividades na casa e na comunidade, quais sejam: trabalhar no roçado com o preparo da terra e plantio, participar de grupos de produção, se envolver em atividades políticas e culturais da comunidade, além dos afazeres domésticos (TEIXEIRA, 2015), atividades como estas auxiliam na renda e geram autonomia financeira para as mulheres. Programas de educação e capacitação foram criados para melhorar suas habilidades e conhecimento, isso inclui treinos de agricultura sustentável, técnicas de pesca e educação financeira.

Os desafios de sustentabilidade e a pressão ambiental destacam a necessidade de um manejo cuidadoso e da conservação dos recursos aquáticos amazônicos para as futuras gerações (FREITAS; RIVAS, 2006). Dessa forma, essas atividades resultam no desenvolvimento de mulheres ribeirinhas e que deveriam ser implementadas em todas as comunidades, pois, por meio delas, ajudam a incentivar sua participação na tomada de decisões locais, assim como na defesa de seus direitos e as mulheres acabam se tornando líder da sua comunidade.

Instruir essas mulheres ribeirinhas sobre seus direitos é de extrema importância para que elas possam tomar decisões informadas e enfrentar desafios como a discriminação de gênero e violação doméstica. O empoderamento das mulheres ribeirinhas não apenas melhora sua vida individualmente, mas também contribui para o desenvolvimento dessas e ajuda na preservação dos recursos naturais da região.

Aspectos culturais e tradicionais relacionados à pesca e ao cotidiano das pescadoras na região norte

A falta de visibilidade das mulheres nas atividades de pesca e em outros aspectos da indústria pesqueira, tornou-se um tópico de grande importância tanto na pesquisa etnográfica quanto na análise conceitual. Isso tem motivado uma revisão aprofundada da literatura acadêmica, que agora explora minuciosamente o papel das mulheres na indústria pesqueira em diferentes países (ALENCAR; SOUSA, 2021).

A pesca artesanal é enriquecida pela herança ancestral, com técnicas transmitidas de geração em geração, de pais para filhos e de mães para filhas. Essa prática abraça uma compreensão holística da reprodução da vida, que está profundamente entrelaçada com os sistemas naturais (LOUREIRO, 2016). Contudo, na maioria das vezes, a participação feminina na pesca é inviabilizada ou descrita num contexto de cooperação, no entanto, isso tem mudado.

É possível perceber a influência que a figura masculina exerce sobre a participação da mulher na atividade, uma vez que é por meio dessa figura que a mulher se insere na pesca. Na maioria das vezes as pescadoras iniciam suas atividades com o pai, com o irmão ou o próprio companheiro (MENDES; PARENTE, 2016).

Essa dinâmica reflete a importância das redes familiares e do apoio das figuras masculinas como portas de entrada para as mulheres na pesca. No entanto, é essencial observar que essa dependência inicial em relação aos homens também pode criar desafios para as mulheres que desejam independência e reconhecimento próprio no setor pesqueiro.

Segundo, Martins e Alvim (2016) em algumas situações, mesmo que as mulheres realizem dupla jornada de trabalho, conciliando atividades reprodutivas e produtivas, na perspectiva de alguns, as atividades exercidas pelas mulheres da comunidade pesqueira artesanal são consideradas como uma ajuda, extensão das tarefas domésticas, uma obrigação ou um apoio e não representam, pelo menos subjetivamente, o sustento da família (CARDOSO; 2002; PAULA, 2020).

No cenário atual, observa-se um aumento significativo da participação das mulheres na pesca, tanto na captura quanto na comercialização. No entanto, essas mulheres enfrentam desafios no que diz respeito ao reconhecimento de suas habilidades profissionais, apesar de demonstrarem que o conhecimento feminino está intimamente ligado a uma percepção mais profunda dos recursos naturais disponíveis para consumo.

As divisões sexuais do trabalho causam desigualdades relacionadas ao valor dos trabalhos masculinos e femininos. De acordo com Paula (2020) essas divisões acabam interferindo na valorização e visibilidade do trabalho feminino, tornando o trabalho das mulheres pouco reconhecido e menosprezado. Assim, a participação das mulheres na pesca é um aspecto relevante no qual introduz uma abordagem de gênero com relação à questão da equidade no acesso aos recursos pesqueiros e à renda (FONSECA et al., 2016; ALENCAR; SOUSA, 2021).

Alencar e Sousa (2021) evidenciam alguns indicadores da situação de injustiça vivenciada pelas pescadoras artesanais e que fazem parte da Meta 1 (erradicar a pobreza) e 2 (erradicar a fome) do Objetivo do Desenvolvimento Sustentável, esses indicadores estão ligados com o volume da produção que elas geram e as condições de acesso ao mercado e a renda.

É relevante observar que, mesmo que não haja uma separação clara de funções com base no gênero durante as operações de pesca no barco, surgem outras formas de desigualdade após a conclusão dessas atividades. Isso ocorre porque, nesse momento, as responsabilidades em terra frequentemente recaem sobre as mulheres, que assumem a maior parte das tarefas domésticas, bem como o cuidado com os filhos, entre outras obrigações (PAULA, 2020).

Dessa maneira, torna-se evidente uma sobrecarga de afazeres as pescadoras, pois, na maioria das vezes, não têm condições de pagar outra pessoa para cuidar de seus filhos. Além disso, as condições de trabalho não são nada fáceis, o que reflete na condição de renda das pescadoras e influi, portanto, na qualidade de vida e nas condições socioeconômicas das famílias.

As mulheres desempenham tanto tarefas remuneradas quanto não remuneradas, e muitas vezes precisam conciliar as atividades de pesca com as

tarefas domésticas. Mesmo diante dessa carga de trabalho considerável, o trabalho das mulheres é frequentemente percebido como uma mera assistência (GOES; CORDEIRO, 2018).

Desempenham também, um papel central na gestão logística dos acampamentos, que fornecem apoio essencial para as atividades de captura de peixes nos lagos, muitas vezes se estendendo por várias semanas. Elas contribuem significativamente na montagem e manutenção dos acampamentos terrestres, assim como na limpeza das embarcações que servem como abrigo para suas famílias (ALENCAR; SOUSA, 2021).

Além disso, é relevante destacar que a maioria das pescarias executadas pelas mulheres ao longo do ano tem como foco primordial suprir as demandas de proteína para suas famílias, enquanto as pescarias conduzidas pelos homens estão voltadas principalmente para a comercialização, abastecendo tanto os mercados locais quanto regionais (ALENCAR; SOUSA, 2021) gerando renda para a família.

Na pesca artesanal os homens possuem papel de destaque sendo retratados como mestres de pesca. Já as mulheres, tem que conciliar os afazeres domésticos, o cuidado com os filhos e família com suas atividades de pescaria, ocasionando, a deslegitimação e invisibilidade da mulher pescadora (NETO; RODRIGUES; CANDEIAS, 2020).

Com uma renda mensal limitada a um salário mínimo, esses pescadores enfrentam a realidade de que a renda gerada exclusivamente pela pesca não é suficiente para sustentar suas famílias. Diante desse desafio econômico, eles buscam diversificar suas fontes de renda por meio de atividades complementares, como a extração de produtos florestais, agricultura, carpintaria, entre outras (CANAFÍSTULA et al., 2021). É importante notar que para alguns pescadores, a baixa renda pode ser atribuída à dependência exclusiva da pesca como sua única fonte de trabalho.

Neste contexto, é importante destacar a escassez de investimentos destinados ao setor pesqueiro, abrangendo áreas como assistência, economia e bem-estar social. O estreitamento das relações entre as partes interessadas abre espaço para a discussão de diretrizes que visam à prestação de suporte

técnico, à formulação e à implementação de políticas públicas mais alinhadas com as necessidades e desafios enfrentados pelos pescadores (SANTOS et al., 2018).

As colônias de pescadores desempenham um papel crucial na representação da categoria em relação às questões sociais, civis e econômicas. No entanto, é preocupante observar que, em alguns casos, essas entidades são utilizadas para atender a interesses políticos e financeiros, incluindo, infelizmente, até mesmo os de seus próprios membros. Essa prática acaba relegando a segundo plano o propósito fundamental de representação e defesa dos direitos da classe (SANTOS et al., 2018).

Pescadores que iniciaram sua jornada na atividade desde a infância, encontrando-se, portanto, em uma situação de maior exposição às condições precárias de trabalho, enfrentando desafios na busca por sua aposentadoria, devido à dificuldade em comprovar o tempo de contribuição junto à Previdência Social (SANTOS et al., 2018). Para complementar a renda familiar, esses indivíduos dependem em sua maioria do seguro defeso e de programas de bolsas governamentais (CANAFÍSTULA et al., 2021).

Os pescadores e pescadoras frequentemente enfrentam uma série de desafios relacionados à saúde, que podem ser compreendidos considerando a natureza de sua ocupação e as condições adversas a que estão expostos. Podendo ser: lesões e acidentes; condições de trabalho adversas; saúde mental; exaustão e falta de sono e doenças ocupacionais.

Devido às longas jornadas de trabalho, que muitas vezes se estendem por até 12 horas diárias, esses profissionais estão sujeitos a uma sobrecarga física considerável. Além disso, trabalham independentemente das condições climáticas, o que os expõe a riscos adicionais (DIAS; SOUZA, 2020). Tendo também, o desgaste físico e emocional que interfere nas atividades domésticas e nas atividades da pesca (FASSARELLA, 2008)

As dores nas costas, os problemas na visão surgem ainda na juventude (GOES; CORDEIRO, 2018). Estes problemas são resultados diretos do esforço físico contínuo e da exposição do corpo às condições adversas durante a pesca. Na ausência de cuidados médicos e suporte social adequado, a tendência é que

esses problemas de saúde se agravem ao longo do tempo, podendo até mesmo impossibilitar a continuidade da atividade pesqueira.

A participação ativa das mulheres na pesca sustentável abre oportunidades para que elas obtenham renda que possam gerenciar e lhes dá autonomia para tomar decisões estratégicas sobre onde investir. Alencar e Sousa (2021) relatam que a busca por equidade de gênero tem sido estimulada pela crescente tomada de consciência e empoderamento das mulheres, que reconhecem a importância de que seu trabalho seja valorizado e recompensado de maneira igualitária em relação aos homens

Portanto, a pesca na Amazônia não se limita a ser apenas uma atividade comercial, uma fonte de renda ou alimentação. Ela representa uma expressão cultural de valor inestimável, embora seja frequentemente negligenciada em trabalhos técnicos que tendem a enfatizar principalmente dados estatísticos (SANTOS; SANTOS, 2005).

As mulheres vêm ganhando algum reconhecimento e começam, mesmo que timidamente, a ocupar postos de liderança ou a ser devidamente remuneradas por sua atividade (LOPES; FREITAS; BEGOSSI, 2020; SILVA; ADOMILLI, 2020). Isso ocorre por conta da conscientização sobre a igualdade de gênero e uma maior valorização das contribuições das mulheres para a sociedade.

Com frequência, subestima-se o papel das mulheres na pesca. No entanto, é fundamental compreender o ambiente social e ecológico em que essas mulheres trabalham, pois isso desempenha um papel vital na promoção da igualdade de gênero, no avanço do desenvolvimento sustentável e na preservação dos recursos aquáticos.

CONCLUSÕES

Este trabalho destacou a importância de reconhecer e apoiar as pescadoras como agentes fundamentais na preservação dos ecossistemas aquáticos e na sustentabilidade das comunidades ribeirinhas. É preciso reforçar a necessidade de políticas de desenvolvimento social e ambiental que utilizem

uma análise de gênero e que valorizem as especificidades da mulher no meio pesqueiro.

Além disso, é necessário observar que o desenvolvimento da atividade pesqueira e desenvolvimento econômico das populações que dependem direta ou indiretamente da pesca na região, sofrem constantemente com mudanças climáticas, desmatamento e outros fatores que afetam as condições de vida como os desafios que enfrentam por conta do acesso limitado a serviços públicos, evidenciando um contexto socioeconômico com poucos recursos à educação e serviços de saúde.

É notório que a participação da mulher tem evoluído nos últimos anos, sugerindo mudanças efetivas que configuram uma nova fase de inserção feminina nas organizações e movimentos sociais locais, mostrando também, a contextualização de suas vidas que desempenham múltiplos papéis na sua família e que envolve uma grande conexão com os rios, a natureza e a luta por um equilíbrio sustentável entre o desenvolvimento, economia e a preservação da fauna e da flora.

Portanto, o estabelecimento de políticas públicas é essencial para que incentivem ainda mais a participação ativa das mulheres em diversos aspectos. Isso inclui promover o papel das organizações na defesa dos direitos das mulheres, fortalecer a presença e liderança feminina dentro das próprias organizações, combater de forma enérgica a violência contra as mulheres, garantir o acesso a serviços de saúde específicos e promover a conscientização sobre higiene pessoal.

Além disso, é fundamental oferecer cursos e capacitações voltados para atividades geradoras de renda, permitindo que as mulheres tenham mais oportunidades de independência econômica e autonomia. Relevando a necessidade de empoderamento e treinamento para melhorar as condições de vida e a igualdade de gênero nas comunidades ribeirinhas.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA), a Universidade Federal do Amazonas – UFAM/IEAA pela concessão de bolsa de

PIBIC e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) pela concessão de bolsa de pesquisa de mestrado.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, E. F.; PALHETA, S. P.; DE SOUSA, I. S. Trabalho na Pesca, ação política e identidade: as mulheres da Colônia de Pescadores Z-32 de Maraã, Amazonas. **Aquí estamos nós”: entre as águas dos mares, nas águas dos rios, nas terras de trabalho na pesca artesanal**, p.39-69, 2015.

ALENCAR, E. F.; SOUSA, I. S. Mulheres na gestão de recursos pesqueiros na região do médio Solimões, Amazônia: conservação da biodiversidade, acesso à renda e resiliência da pesca. **Revista do PPGCS – UFRB – Novos Olhares Sociais**, v.4, n.2, p.139-169, 2021.

ALMEIDA, E. M. M. Cultura e identidades dos ribeirinhos da ilha dos carás no município de Afuá. **Revista Cocar**, v.3, n.6, p.31-42, 2009.

ALMEIDA, O. **Manejo de pesca na Amazônia brasileira**. 1. ed. Peirópolis, 2006.

ALVES, K. M.; MATOS, C. C. O papel da mulher ribeirinha nas relações de produção e comercialização na agricultura familiar no município de breves, Pará. **Humanidade e Inovação**, v.7, n.16, p.417-432, 2020.

BÔAS, L. M. S. V.; OLIVEIRA, D. C. A saúde nas comunidades ribeirinhas da região norte brasileira: revisão sistemática da literatura. **Atas – Investigação qualitativa em saúde**, v.2, n.1, p.1386-1395, 2013.

CANAFÍSTULA, F. P.; CINTRA, I. H. A.; SILVA, K. C. A.; ARAGÃO, J. A. N.; MONTEIRO, E. P.; SANTOS, M. A. S. Pescadores artesanais da foz do Rio Amazonas, Amazônia, Brasil. **Revista Desenvolvimento Socioeconômico em debate**, v.7, n.2, p.102-121, 2021.

CARDOSO, D. M. Mulher, Pesca e Ambiente. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **Anais... XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA**, 2002.

DIAS, G. K. S.; SOUZA, L. A. **Problemas de saúde relacionados à atividade pesqueira comercial em Manaus, Amazonas**. In: BARBOSA, F. C. Engenharia

de pesca: produtividade e sustentabilidade. 1. ed. Piracanjuba: Editora Conhecimento Livre, 2020. p.294-310.

FASSARELLA, S. S. O trabalho feminino no contexto da pesca artesanal: percepções a partir do olhar feminino. **Ser Social**, v.10, n.23, p.171-194, 2008.

FERREIRA, D. Modo de vida e uso dos Recursos Naturais em uma Comunidade Ribeirinha das Ilhas de Abaetetuba/PA. **Terceira Margem Amazônia**, v.1, n.2, p.85-106, 2012.

FIGUEIREDO, M. M. A.; PROST, C. O trabalho da mulher na cadeia produtiva da pesca artesanal. **Revista Feminismos**, v.2, n.1, p.82-93, 2014.

FILHO; NOBRE; NETO, O perfil socioeconômico e a percepção ambiental dos pescadores da Lagoa do Apodi, Rio Grande do Norte, Brasil. **Interações**, v.21, n.4, p.721-737, 2020.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONSECA, M.; ALVES, F.; MACEDO, M. C.; AZEITEIRO, U. M. O papel das mulheres na pesca artesanal marinha: estudo de uma comunidade pesqueira no município de Rio das Ostras, RJ, Brasil. **Revista de Gestão Costeira Integrada - Journal of Integrated Coastal Zone Management**, v.16, n.2, p.231-241, 2016.

FLORENTINO, G. D.; FREITAS, J. S.; RODRIGUES, D. O.; NASCIMENTO, J. R. M.; PADILHA, L. M. Desafios de pescadores a subsistência na Amazônia. **Revista Caribeña de Ciencias Sociales**, v.1, n.1, p.1-25, 2017.

FRAXE, T. J. P.; PEREIRA, H. S.; WITKOSKI, A. C. **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais**. 2.ed. Manaus: EDUA, 2007.

FREITAS, C. E. C.; RIVAS, A. A. F. A pesca e os recursos pesqueiros na Amazônia Ocidental. **Ciência e cultura**, v.58, n.3, p.30-32, 2006.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOES, L. O.; CORDEIRO, R. L. M. A mulher pescadora no cotidiano da pesca artesanal. **Psicologia em Revista**, v.24, n.3, p.778-796, 2018.

GUARIM, V. L. Sustentabilidade ambiental em comunidades ribeirinhas tradicionais. In: III Simpósio sobre recursos naturais e socioeconômicos do pantanal. 2000. Corumbá-MS. **Anais.**, Corumbá: Embrapa-Pantanal, 2000. p.1-33.

HUGUENIN, F. P.; MARTÍNEZ, S. A. Mulheres da Pesca: Invisibilidade e Discriminação Indireta no Direito ao Seguro Desemprego. **Direito Público**, v.18, n.97, p.660-68, 2021.

LOPES, P. F. M.; FREITAS, C. T.; BEGOSSI, A. A mulher e a pesca: um olhar sobre a pesquisa e a atuação feminina pesqueira no Brasil. **Ethnoscience**, v. 5, n.1, p.1-12, 2020.

LOUREIRO, Y. V. M. Povos tradicionais e comunidades pesqueiras: o processo identitário como forma de luta por direitos. **Revista de Geografia**, v.6, n.3, p.305-314, 2016.

MANESCHY, M. C.; SIQUEIRA, D.; ÁLVARES, M. L. M. Pescadoras: subordinação de gênero e empoderamento. **Estudos Feministas**, v.20, n.3, p.713-737, 2012.

MARTINS, M. L. S. **Rios, estuários e mangues: a mulher na pesca artesanal**. 2013. 140f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013.

MARTINS, M. L. S.; ALVIM, R. G. Perspectivas do trabalho feminino na pesca artesanal: particularidades da comunidade Ilha do Beto, Sergipe, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v.11, n.2, p. 379-390, 2016.

MENDES, S. H. A. PARENTE, T. G. (In)visibilidade das mulheres na pesca artesanal: uma análise sobre as questões de gênero em Miracema do Tocantins-TO. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional**, v.4, n.2, p.177-199, 2016.

NETO, I. R. G. C.; RODRIGUES, G. G.; CANDEIAS, A. L. B. Pesca Artesanal: identidade e representatividade da mulher pescadora. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, v.13, n.42, p.62-76, 2020.

PALHETA, M. K. S.; CAÑETE, V. R.; CARDOSO, D. M. Mulher e mercado: participação e conhecimentos femininos na inserção de novas espécies de pescado no mercado e na dieta alimentar dos pescadores da RESEX Mãe Grande em Curuçá (PA). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi - Ciências Humanas**, v.11, n.3, p.601-619, 2016.

PAULA, J. R. **Mulher na pesca artesanal**: dilemas, histórias e trajetória de vida de uma pescadora em Campos dos Goytacazes-RJ. 47f. Monografia (Bacharel em Ciências Sociais) - Universidade Federal Fluminense – UFF, Campos dos Goytacazes, 2020.

PINTO, N. M. A.; PONTES, F. A. R.; SILVA, S. S. C. As redes de apoio social das mulheres ribeirinhas da Amazônia: uma abordagem ecológica. **Mudanças – Psicologia da saúde**, v.26, n.1, p.11-22. 2018.

SANTOS, G. M.; SANTOS, A. C. M. Sustentabilidade da pesca na Amazônia. **Estudos avançados**, v.19, n.54, p.165-182, 2005.

SANTOS, A. C. M.; SANTOS, K. P.; FORTUNATO, W. C. P.; SILVA, D. R.; LEÃO, T. T. A.; RIBEIRO, A. B. N. Conflitos socioambientais e problematizações na pesca: relatos dos pescadores artesanais da localidade do igarapé da fortaleza, Macapá - Amapá – Brasil. **Revista Gestão & Sustentabilidade Ambiental**, v.7, n.3, p.74-190, 2018.

SILVA, L. B. M.; ADOMILLI, G. K. Mulheres na pesca embarcada artesanal: apontamentos sobre educação, saberes e conflitos socioambientais. **Revista Educação e Formação**, v.5, n.3, e1977, 2020.

TEIXEIRA, N. A. **Trabalho e organização sociopolítica das mulheres da comunidade Santa Luzia em Caapiranga/AM**. Relatório final – PIB-SA/0140/2014, Manaus, 2015.

VAZ, E. M.; RABELO, Y. G. S.; CORRÊA, J. M. S.; ZACARDI, D. M. A pesca artesanal no lago Maicá: aspectos socioeconômicos e estrutura operacional. **Biota Amazônia**, v.7, n.4, p.6-12, 2017.

5. CAPÍTULO III – CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL SOCIOECONÔMICO DAS PESCADORAS DA COMUNIDADE PRAIA DE LÁBREA, SUL DO AMAZONAS

RESUMO

Este estudo teve como objetivo realizar uma análise abrangente das condições socioeconômicas na comunidade da Praia de Lábrea, com foco na identificação dos principais desafios enfrentados pelas mulheres pescadoras dessa região. Utilizamos uma abordagem mista, incluindo entrevistas/questionários semiestruturados aplicados a 37 famílias de diferentes faixas etárias. Os resultados revelaram que a população da Praia de Lábrea é predominantemente composta por pessoas com idades entre 40 e 60 anos, com uma maioria de pele parda. A maioria das famílias possui união estável e uma média de zero a cinco filhos. Em termos de renda, variam de menos de um salário mínimo a um salário mínimo. Quanto à educação, observamos uma gama de níveis de escolaridade, desde pessoas sem educação formal até aquelas com formação no ensino superior. Os resultados deste estudo destacam a importância de compreender as realidades específicas das comunidades como a Praia de Lábrea. Além disso, ressaltam a necessidade de políticas públicas direcionadas a essa população que é pouco reconhecida e valorizada. Tais políticas podem desempenhar um papel crucial na redução das desigualdades, combate à pobreza e melhoria das condições de vida dessa comunidade.

Palavras-chave: Comunidade ribeirinha, Pescadoras, Sul do Amazonas.

ABSTRACT

This study aimed to carry out a comprehensive analysis of socioeconomic conditions in the Praia de Lábrea community, focusing on identifying the main challenges faced by women fishermen in this region. We used a mixed approach, including interviews and semi-structured/questionnaires applied to 37 families of different age groups. The results revealed that the population of Praia de Lábrea is predominantly made up of people aged between 40 and 60 years, with a majority of brown skin. The majority of families have a stable union and an average of zero to five children. In terms of income, they range from less than a minimum wage to a minimum wage. Regarding education, we observed a range

of education levels, from people without formal education to those with higher education training. The results of this study highlight the importance of understanding the specific realities of communities like Praia de Lábrea. Furthermore, they highlight the need for public policies aimed at this population, which is little recognized and valued. Such policies can play a crucial role in reducing inequalities, combating poverty and improving the living conditions of this community.

Keywords: Riverine community, Fisherwomen, Southern Amazonas.

INTRODUÇÃO

O estado do Amazonas é amplamente reconhecido por sua riqueza, e nessa região encontra-se um dos maiores e mais variados ecossistemas do planeta, que se destaca pela abundante diversidade de fauna e flora com um alto grau de endemismo (BRASIL, 2021).

Desta maneira, pode-se destacar a importância econômica, cultural e ecológica dessas áreas, visualizando que há um vínculo entre as populações ribeirinhas e os recursos naturais. Assim, as características do ambiente ribeirinho variam entre as diversas comunidades, no entanto, há uma prática em comum: a pesca artesanal, que desempenha um papel crucial na subsistência das populações locais. Sendo uma das práticas culturais que perdura ao longo dos anos, a qual é aprimorada por meio de observações e conhecimentos transmitidos hereditariamente (SILVA; OLIVEIRA; SAMPAIO, 2021).

Nesse sentido, essas comunidades enfrentam desafios contínuos em termos socioeconômicos. Podendo ressaltar o acesso limitado a serviços básicos, dificuldades de transporte, isolamento e comunicação, carências educacionais e de saúde, bem como a influência das condições ambientais e sazonais, o desmatamento desordenado, a falta de governantes, problemas fundiários, problemas agrários, escoamento de produção, dentre muitos outros (BRASIL, 2011).

À medida que a propriedade privada se expande, um número limitado de sociedades rurais, especificamente, as comunidades ribeirinhas, enfrentam desafios significativos na preservação de elementos essenciais de seu estilo de

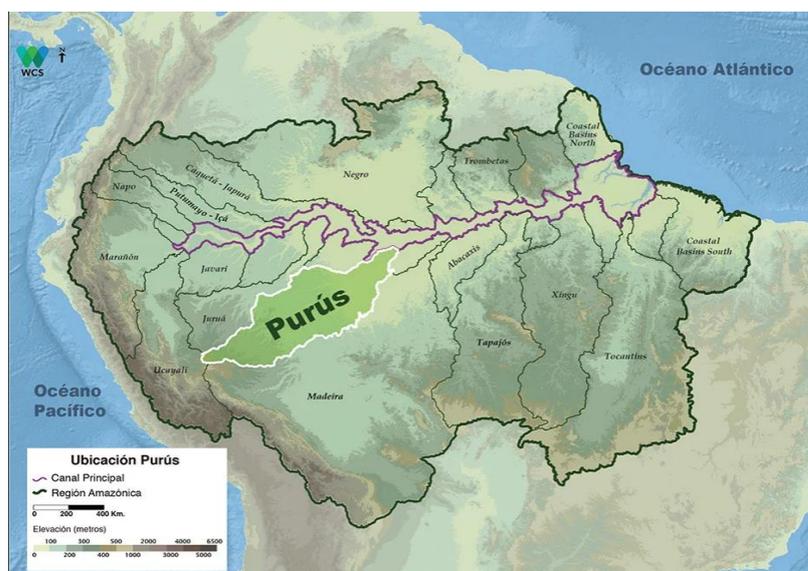
vida tradicional. Essas comunidades dependem frequentemente dos recursos naturais locais para sua subsistência, como a pesca e a agricultura em pequena escala. Assim, a expansão da propriedade privada não só impacta a economia dessas comunidades, mas também coloca em perigo suas tradições culturais e a integridade de seus ambientes naturais (LOMBA; FONSECA, 2017).

Nesse contexto, a compreensão do perfil socioeconômico dessas comunidades assume um papel fundamental. Essa análise visa realizar uma análise abrangente das condições socioeconômicas na comunidade da Praia de Lábrea, com foco na identificação dos principais desafios enfrentados pelas mulheres pescadoras dessa região.

METODOLOGIA

Caracterização da área de estudo

A Bacia do Rio Purus figura 1, está localizada na porção sudoeste da Amazônia, destaca-se como um ecossistema vital e tem o rio Purus como tributário principal (SILVA; ANGELIS; MACHADO; WAICHAMAN, 2008). Este rio, por sua vez, abrange uma vasta extensão de território, contribuindo para a complexidade e a importância da região em termos de diversidade ambiental e ecológica.

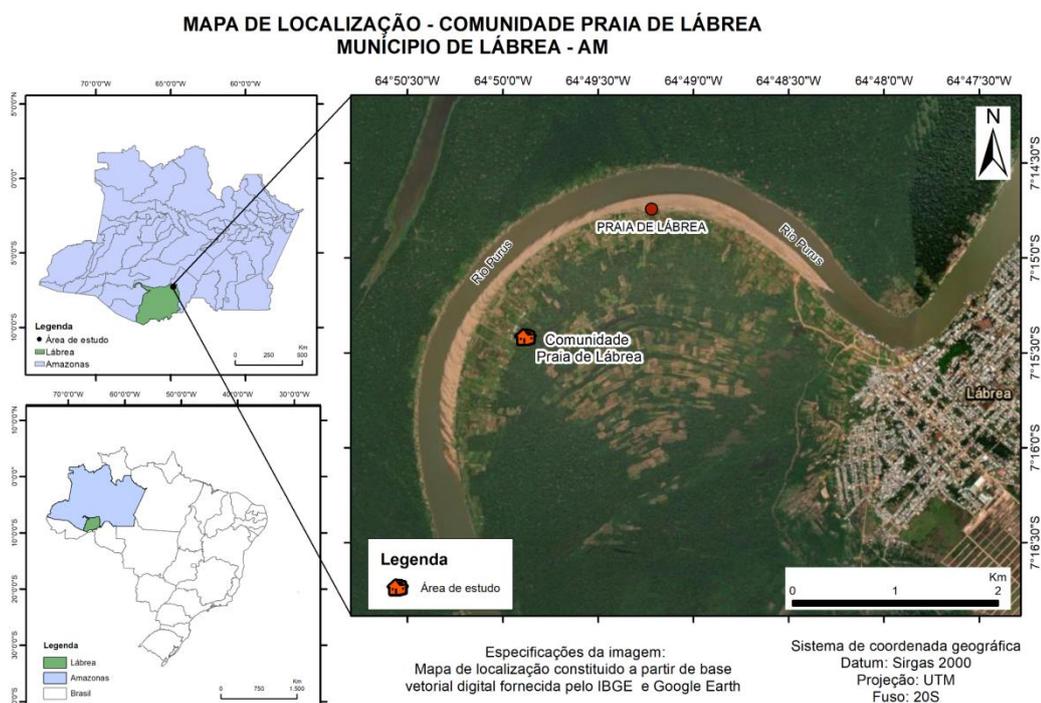


FONTE: Google imagens, 2023.

Figura 1 - Limite da bacia do rio Purus nos estados do Amazonas e Acre.

A microrregião do Purus é composta por Lábrea, Canutama e Tapauá (SILVA; SILVEIRA, 2012). Destacando o município de Lábrea que fica a 854 km de distância da capital Manaus e o seu acesso se dá por meio terrestre, fluvial e aéreo, esta região fica a margem esquerda do rio Purus e ao longo de sua vasta extensão existem muitas comunidades que ainda não tiveram a oportunidade de serem estudadas.

Esta pesquisa foi realizada na comunidade Praia de Lábrea que fica próxima a cidade de Lábrea – Amazonas, figura 2. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) censo de 2022, há uma população com cerca de 45.448 pessoas neste município. Praia de Lábrea é a primeira comunidade avistada próximo deste município e tem aproximadamente 37 famílias que vivem à margem do rio Purus.



FONTE: Autoria própria

Figura 2 - Mapa identificando a comunidade Praia de Lábrea próxima ao município de Lábrea – AM.

Esta área também é conhecida por ser a mesorregião do Sul Amazonense e a microrregião do Purus. Nas comunidades ribeirinhas ao longo do rio Purus, a pesca é realizada de maneira artesanal, sem a implementação de um plano de

uso, e sofre uma intensa pressão devido à presença significativa de barcos pesqueiros nos recursos hídricos (BRASIL, 2011).

Ao se considerar a hidrografia do rio Purus, apresenta três distintos períodos sazonais: a estação seca, a estação de enchente e o período de cheia. O curso desse rio se destaca por seu traçado meândrico, apresentando trechos sinuosos e, em contraste, trechos mais retilíneos. A água do rio Purus é conhecida por sua coloração barrenta, resultado da riqueza em sedimentos andinos. De acordo com sua composição, ele é classificado como um rio de águas brancas (GAMA, 2009).

As características químicas e mineralógicas dos solos da Amazônia são, em grande parte, ditadas pela natureza do material de origem (FRAXE; PEREIRA; WITKOSKI, 2007). O bioma da região amazônica é caracterizado principalmente pela ocorrência da maior Floresta Pluvial Tropical do planeta e sua bacia hidrográfica se estende por 44% da superfície do continente (HOMMA et al., 2020), além disso, apresenta forte heterogeneidade, não apenas em termos da existência ou não da cobertura vegetal, mas igualmente em relação aos tipos de vegetação existentes, os quais variam de forma significativa, possuindo um clima tropical quente e úmido que pode ser um fator para as características da região.

Com isso, os tipos de solos que predominam nessa região podem ser os Gleissolos e Plintossolos, principalmente em áreas de menor altitude (abaixo dos 100m). Os Gleissolos são amplamente expressivos e acompanham os canais de drenagem. Os Plintossolos estão bem associados às superfícies de inundação, em ambientes redutores. Na região, é possível encontrar formações como Savanas Parque com e sem Florestas de Galeria, Campinarana Arbustiva com Palmeiras e Formações Pioneiras com Influência Fluvial e/ou Lacustre Arbustiva (BRASIL, 2011).

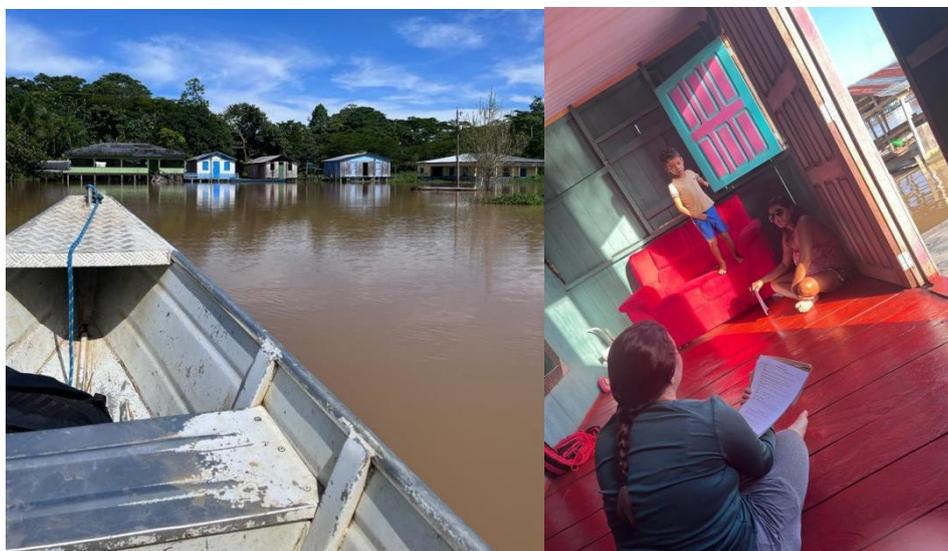
Realização das entrevistas e aplicação dos questionários

No decorrer da pesquisa, precedendo a realização das entrevistas, foi conduzida uma visita preliminar com o intuito de reconhecer a área de estudo. Essa visita envolveu a apresentação da carta de anuência à líder da

comunidade, para que ela a assinasse e compreendesse a proposta da pesquisa. Portanto, essa visita foi realizada no dia 01/04/2023.

As coletas foram realizadas por meio entrevistas/questionários semiestruturados com perguntas abertas e fechadas, utilizou-se o método de seleção não-aleatório a medida que encontrávamos as pessoas em suas casas, visando coletar dados qualitativos e quantitativos sobre o perfil socioeconômico da comunidade Praia de Lábrea, utilizando questões referentes ao perfil dos entrevistados, como: sexo, renda, ocupação, escolaridade, etnia, naturalidade e idade.

As entrevistas ocorreram no período da cheia no dia 12/05/2023 e para ter acesso às casas dos moradores utilizou-se a rabeta¹ como meio de transporte, podendo ser visualizado na figura 3, apresentava-se a proposta da pesquisa e o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido - TCLE (Apêndice III), deste modo, as entrevistas ocorriam com uma duração média de 15 a 30 min por família e algumas entrevistas foram fotografadas com a permissão dos participantes.



FONTE: Autoria própria

Figura 3 - Acesso às casas por meio da rabeta no período da cheia e entrevista com os moradores da comunidade.

¹ A rabeta é um barco de pequeno porte, considerado uma canoa que utiliza motor de rabeta, é um dos principais meios de transporte no Amazonas.

Condições ética da pesquisa

Este projeto recebeu aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa - CEP, conforme Parecer Nº 5.792.774. O CEP é um componente da entidade reguladora das pesquisas no Brasil, a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP. A atual diretriz reguladora para o CEP/CONEP, que é a Resolução 466/12, engloba os elementos essenciais para a realização e obtenção do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE.

Antes da assinatura do TCLE, verificou-se se as participantes estavam dentro dos critérios estabelecidos, sendo eles: critérios de inclusão: i) ser moradora da comunidade; ii) classificar-se como pescadora. Assim como, os critérios de exclusão: i) participantes que não tenham assinado o TCLE; ii) com intuito de evitar duplicidade de informações, apenas uma pessoa de cada família foi escolhida para ser entrevistada. Dessa maneira, foram realizadas as entrevistas, nas quais foram utilizados questionários semiestruturados (Apêndice I). A entrevista ocorreu no dia 12/05/2023.

Análise dos dados

Os dados quantitativos referentes ao perfil socioeconômico foram tabulados em planilhas do Microsoft Excel, versão 2019. Em seguida, ocorreu a organização dos dados e a elaboração de gráficos com o propósito de oferecer uma visualização mais clara dos resultados. Sendo uma pesquisa de caráter quali-quantitativo, utilizou-se o método de Albuquerque; Lucena; Cunha (2008) para calcular as variações de média, mediana, valores de máximos e mínimos a fim de obter porcentagens referentes ao formulário socioeconômico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Perfil socioeconômico das pescadoras da comunidade

Optou-se por incluir mulheres na participação desta pesquisa devido à realização das entrevistas nas residências dos moradores. De acordo com Santos et al., (2020), é observável que as mulheres frequentemente assumem a responsabilidade pelo cuidado da família.

No que diz respeito à faixa etária dos participantes, observou-se que a maior representatividade foi entre os 40 e 60 anos de idade, abrangendo valores

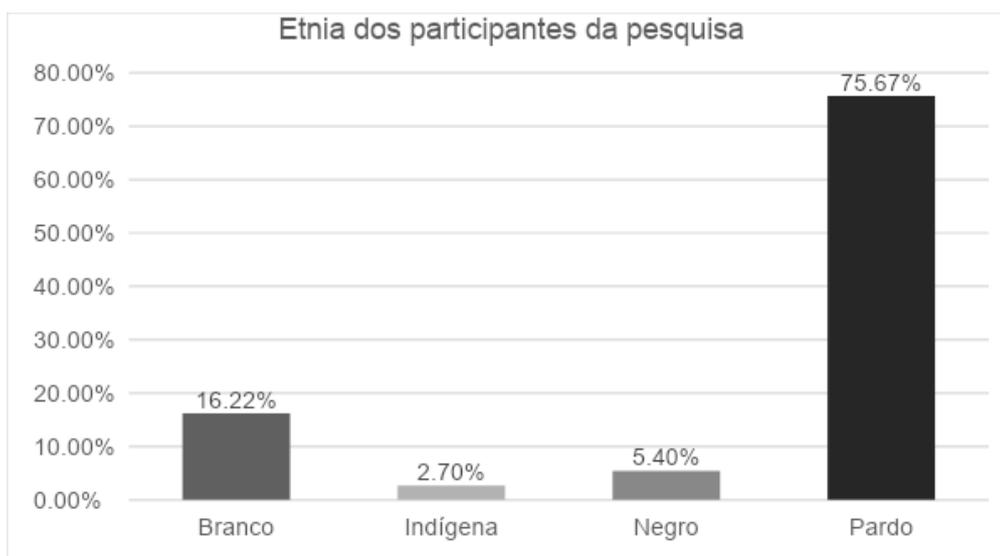
mínimos de menos de 20 anos e valores máximos de mais de 60 anos de idade, conforme evidenciado na (Tabela 1). Quanto ao nível de escolaridade, a análise revelou uma diversidade que engloba desde o ensino superior até a ausência de alfabetização na população ribeirinha da região em estudo.

Tabela 1 - Informações sobre o questionário semiestruturado para as pescadoras da comunidade.

Faixa etária		Estado civil		Escolaridade	
20 a 30 anos	24,32%	União estável	59,46%	Não possui	16,22%
30 a 40 anos	27,03%	Casada	18,92%	Ensino fundamental incompleto	40,54%
40 a 60 anos	35,14%	Solteira	13,51%	Ensino fundamental completo	8,11%
Mais de 60 anos	8,11%	Viúva	5,41%	Ensino médio incompleto	10,81%
Menos de 20 anos	5,40%	Divorciada	2,70%	Ensino médio completo	13,52%
-	-	-	-	Superior completo	5,40%
-	-	-	-	Cursando ensino superior	5,40%

FONTE: Autoria própria

Obteve-se dados sobre o estado civil dessas pescadoras, sendo o de união estável o mais expressivo com (59,46%) das respostas das entrevistadas. A etnia parda foi a mais representativa com (75,67%), podendo ser observada na (Figura 4).



FONTE: Autoria própria

Figura 4 - Representação das etnias mencionadas pelas pescadoras da comunidade ribeirinha.

Nesse contexto, o ensino fundamental incompleto se destacou como mais expressivo, o que aponta para a existência de uma parcela considerável da população que não tem acesso à educação formal. É perceptível que as escolas enfrentam um desafio constante de adaptar suas práticas educacionais às flutuações sazonais do Rio Amazonas, o que resulta em realidades educacionais não convencionais para essas comunidades. Como resultado, muitas vezes, as dificuldades enfrentadas diariamente pelos alunos para frequentar a escola levam à desistência prematura de seus estudos.

De acordo com Alencar e Costa (2021) além da utilização de métodos de ensino inadequados, as escolas rurais e ribeirinhas no estado do Amazonas enfrentam uma série de desafios que restringem o acesso à educação de qualidade. Elas sofrem com uma infraestrutura precária, com salas de aula superlotadas, falta de laboratórios, bibliotecas e recursos eletrônicos, além de enfrentarem dificuldades no fornecimento de energia elétrica e nas condições de abastecimento de água e saneamento básico. Esses fatores contribuem para altas taxas de analfabetismo, defasagem idade-série e baixa qualificação dos estudantes.

Além disso, diversos fatores podem impactar a persistência desses indivíduos, e muitos deles estão ligados às transformações naturais nos cursos

dos rios, que por sua vez afetam os modos de transporte, as atividades econômicas e a coesão social. O próprio deslocamento representa um desafio significativo, já que durante a estação seca, os estudantes precisam percorrer longas distâncias ao longo das praias para chegarem à escola. Por outro lado, na temporada de cheias, a escola fica vulnerável a inundações, o que torna impossível a continuação das atividades letivas, como ilustrado na (Figura 5).



FONTE: A autoria própria

Figura 5 - Trajeto percorrido pelos estudantes durante a estação seca e durante a estação de cheias para alcançarem a escola e as casas da comunidade.

Dessa maneira, Mattos (2023) ressalta que esta realidade financeira e educacional é uma constante nas populações ribeirinhas amazônicas, sendo influenciada pelo isolamento geográfico, resultando em algumas dificuldades como frequentar regularmente as escolas.

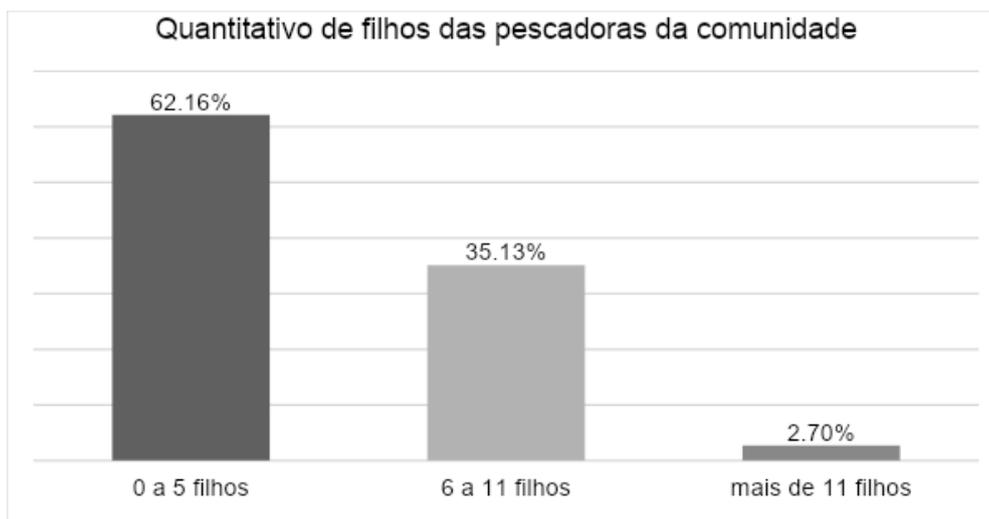
Diante desse desafio, muitos jovens se veem obrigados a fazer uma difícil escolha entre a continuação dos estudos e a busca por empregos para contribuir com a renda familiar. Embora alguns filhos de ribeirinhos já estejam matriculados em instituições de ensino superior, alguns optam pelo trabalho devido à necessidade iminente de gerar renda e conquistar independência financeira (LOMBA; FONSECA, 2017).

Com relação a ocupação que essas moradoras da comunidade realizavam, 100% se consideravam pescadoras e realizavam outras atividades

como agricultura, para complementar a renda e dona de casa. Desta forma, seus modos de vida estão relacionados por atividades tradicionais repassadas pelas gerações, como a pesca artesanal, manejo de mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) e plantio de plantas medicinais.

A pesca desempenha um papel fundamental na ocupação e obtenção de renda de uma comunidade, abrangendo tanto a pesca artesanal quanto a comercial. Essa atividade é crucial, uma vez que satisfaz tanto as necessidades de subsistência das comunidades estabelecidas ao longo das áreas alagadas quanto a geração de excedentes por meio da comercialização dos pescados (SOUZA-JUNIOR et al., 2006).

Além disso, na cheia, a pesca torna-se uma das principais atividades econômicas aproveitando as águas abundantes para a captura de pescado. Na estação seca a agricultura assume este papel (ALENCAR; COSTA, 2021) contando com uma importante safra de hortaliças, proporcionando assim, uma alternância entre a pesca e a agricultura ao longo do ano. Refletindo assim, uma economia adaptativa, intimamente ligada às flutuações das condições naturais do ambiente. Outras informações como a quantidade de filhos podem ser observadas na (Figura 6).



FONTE: Autoria própria

Figura 6 - Intervalos do quantitativo de filhos das pescadoras da comunidade Praia de Lábrea.

Perguntou-se também, a quantidade de moradores na casa, obtendo as seguintes porcentagens: até 3 pessoas (37,84%); até 9 pessoas (59,46%) e mais de 9 pessoas (2,70%). Além disso, questionou-se sobre benefícios do governo e como era a renda destas famílias, cerca de (78,38%) recebem o bolsa família e buscam alternativas como a venda de plantas medicinais para complementar sua renda. Sendo assim, cerca de (2,70%) recebem mais que um salário mínimo, sendo estas, uma professora e uma aposentada. Aproximadamente (72,97%) recebem menos que um salário mínimo e (24,33%) um salário mínimo.

Além disso, a comercialização dos produtos fabricados por eles também sofre impactos, uma vez que depende do deslocamento até as cidades vizinhas, nas quais nem sempre conseguem os preços justos por seus produtos (MATTOS, 2023). Essa dificuldade de acesso ao mercado e a negociação em condições desfavoráveis afetam diretamente a economia das comunidades ribeirinhas, tornando-as mais vulneráveis aos desafios econômicos sazonais.

Alencar e Costa (2021) ressaltam que como complemento de renda, às famílias que recebem menos de um salário mínimo são beneficiadas com o programa bolsa família e o seguro defeso do Governo Federal. Esses programas desempenham um papel crucial na sustentação financeira das famílias ribeirinhas, fornecendo um suporte adicional durante os períodos sazonais de maior desafio econômico, como a época de seca, quando a pesca é menos abundante.

A naturalidade dessas moradoras dividiu-se entre (21,63%) nasceram na própria comunidade; (29,73%) nasceram no município de Lábrea; (45,94%) nasceram em comunidades próximas e (2,70%) nasceram no município de Humaitá. Com isso, perguntou-se o que fez estas pessoas irem morar nesta comunidade, cerca de (81,08%) relataram que foi por conta da família e por possuir escola; (10,81%) para ter acesso a cidade e saúde e (8,11%) por conta da pesca e agricultura.

Assim, determinou-se alguns espaços de tempo para contabilizar o tempo de moradia na comunidade, sendo de 3 a 13 anos (35,13%), 14 a 24 anos (5,41%) e mais de 24 anos (59,49%). Diante disso, a quantidade de tempo relatado pelas pescadoras está diretamente relacionada com a qualidade de vida

dessas pessoas. O progresso do território deve ser moldado para promover tanto o desenvolvimento econômico quanto o social. Isso inclui um foco no fortalecimento da autonomia local, na capacidade de geração de renda e no alcance de excedentes econômicos, entre outros aspectos (SILVA; SILVEIRA, 2012).

CONCLUSÕES

As comunidades ribeirinhas do sul do Amazonas frequentemente enfrentam desafios significativos em termos de acesso a serviços básicos, infraestrutura, educação deficiente, saúde de qualidade e a falta de oportunidades de emprego formal, isso se dá, devido ao seu isolamento geográfico e à precariedade das condições de vida, na qual, são algumas das questões que afetam negativamente a qualidade de vida dessas comunidades.

Estudos como este possibilitam que essa população que é pouco reconhecida e valorizada possa ter políticas públicas compensatórias que irão exercer um papel crucial para dirimir as desigualdades, redução da pobreza e para melhorar as condições de vida dessas populações.

Com isso, estas políticas podem envolver investimentos e incentivos para atividades econômicas sustentáveis, como a pesca artesanal, agricultura familiar e turismo comunitário. Visando minimizar os problemas e melhorando as perspectivas de vida para as novas gerações.

Portanto, conhecer as necessidades dessas populações é tão importante. Sendo que, o perfil socioeconômico das pescadoras na região Norte e em especial a comunidade Praia de Lábrea é marcado por desafios significativos relacionados ao gênero, à economia e ao meio ambiente.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (UFAM-IEAA), a Universidade Federal do Amazonas (UFAM), a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) pela concessão de bolsa de mestrado. A comunidade Praia de Lábrea participou e possibilitou a realização desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. 2. ed. Recife: COMUNIGRAF, 2008.

ALENCAR, D. G. S.; COSTA, F. S. Resiliência pedagógica: escolas ribeirinhas frente às variações de seca e cheia do Rio Amazonas. **Educação e Pesquisa**, v.47, e230347, p.1-18, 2021.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Lábrea, senso 2022**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/labrea/panorama>. Acesso: 22/08/2023

BRASIL, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Biodiversidade Amazônica, 2021**. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/centros-de-pesquisa/biodiversidade-amazonica>. Acesso: 22/08/2023.

BRASIL, **Zoneamento Ecológico Econômico da Sub-Região do Purus**. Relatório - volume II, 2011.

FRAXE, T. J. P.; PEREIRA, H. S.; WITKOSKI, A. C. **Comunidades ribeirinhas amazônicas**: modos de vida e uso dos recursos naturais. Manaus: EDUA, 2007.

GAMA, D. A. **A aplicabilidade da resolução Conama nº 357/2005 no enquadramento dos corpos d'água na bacia do rio Purus**: um instrumento válido para as águas Amazônicas? 2009. 132f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia. Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2009.

HOMMA, A. K. O.; MENEZES, A. J. E. A.; SANTANA, C. A. M.; NAVARRO, Z. O desenvolvimento mais sustentável da região amazônica: entre (muitas) controvérsias e o caminho possível. **COLÓQUIO – Revista do Desenvolvimento Regional** – Faccat, v.17, n.4, p.1-27, 2020.

LOMBA, R. M.; FONSECA, M. B. S. Modos de vida ribeirinho na comunidade Foz do Rio Mazagão – Mazagão (AP/Brasil). **Ateliê Geográfico**, v.11, n.1, p.257-276, 2017.

MATTOS, G. S. **Etnobotânica e a biodiversidade de macrófitas aquáticas em comunidades no Alto Solimões, Amazonas, Brasil**. 2023. 137f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Ciências Ambientais. Universidade Federal do Amazonas, Humaitá, 2023.

SANTOS, J. A.; OLIVEIRA-JUNIOR, A.; MENEGUELLI, A. Z.; CAMARGO, E. E. S. O saber etnobotânico de plantas medicinais na comunidade ribeirinha do município de Ji-Paraná – RO. **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research – BJSCR**, v.31, n.1, p.07-13, 2020.

SILVA, A. E. P.; ANGELIS, C. F.; MACHADO, L. A. T.; WAICHAMAN, A. V. Influência da precipitação na qualidade da água do Rio Purus. **Acta Amazonica**, v.38, n.4, p.733-742, 2008.

SILVA, T. A.; OLIVEIRA, W. D. S.; SAMPAIO, F.A. C. Etnoconhecimento de pescadores artesanais sobre a ictiofauna do Rio Jiquiriçá, Bahia. **Ethnoscientia**, v.6, n.1, p.163-187, 2021.

SILVA, R. S.; SILVEIRA, R. L. L. Meios de transporte e desenvolvimento regional no Estado do Amazonas: uma análise das microrregiões geográficas do Madeira e do Purus. **Novos Cadernos NAEA**, v.15, n.2, p.45-84, 2012.

SOUSA-JÚNIOR, W. C.; WAICHMAN, A. V.; GUMIERO, A. L. **Gestão das águas na Amazônia: a bacia do rio Purus**. Workshop Sobre Gestão Estratégica de Recursos Hídricos, 2006.

6. CAPÍTULO IV – ETNOBOTÂNICA NA AMAZÔNIA: USO E CONHECIMENTO TRADICIONAL DE PLANTAS MEDICINAIS DAS PESCADORAS NA COMUNIDADE PRAIA DE LÁBREA

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar como as plantas medicinais são utilizadas pela comunidade Praia de Lábrea no sudoeste da Amazônia. Através de entrevistas/questionários semiestruturados contendo perguntas abertas e fechadas, a pesquisa buscou retratar o resgate do conhecimento tradicional, reunindo informações sobre indicações terapêuticas, partes utilizadas e métodos de preparação de remédios a partir das plantas medicinais. Essa abordagem permitiu a realização de uma análise socioambiental. Os dados coletados foram submetidos à análise estatística descritiva, com tabulação e organização em uma planilha utilizando o software Excel, versão 2019. Como resultado, foi identificada a presença de 80 espécies de plantas pertencendo a 69 gêneros e 35 famílias. Espécies como alfavaca, hortelã, andiroba, copaíba e malvarisco foram mais citadas por essa população. O conhecimento sobre essas plantas foi transmitido por meio de vivências familiares, transmitidas através das gerações, demonstrando a importância da preservação do conhecimento tradicional, constatou que a parte mais utilizada para o consumo são as folhas e o modo de preparo por decocção. Portanto, tais investigações podem desempenhar um papel valioso na formulação de estratégias de proteção para essas comunidades, as quais têm um papel fundamental na conservação do ambiente natural em que estão inseridas. Além disso, este estudo pode auxiliar na identificação de novas espécies e tratamentos, contribuindo para a expansão do conhecimento acerca da realidade da comunidade.

Palavras-chave: Plantas Medicinais, População Ribeirinha, Sul do Amazonas.

ABSTRACT

This work aimed to analyze how medicinal plants are used by the Praia de Lábrea community in the southwest of the Amazon. Through interviews with semi-structured/questionnaires containing open and closed questions, the research sought to portray the recovery of traditional knowledge, gathering information on therapeutic indications, parts used and methods of preparing medicines from

medicinal plants. This approach allowed a socio-environmental analysis to be carried out. The collected data were subjected to descriptive statistical analysis, with tabulation and organization in a spreadsheet using Excel software, version 2019. As a result, the presence of 80 plant species belonging to 69 genera and 35 families was identified. Species such as alfavaca, mint, andiroba, copaíba and malvarisco were most cited by this population. Knowledge about these plants was transmitted through family experiences, transmitted through generations, demonstrating the importance of preserving traditional knowledge, it was found that the most used part for consumption are the leaves and the method of preparation by decoction. Therefore, such investigations can play a valuable role in formulating protection strategies for these communities, which play a fundamental role in conserving the natural environment in which they are located. Furthermore, this study can help identify new species and treatments, contributing to the expansion of knowledge about the community's reality.

Keywords: Medicinal Plants, Riverine Population, Southern Amazonas.

INTRODUÇÃO

A origem do uso das plantas medicinais acompanha a história da humanidade desde a Antiguidade. O ser humano buscou na natureza os recursos para suprir suas necessidades básicas, encontrando nas espécies vegetais propriedades alimentares, medicinais e outras utilidades (ALMEIDA, 2011; VELTRI, 2017).

As comunidades rurais e grupos indígenas são responsáveis pela proteção de recursos naturais estratégicos em todo o mundo (ALLEGRETTI, 2008). A utilização de plantas medicinais para tratamento, cura e prevenção de doenças é a prática medicinal mais antiga da humanidade (DAVID; PASA, 2015) e as investigações Etnobotânicas trazem contribuições para a conservação da diversidade biológica e cultural da região estudada, sendo primordial a valorização desses saberes tão essenciais (JORGE, 2009).

As relações humanas com os recursos naturais são abordadas sob a perspectiva do manejo e ao interagir com o espaço o ser humano acumula experiências que podem ser utilizadas como benefício do próprio ecossistema e do homem com a natureza (SANTOS; PEREIRA; ANDRADE, 2007). Assim, o

conhecimento tradicional é o resultado da soma de experiências de cada indivíduo.

Lira e Chaves (2016) relatam que a comunidade corrobora com as relações sociais, os modos de vida de cada local e o método para a utilização dos recursos disponíveis, evidenciando o importante papel da cultura. Os autores ainda enfatizam que as comunidades permitem o manejo do ambiente sem a degradação dos recursos naturais, possibilitando uma gestão sustentável a partir do etnoconhecimento, evidenciando as relações homem-natureza.

Dessa forma, para obter informações importantes e favoráveis para o desenvolvimento territorial e para a preservação do ecossistema, torna-se necessário compreender as inter-relações entre os seres humanos, o saber tradicional, os recursos vegetais e suas territorialidades (ARAÚJO et al., 2018).

A partir disso, os vegetais são os que mais têm sido estudados dentro da Biologia e da Química e os pesquisadores buscam estudar os compostos orgânicos visando o avanço científico, uma vez que as substâncias extraídas possuem aplicabilidade em meios médicos e socioeconômicos (LUZ et al., 2014).

As plantas medicinais e seus derivados estão entre os principais recursos terapêuticos utilizados pela população brasileira nos seus cuidados com a saúde (BRASIL, 2012). A política nacional de fitoterápicos fala que apenas poucas espécies são reconhecidas por possuírem propriedades medicinais, mesmo com essa ampla biodiversidade. Para tornar seguro e regular o uso de plantas medicinais para a população e para diminuir as lacunas que comprometem a funcionalidade dessa terapêutica, foi criado um Memento Fitoterápico da Farmacopeia Brasileira, visando orientar a prescrição de plantas medicinais e fitoterápicos (BRASIL, 2016; RECH, 2016).

Dessa maneira, os vegetais são de grande importância para a humanidade, e para estudá-los surgiu a Etnobotânica, uma área da Biologia que estuda a inter-relação entre os grupos humanos, o ambiente vegetal e suas mudanças com o passar do tempo (SILVA et al., 2010; ALBUQUERQUE et al., 2022). O conhecimento adquirido através da transmissão não formal, sobretudo aquele derivado de comunidades tradicionais, poderá preencher lacunas na

produção do conhecimento científico e revelar problemas antes não questionados.

A Etnobotânica tem-se mostrado uma importante ferramenta na busca por substâncias naturais de ação terapêutica, no entanto, é possível observar alguns fatores limitantes como a dificuldade de coletar informações; a existência de questões éticas que envolvem acesso a conhecimento tradicional associado ao uso da biodiversidade e entre outros (ALBUQUERQUE; HANAZAKI, 2006).

Levantamentos etnobotânicos de vegetais com potencial anti-inflamatório podem contribuir para divulgar a medicina popular, descobrir novas espécies e ainda, encontrar plantas que possuem metabólitos secundários com ação anti-inflamatória (LEAL et al., 2019) e um dos campos que mais progrediu nessas análises foi a Etnobotânica, principalmente na região amazônica (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002). Diante do exposto este trabalho teve como objetivo analisar como as plantas medicinais são utilizadas pela comunidade Praia de Lábrea no sudoeste da Amazônia.

METODOLOGIA

Área de estudo e participantes da pesquisa

Realizou-se um levantamento das principais comunidades que são afetadas pelo arco do desmatamento, englobando os municípios de Lábrea, Manicoré, Canutama, Apuí e Humaitá, dessa forma, encontrou-se aproximadamente 109 comunidades e destas à comunidade Praia de Lábrea foi escolhida por conta da sua localidade e melhor acesso.

O município de Lábrea localiza-se na região próxima à porção sudoeste da Amazônia, inserido na microrregião do Purus, sendo atravessada pelo rio Purus e tem uma população estimada de 45.448 mil pessoas (BRASIL, 2022). Dessa maneira, observando ao redor do município, selecionou-se a comunidade ribeirinha Praia de Lábrea.

Esta comunidade tem acesso via fluvial no período da cheia e terrestre/fluvial no período da seca e ainda não possui estudos etnobotânicos registrados. A comunidade não tem acesso a posto de saúde, ou agentes que realizam acompanhamento nas casas, contendo apenas uma escola que atende

estudantes de outras comunidades. A construção da amostra desta pesquisa consistiu em um caráter de seleção não-aleatória, à medida que 37 famílias comportaram a amostragem.

Condições éticas da pesquisa

Primeiramente, o trabalho foi enviado ao Comitê de Ética em Pesquisa - CEP da UFAM, conforme Parecer Nº 5.792.774, para resguardar o compromisso ético do pesquisador com a comunidade e as pessoas envolvidas, garantindo o sigilo, autenticidade do trabalho e o anonimato das participantes. Todas as entrevistas foram realizadas somente após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE no qual os sujeitos da pesquisa autorizaram sua participação neste estudo, podendo ser observado na (Figura 1).



FONTE: Autoria própria

Figura 1 - Entrevista com as pescadoras da comunidade e coleta do material testemunho.

Dessa maneira, a participação deu-se por critérios de inclusão: i) ser morador da comunidade; ii) classificar-se como pescadora; iii) possuir

conhecimento sobre as plantas que apresentem fins medicinais. Assim como, os critérios de exclusão, se caracterizam em: i) participantes que não tenham assinado o TCLE; ii) pescadoras que não possam apresentar espécies das plantas utilizadas.

Coleta botânica

Com a autorização do Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade - SISBio para a coleta de material botânico número 90221-1 (ANEXO B - Comprovante da Autorização para atividades com finalidade científica - Coleta de material botânico), as plantas foram coletadas sob consentimento prévio dos moradores, logo após as entrevistas.

Coleta de dados

Para a realização da pesquisa, buscou-se nas casas dos moradores plantas medicinais que são cultivadas em seus quintais. Com isso, a amostragem das espécies de plantas medicinais que são encontradas na comunidade ocorreu em dois momentos, visando obter o maior quantitativo de espécies, sendo assim, realizou-se coletas no período da seca (agosto) e no período da cheia (dezembro).

O instrumento de coleta de dados foi por meio de entrevistas semiestruturadas com perguntas abertas e fechadas que podem ser visualizadas no apêndice II, este método, de acordo com Albuquerque, Lucena; Cunha (2008), devem apresentar grande flexibilidade, permitindo aprofundar elementos que podem vir surgindo durante as entrevistas.

Nesse sentido, antes de cada entrevista era realizada uma conversa informal explicando a finalidade do estudo aos participantes e para que estes indicassem se aceitavam participar da pesquisa. Assim, as entrevistas foram conduzidas a partir de visitas na comunidade, no qual, foi realizado um levantamento prévio do conhecimento popular que as pescadoras possuem sobre as plantas medicinais.

As perguntas elaboradas seguiram um determinado roteiro no qual teve como objetivo principal conhecer e analisar quais as formas de uso dessas plantas medicinais, entendendo quais as partes utilizadas e a indicação de uso,

tanto para o uso quanto para bebidas e especiarias. Com isso, foi possível calcular os índices de diversidade dessas plantas, investigando também, se alguma dessas plantas são encontradas na vegetação nativa, exóticas, próximas ou distantes (BEGOSSI, 1996). Essas entrevistas foram gravadas (com a autorização dos entrevistados) para registrar todo o diálogo e tornar mais fácil a transcrição dos assuntos abordados.

É importante que, antes de conduzir a pesquisa, o pesquisador tenha ciência dos costumes e práticas locais e que, a partir disso, possa vir a contribuir com a sociedade. De acordo com Albuquerque, Lucena e Cunha (2008), é de fundamental importância que o pesquisador compreenda aspectos não-verbais da vida dos entrevistados, bem como questões relacionadas ao cotidiano dos mesmos, estando atento para o respeito à privacidade dessas pessoas.

Processo de herborização das plantas medicinais

Após todo o procedimento de secagem em estufa com aproximadamente 50 °C - 80 °C, na qual a maioria das plantas precisou ficar 48h para a sua completa secagem, e outras plantas como a babosa, boldo, a fruta da manguita, amor crescido, anador, onze horas e malvarisco tiveram que ficar 120h para estarem devidamente secas para a etapa de costura.

A etapa de costura foi realizada durante uma semana, no Laboratório de Química da Universidade Federal do Amazonas, essa etapa foi feita de acordo com as normas do Herbário Rondoniense João Geraldo Kuhlmann RON, pertencente à Universidade Federal de Rondônia (UNIR), campi Porto Velho. Para isso, utilizou-se cartolina branca na metragem de 48cm por 28cm, agulha e linha branca, como mostra a (Figura 2).



FONTE: Autoria própria

Figura 2 - Amostras das plantas coletadas sendo costuradas e identificadas para irem para o Herbário Rondoniense João Geraldo Kuhlmann RON.

Assim, ao finalizar todos os espécimes coletados, levou-se para o herbário com o intuito de registrar quais plantas medicinais são encontradas na comunidade de Praia de Lábrea e para obter o número de tombamento, utilizou-se também, uma planilha JABOT feita no Excel com todas as informações para auxiliar nesta etapa de tombamento. Além disso, foram fotografadas todas as estruturas das plantas coletadas, bem como: folhas, caule, raízes, flores e frutos, para auxiliar na identificação das mesmas (Apêndice IV).

Análise dos dados

A técnica de observação direta (ALBUQUERQUE; LUCENA, 2004) foi adotada devido à habilidade dos informantes em reconhecer as plantas presentes em seus quintais, o que possibilitou uma identificação mais precisa das espécies. Todas as observações, bem como todas as plantas mencionadas, foram minuciosamente registradas. Isso permitiu obter informações mais detalhadas e confiáveis.

Utilizou-se também o método de Listagem livre que de acordo com Bisol (2012), o participante fornece uma lista de respostas que representam elementos nesse domínio, no caso, solicitamos 10 (dez) plantas que eles achavam mais importante e as demais como de plantas medicinais conhecidas e, a partir dessa listagem, obteve-se informações específicas sobre as plantas mencionadas, seguindo por meio de turnês guiadas (SILVA et al., 2010), que consistiu em visitas no quintal doméstico (situado nos arredores da casa), para a coleta de plantas.

Esse método permitiu uma abordagem direta e imersiva na realidade local, proporcionando um ambiente propício para a obtenção de informações detalhadas e contextuais. Após as entrevistas, realizou-se coletas das plantas apontadas pelos moradores como medicinais e sendo feitas exsiccatas com as recomendações do manual de procedimentos para herbários (PEIXOTO; MAIA, 2013).

Com objetivo de identificar as plantas mais importantes e o grau de coincidência das respostas dos informantes. Dentre os vários métodos reportados na literatura (SILVA et al., 2010), selecionou-se o de Friedman et al., (1986), modificado por Amorozo e Gély (1988), por basear-se no consenso dos informantes. Calculou-se o nível de fidedignidade (NF) para cada planta, como a razão entre o número de informantes que referiram principais usos (indicados pelos informantes como os mais importantes para uma espécie em particular) da espécie e o número total de informantes que mencionaram qualquer uso para a espécie, expressando-se o resultado na forma de porcentagem.

FL = (Ip/Iu) X 100%, onde:

FL = nível de fidelidade; **Ip** = número de informantes que citaram o uso principal da espécie; **Iu** = número total de informantes que citaram a espécie para qualquer finalidade.

As entrevistas foram feitas durante a verificação in loco para cada espécie citada por cada informante, utilizando-se o método turnê guiada, que consiste em acompanhar o informante até o ambiente natural, geralmente o quintal ou áreas próximas de sua residência, com o objetivo de corroborar e autenticar as

plantas mencionadas nas entrevistas (ALBUQUERQUE; LUCENA; ALENCAR, 2010).

Durante a turnê-guiada, algumas espécies foram herborizadas de acordo com técnicas estabelecidas em coletas botânicas, para posterior identificação taxonômica por especialistas do herbário da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). A nomenclatura das espécies e seus autores foram confirmados utilizando-se a base de dados Trópicos® do Missouri Botanical Garden (MOBOT, 2014). O sistema de classificação de plantas utilizado foi o APG IV (APG, 2016).

Os dados foram tabulados no programa Excel versão 2019 seguindo as análises das questões abertas, que foram coletadas com o auxílio dos formulários e da entrevista, evidenciando os dados em tabelas e gráficos contendo a síntese das informações obtidas. Assim, as informações foram analisadas através de uma Análise Temática. Esta técnica é descrita por Jovchelovitch; Bauer (2013) como uma tática de redução e codificação dos textos colhidos qualitativamente.

As entrevistas gravadas foram transcritas na íntegra, parafraseando-as pelos discursos produzidos pelas entrevistadas em uma sentença sintética. Sendo determinado algumas palavras-chaves dos textos já parafraseados, sendo possível analisar as palavras que mais se repetiram e as plantas que mais utilizavam, bem como, para quais fins medicinais. Assim, as plantas que foram citadas com maior frequência de acordo com o seu valor de uso para o tratamento e cura das doenças.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Percepção socioambiental relacionada ao uso das plantas medicinais pela comunidade

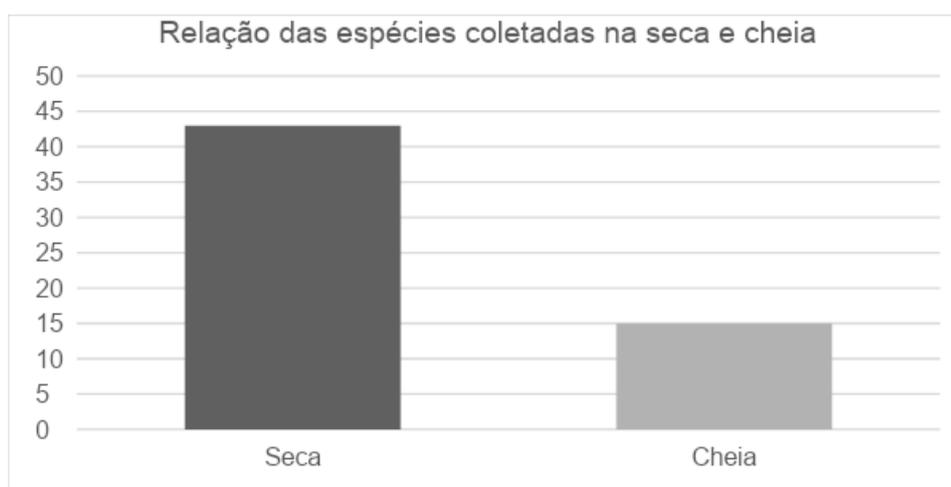
As atividades de exploração de recursos naturais têm desencadeado problemas ambientais significativos, e o ano de 2023 revelou-se atípico com a ocorrência de uma intensa seca. Essa seca severa, particularmente impactante na região amazônica, está resultando em uma tragédia humana e ambiental. A combinação de práticas inadequadas de uso da terra, ganância pelo poder, desmatamento e outros fatores contribuem para agravar a situação das mudanças climáticas.

Na primeira coleta, no período da seca, coletou-se 45 espécies de plantas, coletando aproximadamente 2 a 4 amostras de cada espécie, tendo 95 espécimes prensados e tombados. É importante destacar que algumas espécies não puderam ser coletadas nesta etapa, pois não estavam férteis ou por não terem sobrevivido à estação anterior.

Assim, na segunda coleta, durante a cheia, buscou-se encontrar as espécies que não foram coletadas na primeira coleta e o restante das espécies que faltaram. Isso ressalta a relevância da sazonalidade e das condições ambientais como influenciadoras no processo de coleta de amostras botânicas ao longo do estudo.

Durante o período de cheia, a coleta foi realizada em 14/12/2023, abrangendo um total de 15 espécies de plantas coletadas. Vale ressaltar que algumas espécies não foram coletadas devido à sua difícil acessibilidade, uma vez que estavam situadas em áreas de mata fechada.

Após a identificação das amostras registrou-se 80 espécies de plantas distribuídas em 69 gêneros e 35 famílias, lembrando que cada entrevistado mencionou no mínimo 10 exemplos de plantas medicinais, assim pode-se observar na figura 3, a relação das espécies coletadas no período da cheia e no período da seca.



FONTE: Autoria própria

Figura 3 - Comparação entre o período da seca e o período da cheia com relação às espécies coletadas.

A Etnobotânica é definida como o ramo da botânica que estuda o uso popular das plantas, considerando não apenas sua relevância histórica, mas também seus aspectos culturais e econômicos (SANTOS et al., 2020). De acordo com as dificuldades enfrentadas pelas populações ribeirinhas, a medicina tradicional é uma das alternativas de uso no tratamento e prevenção de diversas enfermidades endêmicas.

A instrução normativa nº 35, de 27 de dezembro de 2013 (BRASIL, 2013), define a população tradicional como grupos culturalmente distintos, que se auto identificam como tais, e cuja subsistência está intrinsecamente ligada ao extrativismo de recursos naturais renováveis, este é essencial para sua reprodução física e social. Estes grupos adotam práticas de utilização sustentável do ambiente que habitam, assegurando a conservação dos ecossistemas, ao mesmo tempo em que desenvolvem formas específicas de organização social.

De acordo com os resultados obtidos, destacam-se que as folhas são mais utilizadas no preparo dos remédios pelas famílias entrevistadas com (54,6%); seguido da casca (18,5%), flor (6,5%), muco (3,7%), semente (3,7%), látex/leite (3,7%) e outros meios que foram citados, podendo ser observado na (Figura 4).



FONTE: Autoria própria

Figura 4 - Relação das partes coletadas para o preparo de remédios, conforme mencionadas pelas pescadoras.

As formas de preparo dos remédios caseiros mais citados pela comunidade foram os chás por decocção, infusão, diluição, insumo, banhos e maceração. As plantas citadas são mais encontradas em quintais e algumas somente na floresta. Além disso, ao relacionar se são nativas ou exóticas, 100% das espécies são nativas.

Como relata Carvalho et al., (2023) as espécies utilizadas para fins terapêuticos podem ser classificadas em dois grupos distintos: as plantas nativas, que são autóctones da região, e as plantas exóticas ou introduzidas, provenientes de outras áreas geográficas. As plantas nativas são aquelas que ocorrem naturalmente em uma região específica, desempenhando um papel crucial no ecossistema local. A extração indiscriminada dessas plantas não apenas perturba o equilíbrio ecológico, mas também resulta em prejuízos significativos ao patrimônio genético regional (BENINI et al., 2010).

Santos et al., (2020) relatam que a maioria das pessoas utilizam as folhas das plantas para o preparo dos chás, além disso, em alguns casos pode-se usar mais de uma parte da planta ou até mesmo ela inteira, isso irá depender do tipo de enfermidade que deseja ser tratada. No entanto, no contexto da conservação da planta, é importante ressaltar que a colheita de folhas, frutos e sementes, desde que seja realizada de maneira criteriosa e não excessiva, contribui para a preservação do recurso vegetal, sem comprometer seu crescimento e sucesso reprodutivo (VASCONCELOS, 2020).

Estes dados são semelhantes aos encontrados por outros trabalhos realizados em todo o país, sendo as folhas como a parte mais utilizada e o método de decocção (VÁSQUEZ, MENDONÇA; NODA, 2014; BRITO; LUCENA; CRUZ, 2015; ARAÚJO et al., 2018).

Os resultados obtidos na comunidade mostraram que o estudo do local pode agrupar informações do conhecimento botânico e seus hábitos e costumes, trazidos tanto dos seus locais de origem, quanto de conhecimentos que foram obtidos nos novos espaços de assentamento.

De acordo com Barbosa, Lima e Lima (2023) a biodiversidade representa um valioso patrimônio da humanidade, desempenhando um papel fundamental

na promoção da sinergia ambiental e, por conseguinte, no estabelecimento do equilíbrio ecossistêmico.

Assim, as populações tradicionais não só convivem com a biodiversidade, mas, nomeiam e classificam as espécies. Eles buscam conviver da melhor forma com esses conhecimentos e é a partir dos conhecimentos tradicionais que essas pessoas percebem as modificações do meio, além de possuírem um sistema de crença e trocas simbólicas.

A relação entre a população tradicional e a natureza exige uma análise profunda sobre como ambas coexistem e os impactos resultantes desse convívio. Esta análise envolve não apenas a interação direta das comunidades com o ambiente natural, mas também os sistemas de conhecimento, as práticas culturais e a gestão dos recursos naturais. Isso tem se tornado uma área de interesse em diversas pesquisas recentes (PEREIRA; DIEGUES, 2010).

Podemos observar na Tabela 1 a relação para cada planta na qual, calculou-se o nível de fidedignidade (NF), como a razão entre o número de espécies citadas e a quantidade de informantes.

Tabela 1 - Valores de uso relacionados às 80 espécies de plantas citadas pelas pescadoras da comunidade

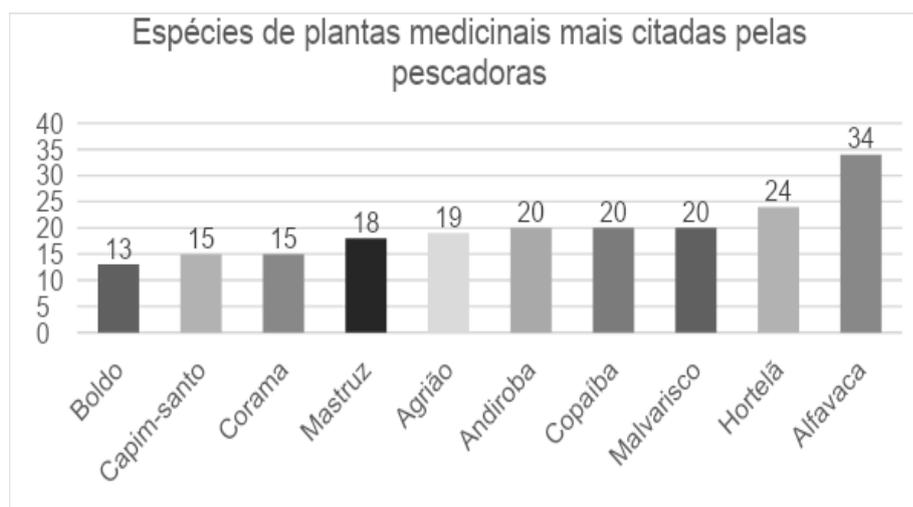
Espécie	Valor de uso	Em porcentagem	Espécie	Valor de uso	Em porcentagem
Abacate	0,027	2,70%	Gota-do-zeca	0,081	8,10%
Açacu	0,027	2,70%	Hortelã	0,6486	64,86%
Açafrão	0,054	5,40%	Hortelã-pimenta	0,054	5,40%
Acapurana	0,054	5,40%	Japana	0,081	8,10%
Agrião/Jambu	0,5135	51,35%	Jatobá	0,054	5,40%
Alfavaca	0,9189	91,89%	Jucá	0,1081	10,81%
Alfazema	0,027	2,70%	Laranja	0,054	5,40%
Algodão-roxo	0,054	5,40%	Lima	0,054	5,40%
Amapá	0,054	5,40%	Limão	0,2702	27,02%
Amor-crescido	0,2702	27,02%	Malvarisco	0,5405	54,05%
Anador	0,027	2,70%	Mamão	0,027	2,70%
Andiroba	0,5405	54,05%	Manguita	0,027	2,70%
Angico	0,027	2,70%	Manjeriço	0,027	2,70%
Arruda	0,2432	24,32%	Marcela	0,054	5,40%
Azeitona	0,081	8,10%	Mastruz	0,4864	48,64%
Babosa	0,1081	10,81%	Melão-são-caetano	0,081	8,10%
Boldo	0,3513	35,13%	Mora	0,027	2,70%
Boldo-pimenta	0,027	2,70%	Mucuracá	0,054	5,40%
Breu-de-mescla	0,027	2,70%	Mulateiro	0,027	2,70%

Caju	0,1351	13,51%	Mutuquinha	0,081	8,10%
Cajuí	0,054	5,40%	Oléo-elétrico	0,054	5,40%
Canapum	0,027	2,70%	Onze-horas	0,027	2,70%
Canela	0,027	2,70%	Oriza	0,027	2,70%
Capeba	0,027	2,70%	Palha-da-cana-roxa	0,027	2,70%
Capim-santo	0,4054	40,54%	Paracuuba	0,1351	13,51%
Catinga-de-mulata	0,1621	16,21%	Perpétua	0,027	2,70%
Cebolinha	0,027	2,70%	Pião-pajé	0,027	2,70%
Cedro	0,054	5,40%	Pião-roxo	0,027	2,70%
Chicória	0,081	8,10%	Picão	0,027	2,70%
Cibalena	0,027	2,70%	Pimenteira	0,027	2,70%
Cidreira	0,1891	18,91%	Quina-quina	0,027	2,70%
Copaíba	0,5405	54,05%	Rinchão	0,027	2,70%
Corama	0,4054	40,54%	Sabugueiro	0,027	2,70%
Couve	0,1081	10,81%	Sangue-de-dragão	0,027	2,70%
Crajiru	0,2162	21,62%	Sara-tudo	0,1891	18,91%
Cravo	0,027	2,70%	Sucuuba	0,1891	18,91%
Embauba	0,027	2,70%	Terramicina	0,2432	24,32%
Fava	0,027	2,70%	Trevo-roxo	0,054	5,40%
Gengibre	0,1891	18,91%	Unha-de-gato	0,054	5,40%
Goiaba	0,2162	21,62%	Uxi-amarelo	0,027	2,70%

FONTE: Autoria própria

Pelo valor de uso, pode-se inferir quais são as espécies e/ou famílias mais importantes para uma população. Essa relação pôde ser observada por meio das citações para uma espécie, sendo assim, quanto mais citada maior importância ela terá para a comunidade (VENDRUSCOLO; MENTZ, 2006). Dessa maneira, existe uma relação direta entre as espécies e as famílias consideradas como mais importantes para uma população, pois este índice pode ser um relevante argumento para a promoção da sua conservação em seu ambiente natural. Além disso, um aspecto importante para a conservação é estimular o cultivo das plantas utilizadas pelas populações.

Das 80 espécies mencionadas mais importantes para a população estudada, ao solicitar a listagem livre de 10 (dez) espécies de plantas mais utilizadas pelas pescadoras da comunidade Praia de Lábrea e em ordem de valor de uso, podemos evidenciar outras espécies (Figura 5).



FONTE: Autoria própria

Figura 5 – As dez espécies de plantas medicinais mais citadas pelas pescadoras da comunidade Praia de Lábrea.

Baseado em informações coletadas pelos formulários, verificou-se que, duas categorias com maior número de citações de uso pelos informantes sendo a relacionada com o sistema digestivo, incluindo: má digestão, gastrite, prisão de ventre, dores, gases estomacais e transtorno no sistema geniturinário. Essas doenças podem estar diretamente relacionadas à ausência de saneamento básico, o que, por sua vez, contribui para aumento significativo na incidência dessas enfermidades e consequente na redução da expectativa e qualidade de vida dessa população (VASCONCELOS, 2020). A outra categoria está relacionada com: gripe, febre alta e tosse.

No que tange ao acesso à saúde pública na comunidade como esta não tem acesso a posto de saúde ou agentes que realizam acompanhamento nas casas, torna-se viável a utilização destas plantas em seu dia a dia. Assim como no trabalho de Lomba e Fonseca (2017) na ausência das condições básicas, são frequentes os casos de diarreia, infecção intestinal, doenças na pele e outros. Além disso, no inverno, os moradores ficam vulneráveis à malária e outras doenças endêmicas, como dengue e leishmaniose.

Durante a pesquisa, foram apontadas 80 espécies com indicação terapêutica segundo o uso popular e conhecimento da população ribeirinha (Tabela 2). Observou-se em maior destaque: a alfavaca, indicado para tratar problemas no sistema digestório, gripe, febre, hortelã, com indicação para

transtorno do sistema respiratório, gripe, febre, a andiroba para tratamento de doenças na pele, gripe, febre, a copaíba e malvarisco usados no tratamento de doenças no sistema digestório e gripe.

Tabela 2 - Espécies de uso medicinal citadas pelas pescadoras da comunidade Praia de Lábrea.

Família	Nome popular	Nome científico	Nativa ou exótica	Partes coletadas	Modo de preparo	Indicações de doenças
Acanthaceae	Anador	<i>Justicia pectoralis</i> Jacq	Nativa	Folha	Infusão	Asma, tosse e bronquite
	Cibalena	<i>J. gendarussa</i> Burm. F.	Nativa	Folha	Decocção	Infecção Urinária
	Sara-tudo	<i>Justicia calycina</i> (Nees) V.A.W.Graham	Nativa	Folha	Maceração/Decocção	Lavar ferida, Infecção urinária, Inflamação
	Mutuquinha	<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	Nativa	Folha	Maceração/Infusão	Controle de fluxo menstrual, Hemorragia, Câncer, Derrame, Anti-inflamatório
Adoxaceae	Sabugueiro	<i>Sambucus nigra</i> L.	Nativa	Folha	Decocção	Calmante, febre
Amaranthaceae	Mastruz	<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	Nativa	Folha/Planta inteira	Insumo/Decocção/Emplasto	Gripe, Massagem, Verme, Covid, Gripe, Gastrite, Ferimento
	Perpétua	<i>Gomphrena globosa</i> L.	Nativa	Flor/Folha	Infusão	Infecção urinária
	Terramicina	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Nativa	Folha	Decocção/Infusão	Anti-inflamatório, Infecção, Calmante, Inflamação
Amaryllidaceae	Cebolinha	<i>Allium schoenoprasum</i> L.	Nativa	Folha	Decocção	Gripe
Anacardiaceae	Caju	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Nativa	Folha/Casca	Decocção	Diarreia, Inflamação, Pressão alta, Diabetes

	Cajuí	<i>Anacardium humile</i> A.St.-Hil.	Nativa	Casca	Diluição/Infusão	Cistos, Dor nas articulações,
	Manguita	<i>Mangifera indica</i> L.	Nativa	Flor/Folha	Infusão/Decocção	Infecção
Apocynaceae	Amapá	<i>Parahancornia fasciculata</i> (Poir.) Benoist	Nativa	Leite	Emplasto	Tuberculose, Estômago
	Sucuuba	<i>Himatanthus articulatus</i> (Vahl) Woodson	Nativa	Leite/Casca	Diluição/Decocção	Diarreia, Inflamação, Estômago, cicatrizante
Asparagaceae	Babosa	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm.f.	Nativa	Folha (muco)	Emplasto/Insumo	Queimadura, Câncer, cicatrizante
Asteraceae	Agrião/Jambu	<i>Acmella kalelii</i> M.M. Campos, C.F. Hall & J.U.M. Santos	Nativa	Flor/Folha	Lambedor/Maceração/Decocção/Insumo/Infusão	Dor no estômago, Fígado, Infecção urinária, Gastrite
	Catinga-de-mulata	<i>Tanacetum vulgare</i> L.	Nativa	Folha	Decocção/Maceração/Infusão	Febre alta, Dor de barriga, Dor de mulher
	Cordão-de-frade	<i>Leonotis nepetifolia</i> L.	Nativa	Folha	Decocção	Inflamação
	Chicória	<i>Cichorium intybus</i> L.	Nativa	Folha	Decocção	Infecção, Diurético, Verme
	Japana	<i>Ayapana triplinervis</i> (M.Vahl) R.M.King & H.Rob.	Nativa	Folha	Maceração/Decocção	Cicatrizante, Infecção urinária, Inflamação
	Gota-do-zeca	<i>Tithonia diversifolia</i> (Hemsl.) A. Gray.	Nativa	Folha	Decocção	Doenças intestinais, Diarreia, Estômago
	Marcela	<i>Achyrocline satureoides</i> . Lam. D.C.	Nativa	Flor/Folha	Infusão/Banho	Anti-inflamatório, calmante

Bignoniaceae	Crajiuru	<i>Arrabidaea chica</i> (Bonpl.) Verl.	Nativa	Folha	Decocção/Infusão	Colesterol, Infecção urinária, Diurético, Inflamações
Brassicaceae	Couve	<i>Brassica oleracea</i> var. <i>viridis</i> L.	Nativa	Folha	Maceração/Insumo	Alimentício, Estancamento de sangue, Anti-inflamatório, Gastrite
	Rinçãõ	<i>Sisymbrium officinale</i> (L.) Scop.	Nativa	Folha	Decocção	Inflamação
Burseraceae	Breu-de-mescla/negro	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand	Nativa	Seiva/Folha	Decocção/Insumo	Purgativo, Estômago
Caesalpinioideae	Jucá	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart. ex Tul.	Nativa	Bagem/Folha	Decocção/Infusão/Insumo/Lambedor	Inflamação, Gastrite, Gripe, Estômago, Tosse
Caricaceae	Mamão	<i>Carica papaya</i> L.	Nativa	Semente	Maceração/Insumo	Verme
Caryophyllaceae	Cravo	<i>Dianthus caryophyllus</i> L.	Nativa	Folha	Decocção	Digestivo
Cecropiaceae	Embaúba	<i>Cecropia pachystachya</i> L.	Nativa	Fruto	Infusão	Cura o câncer
Crassulaceae	Corama	<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.	Nativa	Folha/Casca	Decocção/Maceração/Insumo/Raspagem/Infusão	Ferimento, Gripe, Inflamação, Gastrite, Diarreia, Cicatrizante, Úlcera
Costaceae	Palha-da-cana-roxa	<i>Costus spicatus</i> Swartz	Nativa	Folha	Infusão	Cistos, Dor nas articulações

Cucurbitaceae	Melão-caetano	<i>Momordica charantia</i> L.	Nativa	Folha	Insumo/Decocção/Maceração	Malária, Gordura no fígado, Gripe, Inflamação
Euphorbiaceae	Açacu	<i>Hura crepitans</i> L.	Nativa	Leite	Aplicar no local	Quebra dente
	Pião-pajé	<i>Jatropha</i> sp. L.	Nativa	Folha	Decocção	Derrame
	Pião-roxo	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Nativa	Folha	Decocção	Infecção
	Sangue-de-dragão	<i>Croton lechleri</i> Müll. Arg.	Nativa	Casca	Decocção/Infusão	Inflamação
	Acapurana	<i>Campsiandra laurifolia</i> Benth.	Nativa	Casca	Infusão	Cura o câncer, Próstata
Fabaceae	Angico	<i>Anadenanthera colubrina</i> var. <i>cebil</i> (Griseb.) Altschul	Nativa	Casca	Decocção	Gripe, Tosse
	Copaíba	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Nativa	Casca/Óleo	Decocção/Diluição/Puro/Infusão	Gripe, Dor de barriga, Garganta inflamada, Hematomas
	Fava	<i>Phaseolus lunatus</i> L.	Nativa	Goma	Após secar, passa na pele	Pano branco
	Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Nativa	Casca	Infusão/Decocção	Infecção, Gripe, Tosse
Humiriaceae	Paracuuba	<i>Dimorphandra</i> Schott	Nativa	Casca/raspagem	Decocção/Diluição/Infusão	Vômito, Diarreia, Anti-inflamatório, Dor muscular
	Uxi-amarelo	<i>Endopleura uchi</i> (Huber) Cuatrec.	Nativa	Casca	Decocção/Infusão	Inflamação

	Alfavaca	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Nativa	Folha/Caule	Decocção/Maceração/Infusão/Alimentício	Infecção urinária, Coluna, Gripe, Anti-inflamatório, Infecção intestinal, Pressão
	Alfazema	<i>Lavandula angustifolia</i> Mill.	Nativa	Folha	Infusão	Menstruação
	Boldo	<i>Peumus boldus</i> Molina	Nativa	Folha	Decocção/Maceração	Dor no estômago, Inflamação, Vômito
	Boldo-pimenta	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Nativa	Folha	Decocção/Maceração	Dor no estômago
Lamiaceae	Cidreira	<i>Melissa officinalis</i> L.	Nativa	Folha	Decocção	Calmanete, Febre, alimentício, sonífero
	Hortelã	<i>Mentha</i> sp	Nativa	Folha	Infusão	Gripe, alimentício
	Hortelã-pimenta	<i>Mentha piperita</i> L.	Nativa	Folha	Infusão/Decocção	Febre alta, dor de mulher
	Manjeriçã	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Nativa	Folha	Decocção	Banho, gripe
	Oriza	<i>Pogostemon heyneanus</i> Benth.	Nativa	Folha	Infusão	Coração, Banho
	Trevo-roxo	<i>Scutellaria agrestis</i> A.St.-Hil. ex Benth.	Nativa	Folha	Sumo/Maceração	Dor de ouvido
Lauraceae	Abacate	<i>Persea americana</i> Mill.	Nativa	Folha	Decocção	Hepatite

	Canela	<i>Cinnamomum verum</i> J.Presl	Nativa	Folha	Decocção	Fígado, Malária, Diarreia
	Algodão-roxo	<i>Gossypium barbadense</i> L.	Nativa	Folha/semente	Decocção	Diurético
Malvaceae	Malvarisco	<i>Malvaviscus arboreus</i> Cav.	Nativa	Folha	Decocção/banho/Maceração/Lambedor/Insumo	Infecção urinária, Ferimento, Gripe, Anti-inflamatório, Dor de barriga
	Andiroba	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	Nativa	Óleo/casca	Maceração/Diluição/Puro/D eixa escorrer no sol ou sombra/Infusão	Massagem, Cicatrizante, Gripe, Tosse, Pressão alta
Meliaceae	Cedro	<i>Cedrela odorata</i> L.	Nativa	Casca	Infusão/Decocção	Inflamação, Malária, Gripe, Tosse
Moraceae	Mora	<i>Morus nigra</i> L.	Nativa	Folha/fruta	Decocção	Infecção
	Azeitona	<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	Nativa	Folha/Casca	Infusão/Decocção/Diluição	Diarreia, Dor de cabeça
Myrtaceae	Goiaba	<i>Psidium guajava</i> L.	Nativa	Folha	Decocção/Maceração	Dor de barriga, Dor, Assento
Phytolaccaceae	Mucuracá	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Nativa	Folha	Decocção/Banho	Dor de mulher, Constipação
	Capeba	<i>Piper umbellatum</i> L.	Nativa	Folha	Decocção/Emplasto	Anti-inflamatório
Piperaceae	Óleo-elétrico	<i>Piper callosum</i> Ruiz & Pav.	Nativa	Folha	Infusão/Maceração	Cardiorrespiratório, infecção urinária
Poaceae	Capim-santo	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Nativa	Folha	Decocção	Gripe, Febre, Alimentício, Colesterol, Calmante, Infecção urinária, Enxaqueca,

Pressão alta,
Gastrite

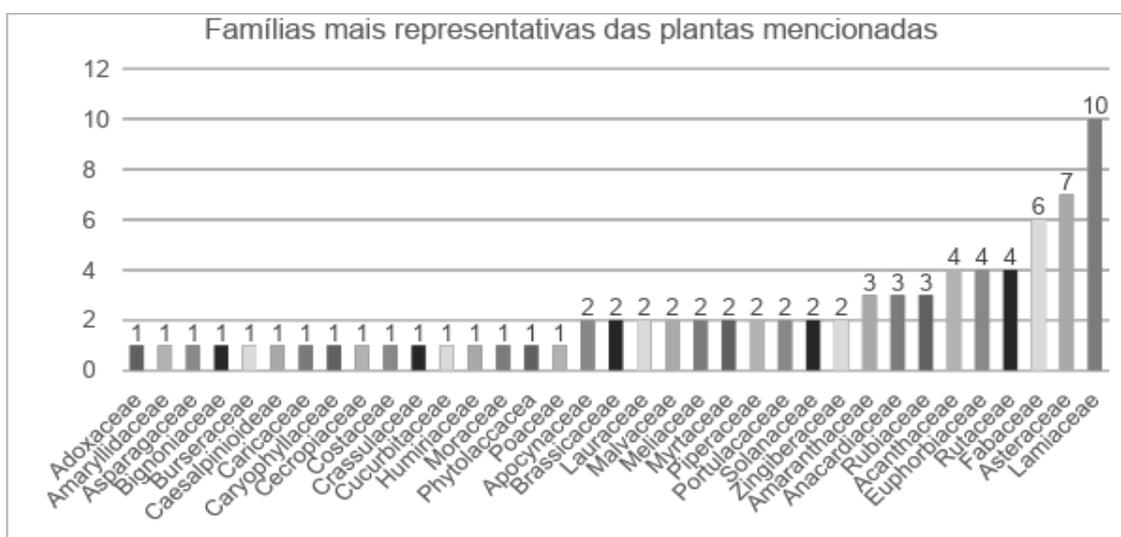
Portulacaceae	Amor-crescido	<i>Portulaca pilosa</i> L.	Nativa	Folha	Insumo/Decocção/Emplasto/Maceração	Gripe, Estômago, Cicatrizante, Gordura no fígado
	Onze-horas	<i>Portulaca grandiflora</i> Hook.	Nativa	Flor/Folha	Decocção	Gripe, Coração, Banho
Rubiaceae	Mulateiro	<i>Calycophyllum spruceanum</i> (Benth.) K.Schum.	Nativa	Casca	Decocção	Inflamação
	Quina-quina	<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K.Schum.	Nativa	Casca	Decocção	Febre alta
	Unha-de-gato	<i>Uncaria</i> spp.	Nativa	Casca	Decocção	Inflamação, Cisto
Rutaceae	Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Nativa	Folha	Decocção/Infusão	Dor de cabeça, Dor de mulher, Estômago
	Laranja	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Nativa	Flor/Folha/Casca	Decocção	Gripe, Calmante
	Lima	<i>Citrus aurantiifolia</i> (Christm.) Swingle	Nativa	Folha	Decocção/Infusão	Gastrite, Verme
	Limão	<i>Citrus lemon</i> L.	Nativa	Folha	Decocção	Gripe

Solanaceae	Canapum	<i>Physalis angulata</i> L.	Nativa	Folha/Casca/ Fruta	Decocção	Infecção/Diabete
	Pimenteira	<i>Capsicum</i> spp.	Nativa	Folha	Decocção	Tumor
Zingiberaceae	Gengibre	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Nativa	Batatinha/Rai- z/Folha	Maceração/Decocção/Lam- bedor	Dor/Gripe
	Açafrão-da- terra	<i>Curcuma longa</i> L.	Nativa	Folha	Decocção	Febre alta, gripe

FONTE: Autoria própria

A família que teve mais espécies citadas foi a Lamiaceae, seguido das famílias Asteraceae e Fabaceae, demonstrado na figura 6. Segundo Forzza et al., (2010) essas famílias estão entre as maiores famílias de angiospermas e entre as mais ricas nos diferentes domínios fitogeográficos brasileiros, sendo a Fabaceae a mais representativa na região Amazônica.

Além disso, Xavier et al., (2022) relatam que a família Lamiaceae é composta por uma grande diversidade de espécies de plantas, cujo interesse varia desde o econômico até ao medicinal e social. As plantas pertencentes a essa família não só são aplicadas na medicina verde como também são utilizadas para fins econômicos e na indústria alimentícia.



FONTE: Autoria própria

Figura 6 - Algumas das famílias botânicas mais representativas das 35 famílias mencionadas pela comunidade.

Sobre o perfil etnobotânico podemos destacar algumas respostas mais representativas que podem ser observadas na (Tabela 3).

Tabela 3 - Dados mais representativos das respostas dos entrevistados sobre o perfil etnobotânico (Apêndice II)

Q2. Existem plantas mais importantes ou de maior valor que outras?	Q3. Quais plantas possuem mais dificuldade de encontrar na sua localidade?	Q4. Você acha importante a preservação das plantas medicinais? Por quê?	Q5. Você conhece noções sobre intoxicações, ou alguém que teve/presenciou?
22 pessoas relataram que todas		27 pessoas responderam que é	30 pessoas responderam que

são importantes e que cada uma ajuda um tipo de doença	Arruda; Mucuracá; Amor crescido, Malvarisco, Corama; Mutuquinha e Óleo elétrico; Jucá	importante preservar pois estas servem para fazer remédio	não tinham noção, mas afirmavam que não pode tomar demais e que o chá dever ser fraco
--	---	---	---

FONTE: Autoria própria

Na questão 2, quando perguntados se existem plantas mais importantes, algumas pessoas responderam: *não, cada uma tem sua importância*. Além disso, outras respostas como: *o mastruz é uma planta muito importante pois serve pra tudo*, inclusive, quando estavam com Covid foi a alternativa que encontraram para o tratamento. Outras plantas como o cajuí; alfavaca; andiroba; terramicina e amor crescido foram mencionadas como plantas mais importantes.

Sobre os dados obtidos da questão 3, cinco entrevistadas responderam que todas são fáceis de encontrar e seis pessoas relataram que a copaíba é muito difícil de encontrar, podendo ser justificado pela localização que ela se encontra, dentro da mata fechada que tem um difícil acesso.

Outras respostas para a questão 4, variaram de: *sim, nem todos os dias temos dinheiro para comprar remédio em farmácia; sim, se não cuidar quando precisar não tem; sim por quê além de ter a serventia medicinal ajuda na floresta*.

Na questão 5, a maioria das entrevistadas (64,86%) indicaram que não tinha um entendimento claro sobre o conceito de intoxicação. Porém, é notável que uma parcela significativa dessas mulheres (35,14%) mencionou que, se a planta não for usada corretamente, poderia causar mal-estar. Essas percepções oferecem uma oportunidade valiosa para fornecer informações cruciais à população, como esclarecimentos sobre os riscos de intoxicação e orientações sobre a forma mais apropriada de utilizar a planta de maneira segura e eficaz. Isso nos permite contribuir para a disseminação de conhecimento essencial que pode ser benéfico para a comunidade

Assim, sete pessoas (18,92%) responderam que já tiveram algum grau de intoxicação; *sim, com a babosa; sim, tomei japana muito forte e baixou a pressão e deu vômito; sim, quase morri intoxicada tentando quebrar o dente com o Açacu; já tive, a andiroba deu dor de barriga*.

Dentre as 80 espécies de plantas citadas pela comunidade, pode-se observar e alertar sobre o uso do picão que é uma planta que essa comunidade

está usando de maneira errada, a planta em si, é conhecida pelo nome cordão-de-frade sendo esta, uma planta tóxica para alguns autores e para outros possui propriedades medicinais.

Elisabetsky e Posey (1989) destacaram a ocorrência de casos de abortamento entre as mulheres indígenas Kayapó no Brasil, apontando para uma possível relação com a ingestão do decocto preparado a partir de folhas e caules de *L. nepetifolia*.

Já no trabalho de Dhawan, Khan e Srivastava (2013) relatam que esta planta tem propriedades medicinais, como: tônica, estimulante, diurética, febrífuga, utilizada no tratamento da asma brônquica, diarreia, febre, gripe e malária e também é analgésico. Observa-se que os dados constantes da literatura sinalizam sua ação curativa, mas acredita-se que merece atenção dos pesquisadores pois tem uso tradicional bastante difundido.

Além disso, as plantas cidreira e capim-santo são espécies distintas conhecidas e utilizadas pela comunidade. No entanto, é crucial destacar a importância de compreender não apenas o reconhecimento dessas plantas, mas também a quantidade apropriada para o consumo, visando evitar possíveis riscos de toxicidade. Essa consideração se torna especialmente significativa, uma vez que a dosagem segura pode variar entre as diferentes plantas.

De acordo com Filho (2020) devemos nos atentar a diversos critérios para administrar o uso das plantas medicinais, esses critérios podem ser observados, com: a identificação precisa das espécies, a correspondência com o quadro clínico apresentado e a devida preparação. Além disso, essas plantas tem a eficácia comprovada de seus benéficos e a população faz a sua procura devido esta ser de fácil cultivo.

Questionou-se na questão 6, quais problemas ambientais essas pescadoras percebiam que afetavam o crescimento e a produção de plantas medicinais, muitas relataram que: *sol, seca e desmatamento; enchente (dificuldade na colheita), na seca morre muitas plantas; seca e enchente, ambas em excesso matam a planta; queimadas, enchente e desmatamento*. Algumas entrevistadas relataram que não havia nenhum tipo de problema e que as plantas não tinham dificuldades para crescer.

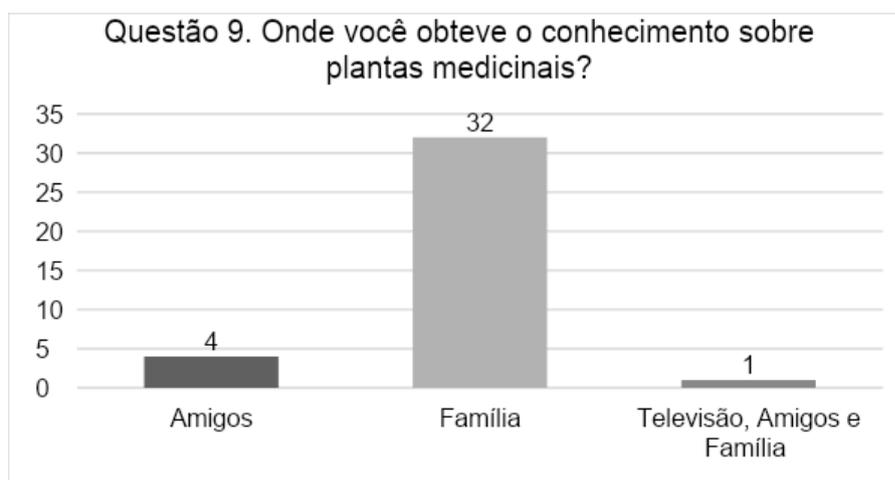
Questão 7 relacionou quais são os desafios enfrentados na preservação e manutenção do conhecimento e uso das plantas, seis pescadoras responderam que a seca impede a manutenção do uso das plantas, pois, quando chega nessa época precisam carregar água na cabeça para o seu consumo, o que dificulta o cuidado com as plantas. Outras seis pescadoras responderam que não há dificuldade ou desafios. Já doze pescadoras (32,43%) responderam que a enchente é o principal fator que enfrentam para o cuidado com as plantas. dez entrevistadas relataram que o desmatamento afeta o crescimento das plantas. E por fim, alguns relatos sobre a presença de bichos/insetos, os desafios de fazerem canteiros altos e adubo natural para a planta crescer, são questões que afetam o crescimento das plantas.

Já na questão 8 perguntou-se quais sugestões ou medidas elas achavam importantes para proteger as plantas na comunidade, 15 pescadoras responderam que a melhor opção é fazer canteiro suspenso ou colocar em vasos para ficar fácil de transportar quando tem a enchente. E 14 destas pescadoras responderam que é importante regar bastante na seca para não deixar elas morrerem e que seria mais fácil se tivessem um sistema de irrigação, além de cobrir e adubar bem as plantas. Assim, outras respostas como: palestras para aprenderem a cuidar das plantas, ter consciência, não desmatar, fazer o uso de venenos para matar os insetos, são maneiras de informar e cuidar das plantas.

Comparando isso com o trabalho de Lima, Pires e Vieira (2014), nas oficinas se concretiza a integração entre as pessoas e a natureza. Visando a troca de conhecimentos e a valorização da cultura local que são elementos fundamentais que viabilizam práticas conectadas com a sustentabilidade socioambiental.

Assim, a participação ativa dos membros da comunidade nas palestras é notável no trabalho de Mattos (2023), evidenciando que as pessoas possuíam conhecimentos substanciais acerca do meio ambiente, preservação e cuidados com a natureza. Durante suas intervenções, alguns compartilharam valiosos exemplos de ações prejudiciais ao meio ambiente, destacando igualmente práticas a serem evitadas para preservar a natureza.

A questão 9 pode ser observada na figura 7 que relata que a maioria (97,29%) das participantes obteve o conhecimento sobre plantas medicinais por meio da família. O que pode ser relacionado ao fato de a população ter sido representada por moradores de várias faixas etárias e também pela influência de outras culturas no dia a dia destas famílias.



FONTE: Autoria própria

Figura 7 - Dados do perfil etnobotânico (Apêndice II) mencionadas pelas pescadoras da comunidade ribeirinha

Visando a disseminação do conhecimento tradicional, a pesquisa buscou verificar se estes estão sendo passados de geração para geração, e pode-se observar que estas ações poderão contribuir para a difusão do conhecimento dos mais idosos entre os mais jovens, colaborando para a valorização da identidade da comunidade no que diz respeito ao conhecimento do ambiente que os cerca. Além disso, os dados ambientais obtidos foram essenciais para entender a diversidade local, quais são os principais impactos antrópicos que essa região sofre e para evitar que o ecossistema que se encontra em risco desapareça.

Pode-se observar no trabalho de Lima, Pires e Vieira (2014) relatam que o ser humano não deve encarar a natureza como um objeto a ser manipulado, mas sim como um meio de aprendizado, no qual a preservação do meio ambiente representa responsabilidade e oportunidade de crescimento.

Sendo assim, na questão 10 perguntou-se se repassavam o conhecimento de plantas medicinais para os filhos. Se sim, de que forma? As

respostas variaram de: *Sim, é importante por que as pessoas ficam doentes e o remédio ajuda a melhorar; Sim, fazendo o chá, explicando pra que serve e com o tempo quando crescer vão lembrar; Sim, se chegar adoecer vai saber qual planta vai servir; Sim, ensinando como fazer e por que é acessível; Sim, por que se não estou perto eles sabem o que tomar; Sim, pra não perder a tradição; Sim, observando no dia a dia. Importante ensinar por que nem sempre vai ter remédio; não tenho filhos, mas quando tiver vou ensinar.*

De acordo com as entrevistas, pode-se observar que a comunidade ribeirinha busca conviver da melhor forma com esses conhecimentos, no entanto, esses conhecimentos tradicionais sofrem modificações do meio por conta das degradações que ocorrem e essas pessoas possuem um sistema de crença e trocas simbólicas muito ativo, sendo passado de geração para geração.

Assim, a transmissão oral é como mecanismo de disseminação mantendo uma conexão constante com os conteúdos compartilhados (PEREIRA; DIEGUES, 2010). Embora alguns indivíduos possam não ter a habilidade de utilizar esse método, eles têm conhecimento de alguém que o utiliza, graças às experiências e saberes compartilhados.

As informações do saber local sobre o uso das plantas como remédio emitidas pelas pessoas da comunidade Praia de Lábrea podem oferecer subsídios para estudos científicos futuros, de antemão, esses trabalhos auxiliam para a valorização da medicina tradicional local e podem auxiliar outras comunidades a utilizarem essas plantas, por serem de baixo custo e fácil acesso, tornando-se em muitos casos uma fonte primária de recursos para amenizar ou curar suas doenças (VASCONCELOS, 2020).

Na questão 11, perguntou-se: você faz comercialização de plantas medicinais para outros locais? Das mulheres entrevistadas, (67,56%) não fazem a comercialização das plantas medicinais. As plantas que coletam e que cultivam servem apenas para o consumo. Já (32,44%) relatam que comercializam na feira da cidade.

Assim, questionou-se na questão 12, quanto em média gera de renda a venda dessas plantas para a sua família, tendo valores mínimos de 40 reais e máximos de 500,00 reais por mês. Esses valores podem variar de acordo com a

quantidade plantada/colhida nas épocas de seca e enchente. Já na questão 13, perguntou-se quais as mais comercializadas, das 80 espécies mencionadas o mastruz, agrião, hortelã, chicória e o jambu, foram as plantas que as pescadoras relataram que têm mais procura e que é de fácil cultivo.

De acordo com a Tabela 1, pode-se observar que as plantas nativas são mais representativas, isso pode ser explicado pelo processo de ocupação humana na Amazônia também alterou a distribuição natural de muitas espécies vegetais que passaram ou não por algum grau de domesticação (PRADO; MURRIETA, 2015). Assim, as diversas plantas nativas da Amazônia, são exploradas comercialmente pelas próprias comunidades locais.

A vegetação presente nessa região é identificada como mata de várzea, caracterizada por períodos de inundação em determinadas épocas do ano. Devido ao clima Equatorial Úmido, a população enfrenta diversos desafios ao utilizar as plantas, que variam desde a seca intensa, dificultando o cultivo dessas espécies, até as enchentes prolongadas, que também impactam as plantas medicinais.

De acordo com Pereira, Winkler e Hacon (2016) as comunidades ribeirinhas sofrem diretamente a influência dos projetos de desenvolvimento regional, os quais não apenas moldam as condições ambientais, sociais e de saúde, mas também exacerbam a transição da população rural para o ambiente urbano, acarretando consequências palpáveis e sutis na saúde humana. Um dos problemas frequentes está relacionado com a distância do centro urbano do município e de seus serviços públicos.

Isso desencadeia uma série de desafios enfrentados pela comunidade Praia de Lábrea na atualidade, notadamente o expressivo desmatamento e as frequentes ocorrências de queimadas, como evidenciado na figura 8, e outros problemas que são oriundos das ações antropogênicas que direta e indiretamente comprometem as características naturais da fauna e flora local.

Essas questões ambientais estão frequentemente interligadas a problemáticas sociais, já que as pessoas recorrem ao desmatamento em busca de moradia, desencadeando práticas de grilagem e invasão de terras e as queimadas por não possuírem um local adequado para descartar os lixos

produzidos pela comunidade, pois, moram longe da cidade e a prefeitura não apresenta recursos para recolher os resíduos produzidos.

Outros motivos para as questões relacionadas ao desmatamento na comunidade, pode estar interligada ao avanço da água durante as enchentes que ocorrem regularmente. Além disso, podemos destacar que essas práticas são adotadas devido à dificuldade e custo de vida elevado nas cidades, levando essas pessoas a procurarem outros meios, sendo uma forma de sobrevivência.



FONTE: Aatoria própria

Figura 8 - Alguns focos de queimadas e desmatamento que foram realizados por moradores da comunidade.

Para minimizar os resíduos sólidos produzidos, a alternativa mais usada pelos moradores é a queima e o enterramento em valas pouco profundas. Filho, Lopes e Souza (2021) ressaltam o perigo originado da ausência de conhecimento sobre os efeitos das emissões de poluentes para atmosfera e pela

falta de alternativas disponíveis para a coleta, tratamento e destinação, a queima de lixo é uma forma muito comum – e às vezes a única de dar fim nos resíduos.

Além disso, essa prática pode acarretar muitos riscos à saúde, principalmente relacionado aos componentes químicos exalados na fumaça, sendo extremamente tóxicos. O combate à perpetuação desse hábito pode ser alcançado por meio da conscientização e educação ambiental, já que a educação estimula a adoção de novos padrões de consumo e estilos de vida.

A etnoconservação representa uma abordagem que busca harmonizar a conservação da natureza com os saberes tradicionais e o manejo sustentável dos recursos naturais que estas comunidades possuem. Isso se justifica pela relevância dessas populações como agentes fundamentais na preservação do ambiente natural em que estão inseridas, desempenhando um papel crucial na sua proteção e na promoção de práticas sustentáveis (PEREIRA; DIEGUES, 2010).

De acordo com Diegues (2010) o ponto de partida para experiências de outros modelos de conservação no Brasil foi dado pelos movimentos sociais, incluindo pescadores artesanais que propuseram alternativas práticas à conservação. Essa abordagem não apenas visa à preservação dos ecossistemas e espécies, mas também ao fortalecimento das economias locais, através do uso sustentável dos recursos naturais, o que, por sua vez, reduz a pressão sobre os ecossistemas e ajuda a manter um equilíbrio fundamental para a sobrevivência a longo prazo das populações dependentes da biodiversidade.

Por envolver a preservação e a gestão sustentável dos recursos naturais com base no conhecimento tradicional e na sabedoria das comunidades locais, a etnoconservação tem uma relação direta com as ciências ambientais. Sendo assim, ambas buscam abordagens integradas para a conservação e gestão ambiental.

Assim a integração da etnoconservação nas práticas das ciências ambientais não apenas promove a conservação ambientalmente mais eficaz, mas também contribui significativamente para uma melhoria das condições sociais e econômicas das comunidades locais, em especial daquelas que dependem diretamente dos benefícios proporcionados pela biodiversidade.

CONCLUSÕES

Este é o primeiro estudo realizado nesta comunidade, portanto, proporcionou uma valiosa descoberta das espécies frequentemente empregadas pelas pescadoras como seus principais recursos para o tratamento das enfermidades locais. Essa pesquisa se torna ainda mais relevante devido à escassez de recursos disponíveis para suprir as necessidades de saúde das comunidades rurais, realçando a sabedoria essencial que essas mulheres compartilharam conosco.

Além disso, ao buscar retratar o resgate do conhecimento tradicional, reuniu-se informações sobre indicações terapêuticas, partes utilizadas e métodos de preparação de remédios a partir das plantas medicinais. Essa abordagem permitiu a realização de uma análise socioambiental da comunidade Praia de Lábrea, evidenciando a riqueza de conhecimentos que a população possui.

É evidente que o conhecimento sobre as plantas medicinais dentro da comunidade Praia de Lábrea tem sido gradualmente construído e transmitido de uma geração para outra. Esse processo de transmissão de sabedoria tem contribuído para o cultivo e a preservação das espécies, garantindo, assim, a manutenção da riqueza de sua diversidade biológica ao longo das sucessivas gerações.

No entanto, é necessário que haja uma gestão pública responsável para elevar o bem-estar da comunidade, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida e promover uma maior diversidade de maneiras de utilizar e aproveitar os recursos naturais disponíveis. Isso é crucial, uma vez que as plantas medicinais desempenham um papel vital na subsistência da comunidade. Além disso, é fundamental investir na preservação e transmissão dos conhecimentos tradicionais, uma vez que esses saberes desempenham um papel significativo na manutenção da biodiversidade local.

Por fim, é importante destacar que este estudo pode servir como base para futuras pesquisas relacionadas às práticas de uso das plantas medicinais, contribuindo assim para o avanço do conhecimento e aprimoramento das

abordagens relacionadas à saúde e bem-estar desta e de outras comunidades ao longo do rio Purus.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais (PPGCA) e a Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Amazonas (FAPEAM), pela concessão da bolsa de mestrado e a comunidade Praia de Lábrea pela participação na pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v.16, n.3, p. 273-285, 2002.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. **Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobotânica**. Recife: Livro Rápido / NUPEEA, 2004.

ALBUQUERQUE; U. P.; HANAZAKI, N. As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v.16, p.678-689, 2006.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. 2. ed. Recife: COMUNIGRAF, 2008.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; ALENCAR, N. L. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. **Métodos na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. NUPEEA, 2010. 559 p.

ALBUQUERQUE, U. P.; FERREIRA-JÚNIOR, W. S.; RAMOS, M. A.; M. M. P. **Introdução à Etnobotânica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Interciência, 2022.

ALLEGRETTI, M. A construção social de políticas públicas. Chico Mendes e o movimento dos seringueiros. **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v.1, n.18, p.39-59, 2008.

ALMEIDA, M. Z. **Plantas medicinais**. 3. ed. Salvador: EDUFBA, 2011.

APG IV, An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. **Botanical Journal of the Linnaean Society**, n.141. p.399-436. 2016.

ARAÚJO, J. P.; SILVA, L. E.; AMARAL, W.; MACHADO, M. S. Formas tradicionais de uso, manejo e percepção dos recursos vegetais no Litoral do Paraná: etnoconservação florestal da Mata Atlântica. **Brazilian Journals of Development**, v.4, n.3, Edição Especial, p.886-915, 2018.

BARBOSA, M. S.; LIMA, J. P. S.; LIMA, R. A. Contribuições da educação ambiental para a biodiversidade no Amazonas: uma revisão integrativa. **Revbea**, v.18, n.1, p.194-210, 2023.

BEGOSSI, A. Use of ecological methods in ethnobotany: Diversity Indices. **Economic Botany**, v.50, n.3, p.280-289, 1996.

BENINI, E. B.; SARTORI, M. A. B.; BUSCH, G. C.; REMPEL, C.; SCHULTZ, G.; STROHSCHOEN, A. A. G. Valorização da flora nativa quanto ao potencial fitoterápico. **Revista Destaques Acadêmicos**, v.1, n.3, p.11-17, 2010.

BISOL, C. A. Estratégias de pesquisa em contextos de diversidade cultural: entrevistas de listagem livre, entrevistas com informantes-chave e grupos focais. **Estudos de Psicologia**, n. 29(Supl.), p.719-726, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Práticas integrativas e complementares: plantas medicinais e fitoterapia na Atenção Básica/Ministério da Saúde**. Cadernos de Atenção Básica, n. 31. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

BRASIL, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Instrução Normativa nº 35, de 27 de dezembro de 2013**. Disponível em: <https://www.ibama.gov.br/component/legislacao/?view=legislacao&legislacao=131489>. Acesso: dia 17/12/2023 às 16:24 horas.

BRASIL. ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Resolução RDC nº 84, de 17 de junho de 2016**. Aprova o Memento Fitoterápico da Farmacopeia Brasileira e dá outras providências. Disponível em: <https://www.conass.org.br/conass-informa-n-128-publicada-a-resolucao-rdc-anvisa-n-84-que-aprova-o-memento-fitoterapico-da-farmacopeia-brasileira-e-da-outras-providencias/>. Acesso: dia 07/09/2022 às 17:33 horas.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Lábrea, senso 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/labrea/panorama>. Acesso: 22/08/2023

BRITO, M. F. M.; LUCENA, R. F. P.; CRUZ, D. D. Conhecimento etnobotânico local sobre plantas medicinais: uma avaliação de índices quantitativos. **Interciência**, v.40, n.3, p.156-164, 2015.

CARVALHO, D. S.; LIMA, R. A.; QUERINO, C. A. S.; CAMPOS, M. C. C.; LIMA, J. P. S. Etnobotânica e uso de plantas com potencial terapêutico em assentamentos rurais brasileiros. **Educação Ambiental em Ação**. v.21, n.84, 2023.

CAVALCANTE, J. W.; CAVALCANTE, V. M. G.; BIESKI, I. G. C. Conhecimento tradicional e etnofarmacológico da planta medicinal copaíba (*Copaifera langsdorffii* Desf.). **Biodiversidade**, v.16, n.2, p.123-132, 2017.

DAVID, M.; PASA, M. C. As plantas medicinais e a etnobotânica em Várzea Grande, MT, Brasil. **Interações**, v.16, n.1, p.97-108, 2015.

DHAWAN, N. G.; KHAN, A. S.; SRIVASTAVA, P. A General Appraisal of *Leonotis nepetifolia* (L) R. Br: An Essential Medicinal Plant. **Bulletin of Environment, Pharmacology and Life Sciences**, v.2, n.8, p. 118-121, 2013.

DIEGUES, A. C. **A construção da etno-conservação no Brasil**: o desafio de novos conhecimentos e novas práticas para a conservação. São Paulo: NUPAUB, 2010.

ELISABETSKY, E.; POSEY, D. A. Use of contraceptive and related plants by the Kayapo Indians (Brazil). **Journal of ethnopharmacology**, v.26, n.3, p.299-316, 1989.

FAVORITO, P. A.; ECHER, M. M.; OFFEMANN, L. C.; SCHLINDWEIN, M. D.; COLOMBARE, L. F.; SCHNEIDER, R. P.; HACHMANN, T. L. Características produtivas do manjeriço (*Ocimum basilicum* L.) em função do espaçamento entre plantas e entre linhas. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v.13, especial, p.582-586, 2011.

FILHO, A. A. O. Educação fitoterápica e ambiental como meio de propagação do seu uso racional através da extensão universitária para a comunidade: relato de experiência. **Research, Society and Development**, v.9, n.10, e4719107617, p.1-16, 2020.

FILHO, P. A. L. S.; LOPES, S. L.; SOUZA, V. Gerenciamento de resíduos sólidos em comunidades ribeirinhas da Amazônia brasileira – Caracaraí/RR. **Anais... 4º Congresso Sul-Americano de Resíduos Sólidos e Sustentabilidade**. Gramado/RS, 2021.

FORZZA, R. C.; LEITMAN, P. M., COSTA, A., CARVALHO, A. A. D., PEIXOTO, A. L., WALTER, B. M. T., ... & SOUZA, V. C. Instituto de pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. **Catálogo de plantas e fungos do Brasil** [online]. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio: Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2010.

JORGE, S. S. A. **Plantas Medicinais**: Coletânea de Saberes, 2009. Disponível em: <https://docplayer.com.br/2788147-Plantas-medicinais-coletanea-de-saberes-schirlei-da-silva-alves-jorge.html>. Acesso em: 12 set. 2022.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto**: imagem e som: um manual prático. GUARESCHI, Pedrinho A. (trad.) - 11. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

LEAL, J. B.; SILVA, M. M.; COSTA, J. M.; ALBUQUERQUE, L. C. S.; PEREIRA, M. G. S.; SOUSA, R. L. Etnobotânica de plantas medicinais com potencial anti-inflamatório utilizadas pelos moradores de duas comunidades no município de Abaetetuba, Pará. **Revista Biodiversidade**, v.18, n.3, p.110-125, 2019.

LIRA, T. M.; CHAVES, M. P. S. R. Comunidades ribeirinhas na Amazônia: organização sociocultural e política. **Interações**, v.17, n.1, p.66-76, 2016.

LIMA, R. A.; PIRES, L. S. S.; VIEIRA, N. G. A educação ambiental e o uso de plantas medicinais utilizadas pela população do distrito de União Bandeirante-Rondônia. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental** – REGET, v.18 n.4, p.1351-1360, 2014.

LOMBA, R. M.; FONSECA, M. B. S. Modos de vida ribeirinho na comunidade Foz do Rio Mazagão – Mazagão (AP/Brasil). **Ateliê Geográfico**, v.11, n.1, p.257-276, 2017.

LUZ, H. S.; SANTOS, A. C. G.; LIMA, F. C.; MACHADO, K.R.G. Prospecção fitoquímica de *Himatanthus drasticus* Plumel (Apocynaceae), da mesorregião leste maranhense. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v.6, n.3, p. 657-662, 2014.

MATTOS, G. S. **Etnobotânica e a biodiversidade de macrófitas aquáticas em comunidades no Alto Solimões, Amazonas**, Brasil. 2023. 137f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Ciências Ambientais. Universidade Federal do Amazonas, Humaitá, 2023.

MOBOT, **Missouri Botanical Garden Tropicos W3T data bank**. 2014.

PEIXOTO, A. L.; MAIA, L. C. **Manual de procedimentos para Herbários**. Editora Universitária - UFPE: Recife, 2013.

PEREIRA, B. E.; DIEGUES, A. C. Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n.22, p.37-50, 2010.

PEREIRA, C. A. R.; WINKLER, M. S.; HACON, S. S. Análise de Condições Ambientais em Comunidades Ribeirinhas de Porto Velho, Rondônia, Brasil. **Revista Brasileira de Geografia Física**, v.09, n. 02, p.440-455, 2016.

PONTES, E. D. S.; ARAÚJO, M. G. G.; SALES, H. L. D.; SILVA, G. S.; SILVA, N. S.; SOARES, J. K. B.; VIEIRA, V. B. Propriedades antioxidantes dos extratos da flor e da folha de malvavisco. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, v.38, n.1, e26755, 2021.

PRADO, H. M.; MURRIETA, R. S. S. Presentes do passado. Domesticação de plantas e paisagens culturais na Amazônia pré-histórica. **Ciência Hoje**, v. 55, n.326, p.18-23, 2015.

RECH, N. **Memento Fitoterápico da Farmacopeia Brasileira** - 1ª edição. Brasília, 2016.

RIBEIRO, C. D. B.; COSTA, P. A.; LIMA, S. R. V.; SILVA, M. T. O uso medicinal de *Carapa guianensis* Abul. (Andiroba). **Research, Society and Development**, v.10, n.15, e391101522815, 2021.

SANTOS, A. L. S.; PEREIRA, E. C. G.; ANDRADE, L. H. C. A construção da paisagem através do manejo dos recursos naturais e a valorização do etnoconhecimento. In: ALBUQUERQUE, U. P.; ALVES, A. G. C.; ARAÚJO, T. A. S. **Povos e paisagens: Etnobiologia, Etnoecologia e Biodiversidade no Brasil**. Recife: NUPEEA/UFRPE, p.61-73, 2007.

SANTOS, J. A.; OLIVEIRA-JUNIOR, A.; MENEGUELLI, A. Z.; CAMARGO, E. E. S. O saber etnobotânico de plantas medicinais na comunidade ribeirinha do município de Ji-Paraná – RO. **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research**, v.31, n.1, pp.07-13, 2020.

SILVA, V. A.; NASCIMENTO, V. T.; SOLDATI, G. T.; MEDEIROS, M. F. T.; ALBUQUERQUE, U. P. Técnicas para análise de dados etnobiológicos. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. **Métodos e técnicas na pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica**. 2. ed. Recife: COMUNIGRAF, 2010.

VASCONCELOS, G. K. A. **O conhecimento tradicional no processo de conservação da biodiversidade**: um olhar sobre as contribuições dos agentes comunitários de saúde. 2020. 135f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Ciências Ambientais. Universidade Federal do Amazonas, Humaitá, 2020.

VELTRI, A. L. A. **Estudo de Etnociências nas boas práticas agrícolas de plantas medicinais, aromáticas e condimentares do município de Botucatu, SP**. 2017. 110f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências Agrônômicas da Unesp – Câmpus de Botucatu, 2017.

VENDRUSCOLO, G. S.; MENTZ, L. A. Estudo da concordância das citações de uso e importância das espécies e famílias utilizadas como medicinais pela comunidade do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, RS, Brasil. **Acta Botânica Brasilica**, v.20, n.2, p.367-382, 2006.

XAVIER, R. A. T.; MORAIS, D. B.; SOUZA, D. B.; LIMA, E. S.; BRAGA, M. N. S.; PANTOJA, T. M. A.; LIMA, R. A. Levantamento de plantas medicinais da família

Lamiaceae na comunidade Cristolândia, Humaitá-AM. **Revista Biodiversidade**, v.21, n.1, p.143-154, 2022.

CONCLUSÕES GERAIS

Os estudos de Etnobotânica desempenham um papel fundamental para a compreensão do funcionamento dos sistemas, não apenas fornecem novos métodos e abordagens para a pesquisa, mas também valorizam profundamente o conhecimento das populações tradicionais, reconhecendo a riqueza de saberes que elas detêm. Essa valorização se baseia em um respeito mútuo estabelecido entre o informante, que compartilha seu conhecimento ancestral, e o pesquisador, que busca aprender e documentar esses saberes de forma ética e colaborativa.

Além disso, a Etnobotânica ajuda a preservar e proteger a diversidade biocultural, promovendo práticas de conservação sustentável e a valorização da sabedoria local no contexto da pesquisa e da gestão ambiental. Assim, o presente estudo apresentou dados importantes e inéditos acerca da riqueza de plantas medicinais na comunidade Praia de Lábrea, uma população ribeirinha da região do sul do Amazonas, na qual, possuem conhecimentos diversificados e de grande importância acerca das plantas medicinais.

Em geral, os objetivos da pesquisa foram alcançados, durante a discussão dos capítulos evidenciou-se o resgate e a valorização da rica herança cultural, juntamente com os métodos e práticas empregados para a preservação deste recurso precioso, transmitido ao longo de gerações. Além disso, a pesquisa nos permitiu examinar de maneira mais aprofundada a interação entre a humanidade e o ambiente natural, destacando a harmonia e a complexa relação entre ambos.

Além disso, conclui-se que há a importância de reconhecer e apoiar as pescadoras como agentes fundamentais na preservação dos ecossistemas aquáticos e na sustentabilidade das comunidades ribeirinhas. É preciso reforçar a necessidade de políticas de desenvolvimento social e ambiental que utilizem uma análise de gênero e que valorizem as especificidades da mulher no meio pesqueiro. Tendo que, o perfil socioeconômico das pescadoras da comunidade Praia de Lábrea é marcado por desafios significativos relacionados ao gênero, à economia e ao meio ambiente.

Dessa forma, a valiosa descoberta das espécies frequentemente empregadas pelas pescadoras como seus principais recursos para o tratamento das enfermidades locais, estão distribuídas com uma predominância de famílias como Lamiaceae, Asteraceae e Fabaceae foi semelhante ao padrão já descrito em diversos estudos realizados no país em diferentes ambientes. Além disso, tais resultados descrevem um cenário com riqueza acentuada no período mais seco, que é acompanhado pela sazonalidade das chuvas na região (seca e cheia).

É visível que há a necessidade da preservação destas áreas pois o desmatamento já está intenso no envolvimento da comunidade e essas características podem levar a extinção de algumas espécies. Com isso, ao relacionar esse tema com a etnoconservação e as ciências ambientais, destaca-se que a gestão dos recursos naturais baseada em práticas tradicionais pode ajudar a preservar a diversidade biológica.

As comunidades tradicionais são fonte de uma gama de conhecimento que vai desde o manejo sustentável da natureza até a cultura, saberes e crenças, superando uma visão que desconsidera a historicidade, cultura e identidade destes atores sociais.

Por fim, é importante destacar que este estudo poderá servir como base para futuras pesquisas relacionadas às práticas de uso das plantas medicinais, bem-estar desta e de outras comunidades ao longo do rio Purus e servirá para mostrar a importância de pesquisas voltadas para esta temática em regiões logisticamente mais remotas e com poucas informações de pesquisas divulgadas cientificamente, em busca de evidenciar a riqueza de conhecimentos que uma população tradicional pode guardar em suas comunidades.

APÊNDICES

Apêndice I - Questionário socioeconômico

Sexo: () F () M

Renda: () Menos que um salário mínimo () salário mínimo () mais que um salário mínimo

Ocupação: () pescador(a) () dona de casa () outros _____

Escolaridade: () Ensino fundamental completo () Ensino médio completo () Não possui () Ensino fundamental incompleto () outros _____

Etnia: () branco () preto () indígena () pardo () outros _____

Idade: () entre 20 a 30 anos () entre 30 a 40 anos () entre 40 a 60 anos e () mais de 60 anos

Estado Civil: Solteiro(a) (); Casado(a) (); Divorciado(a) (); Viúvo(a) (); União Estável ()

Filhos: _____ **Quant. de moradores na casa:** _____

Benefício do Governo Federal: Sim () Não ()
Qual? _____

Onde nasceu (naturalidade): _____

Tempo de moradia na comunidade: () Nasceu no local () reside há mais de 10 anos () reside há mais de 20 anos () reside há mais de 30 anos () outros _____
O que fez ir morar nesse local? _____

Apêndice II - Perfil Etnobiológico

1. Você conhece plantas medicinais? Se sim, quais? Não conhece ()
2. Existem plantas mais importantes ou de maior valor que outras?
3. Quais plantas possui mais dificuldade de encontrar na sua localidade?
4. Você acha importante a preservação das plantas medicinais? Por quê?
5. Você conhece noções sobre intoxicações, ou alguém que teve/presenciou?

6. Quais problemas ambientais você percebe que afetam o crescimento e a produção de plantas medicinais?

7. Quais são os desafios enfrentados pela comunidade ribeirinha na preservação e manutenção do conhecimento e uso das plantas?

8. Quais sugestões ou medidas você acha importante para proteger as plantas na sua comunidade?

9. Onde você obteve o conhecimento sobre plantas medicinais? () Livro () Família () Televisão () Amigos () Outros

10. Você repassa o seu conhecimento de plantas medicinais para seus filhos? Se sim, de que forma? Se não acha importante repassar o conhecimento, porquê?

11. Você faz comercialização de plantas medicinais para outros locais? Sim () Não () Quanto em média gera de renda _____ Quais são as mais comercializadas? _____

Apêndice III - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Venho através deste, solicitar a sua AUTORIZAÇÃO para participar de um estudo denominado “LEVANTAMENTO DAS PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS POR PESCADORES(AS) NO SUDOESTE DA AMAZÔNIA”. Esta pesquisa está sendo realizada por: Carolina Wagner (Pesquisadora responsável, Graduanda em Licenciatura em Ciências: biologia e química e Mestranda em Ciências Ambientais); Renato Abreu Lima (Orientador, Prof. Dr. da Universidade Federal do Amazonas), ambos vinculados a Universidade Federal do Amazonas – UFAM, localizada à Rua 29 de agosto, 786, Centro, Humaitá/AM, telefone: (97) 3373-1180. Você poderá manter contato com os pesquisadores também pelo telefone/celular (97) 98114-6342 e pelo e-mail: caawagner.carol@gmail.com a qualquer momento para retirar algumas dúvidas, se caso houver.

Esta pesquisa tem como objetivos: (**geral**) analisar como as plantas medicinais são utilizadas pelas comunidades ribeirinhas da Amazônia. Seguidos dos **específicos** **a)** Identificar como o conhecimento etnobotânico estão sendo distribuídos entre os moradores; **b)** Pesquisar como os indivíduos percebem, diferenciam e classificam a vegetação utilizada e manejada; **c)** Verificar a percepção ambiental que a população apresenta sobre meio ambiente e uso dos recursos naturais; e **d)** Discutir se os estudos etnobotânicos são um instrumento de valorização, identificação e proteção do conhecimento tradicional.

A sua participação neste estudo será no sentido de estar disponível para responder alguns questionários, comprometendo-se em preencher os dados corretamente e de maneira verdadeira. O benefício principal da participação será conhecer a importância dos conhecimentos existentes sobre as plantas medicinais valorizando-o e influenciando o resgate desses saberes. De forma geral, o benefício será para a colaboração para o avanço da ciência no Brasil, principalmente na área de Etnobotânica na região amazônica. E também nos auxiliarmos na compreensão das diversas maneiras para o reconhecimento das plantas, que tem em nosso ambiente.

Estou ciente de que a sua privacidade será respeitada, ou seja, o seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, o (a) identificar, será mantido em sigilo. Também informamos que você pode se recusar a participar do estudo, a qualquer momento, sem precisar justificar, e se desejar sair da pesquisa, não sofrerá qualquer prejuízo.

É assegurada a assistência ao meu representado durante toda a pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da sua participação.

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo deve ligar para o CEP UFAM (92) 3305-1181, ramal 2004, ou mandar um *e-mail* para cep.ufam@gmail.com. O CEP está localizado na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus/AM.

Consentimento Pós-Informação

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do estudo, **autorizo minha participação na referida pesquisa, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, pela participação.**

Este termo será redigido em duas vias, ficando uma VIA com você e outra com o pesquisador.

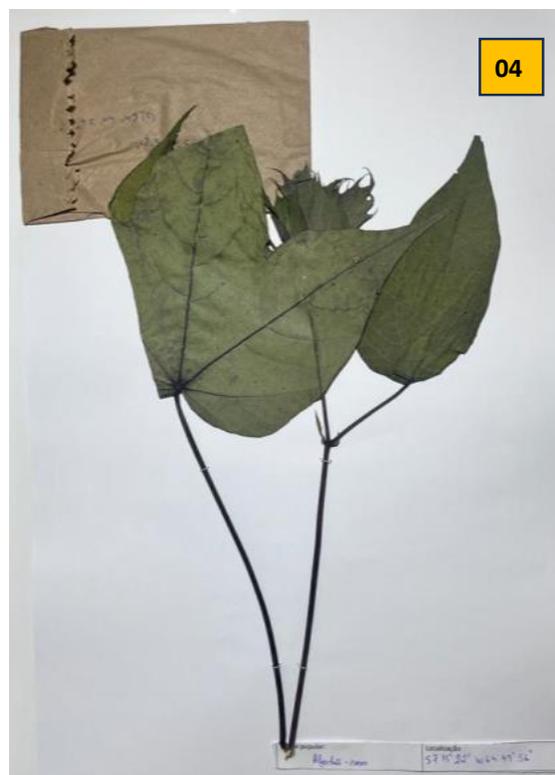
Nome do participante da pesquisa:

(Assinatura da participante da pesquisa)



Carolina Wagner (Pesquisadora responsável)

Apêndice IV – Espécies das plantas medicinais coletadas na comunidade Praia de Lábrea





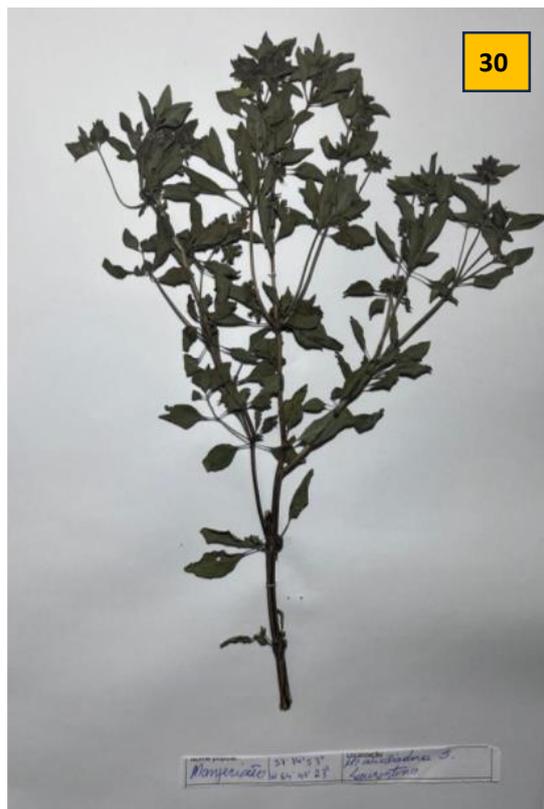


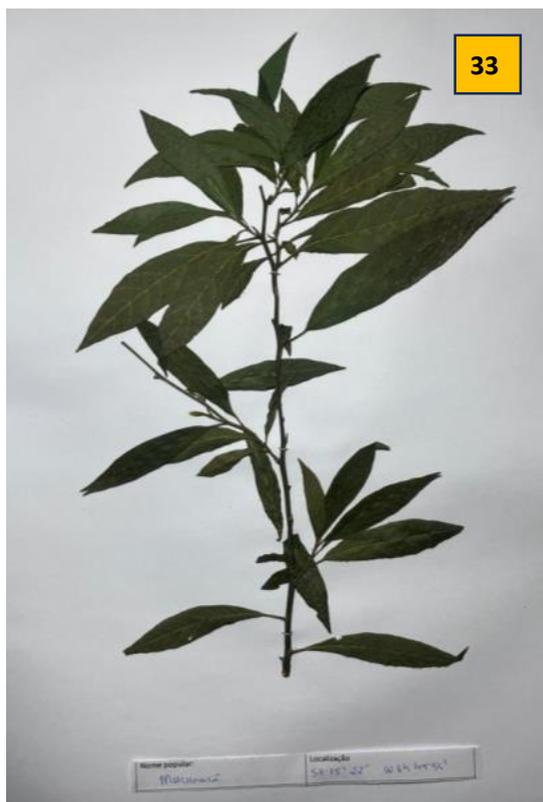




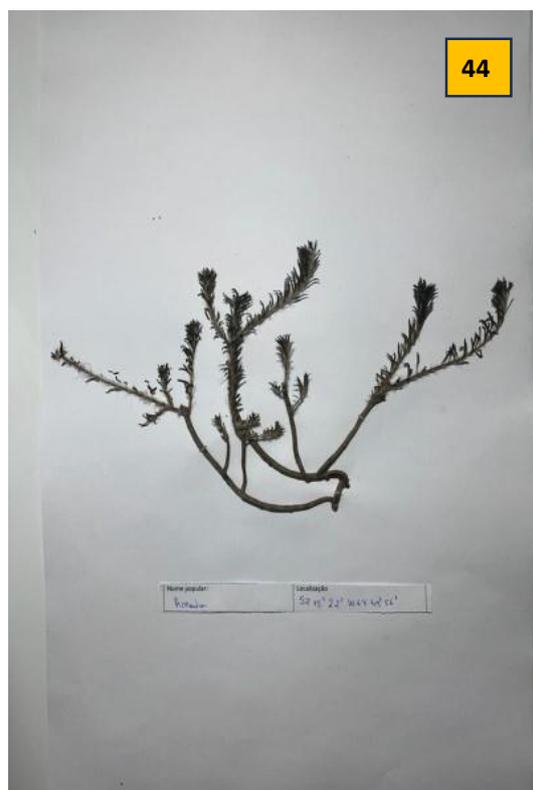


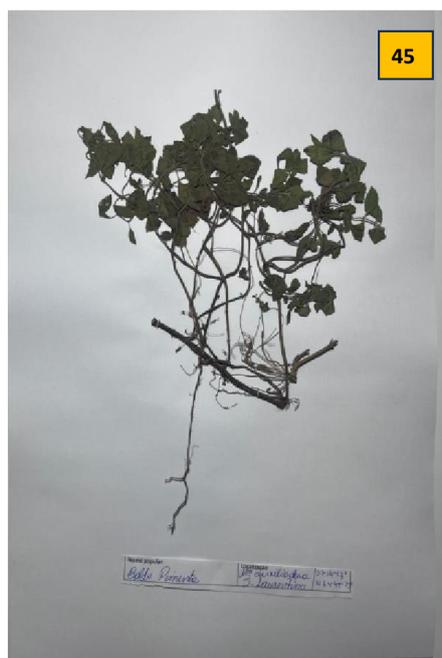












FONTE: Autoria própria

Legenda - Imagens das 45 espécies de plantas coletadas na comunidade Praia de Lábrea no período da seca. 01 – Açafão-da-terra (*Curcuma longa* L.); 02 – Agrião/Jambu (*Acmella kalelii* M.M. Campos, C.F. Hall & J.U.M. Santos); 03 – Alfavaca (*Ocimum gratissimum* L.); 04 - Algodão-roxo (*Gossypium barbadense* L.); 05 – Amor crescido (*Portulaca pilosa* L.); 06 – Andiroba (*Carapa guianensis* Aubl.); 07 – Arruda (*Ruta graveolens* L.); 08 - Babosa (*Aloe vera* (L.) Burm.f.); 09 – Boldo (*Peumus boldus* Molina); 10 – Caapeba (*Piper umbellatum* L.); 11 – Caju (*Anacardium occidentale* L.); 12 – Canapum (*Physalis angulata* L.); 13 – Capim-santo (*Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf); 14 – Catinga de mulata (*Tanacetum vulgare* L.); 15 – Cebolinha (*Allium schoenoprasum* L.); 16 – Chicória (flor) (*Cichorium intybus* L.); 17 – Chicória (*Cichorium intybus* L.); 18 – Corama (*Kalanchoe pinnata* (Lam.) Pers.); 19 – Corama (flor) (*Kalanchoe pinnata* (Lam.) Pers.); 20 – Crajiru (*Arrabidaea chica* (Bonpl.) Verl.); 21 – Gengibre (*Zingiber officinale* Roscoe); 22 – Goiaba (*Psidium guajava* L.); 23 – Hortelã (*Mentha* sp.); 24 – Japana (*Ayapana triplinervis* (M.Vahl) R.M.King & H.Rob.); 25 – Laranja (*Citrus sinensis* (L.) Osbeck); 26 – Lima (*Citrus aurantiifolia* (Christm.) Swingle); 27 – Limão (*Citrus lemon* L.); 28 – Malvarisco (*Malvaviscus arboreus* Cav.); 29 – Manguita (*Mangifera indica* L.); 30 – Manjericão (*Ocimum basilicum* L.); 31 – Mastruz (*Dysphania ambrosioides* (L.) Mosyakin & Clemants); 32 – Melão-são-caetano (*Momordica charantia* L.); 33 – Mucuracá (*Petiveria alliacea* L.); 34 – Mutuquinha (*Justicia pectoralis* Jacq.); 35 – Onze horas (*Portulaca grandiflora* Hook.); 36 – Oriza (*Pogostemon heyneanus* Benth.); 37 – Pião-pajé (*Jatropha* sp. L.); 38 – Pião-roxo (*Jatropha gossypifolia* L.); 39 – Cordão-de-frade (*Leonotis nepetifolia* L.); 40 – Sabugueiro (*Sambucus nigra* L.); 41 – Saratudo (*Justicia calycina* (Nees) V.A.W.Graham); 42 – Terramicina (*Alternanthera brasiliana* (L.) Kuntze); 43 – Trevo-roxo (*Scutellaria agrestis* A.St.-Hil. ex Benth.); 44 - Anador (*Justicia pectoralis* Jacq.) 45 - Boldo-pimenta (*Plectranthus barbatus* Andrews).







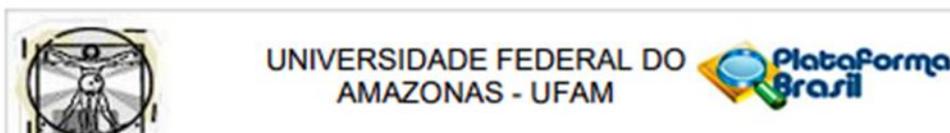


FONTE: Aatoria própria

Legenda: Imagem das 15 espécies de plantas coletadas na comunidade Praia de Lábrea no período da cheia. 01 – Abacate (*Persea americana* Mill.); 02 – Azeitona (*Syzygium cumini* (L.) Skeels); 03 – Breu-de-mescla (*Protium heptaphyllum* (Aubl.) Marchand); 04 – Cibalena (*Justicia gendarussa* Burm. F.); 05 – Cidreira (*Melissa officinalis* L.); 06 – Couve (*Brassica oleracea* var. *viridis* L.); 07 – Embaúba (*Cecropia* sp.); 08 – Hortelã – pimenta (*Mentha piperita* L.); 09 – Jucá (*Caesalpinia ferrea* Mart. ex Tul.); 10 – Mamão (*Carica papaya* L.); 11 – Marcela (*Achyrocline* spp.); 12 – Mora (*Morus nigra* L.); 13 – Mulateiro (*Calycophyllum spruceanum* (Benth.) K.Schum.); 14 – Palha da cana-roxa (*Costus spicatus* Swartz); 15 – Pimenteira (*Capsicum* spp.).

ANEXO A

- PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: USO, RESGATE E PRESERVAÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS NO SUL DO AMAZONAS

Pesquisador: RENATO ABREU LIMA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 65165822.4.0000.5020

Instituição Proponente:

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.792.774

Apresentação do Projeto:

Desenho:

O presente trabalho tem como objetivo contribuir para o debate teórico sobre comunidades ribeirinhas na Amazônia, destacando as estratégias de vida, o uso e preservação de plantas medicinais. Assim, o presente trabalho constituirá de um estudo etnobotânico, onde serão levantados dados do uso tradicional das plantas medicinais utilizadas pelas comunidades ribeirinhas no Sul do Amazonas compreendendo os municípios de Humaitá e Lábrea, Amazonas. O critério de seleção dos entrevistados será baseado na técnica "bola de neve". Nas entrevistas buscará traçar o perfil sócio-econômico-cultural das comunidades em estudo, por meio de investigações sobre sua infraestrutura básica, escolaridade, renda e estrutura familiar. Além disso, serão realizadas entrevistas com finalidade em saber o uso desses recursos vegetais. As coletas dos materiais botânicos serão realizadas no momento das entrevistas para certificar os nomes populares e científicos. Além disso, será feita uma comparação da dinâmica em um cenário de mudanças ambientais a interrelação do conhecimento científico e popular das plantas medicinais entre as comunidades ribeirinhas. Espera-se após a execução desse trabalho, encontrar uma potencialidade e riqueza de plantas medicinais no Sul do Amazonas que esteja relacionado com a Sociodiversidade da região amazônica.

Resumo:

O uso de plantas medicinais é uma prática baseada no conhecimento popular e, quase sempre, transmitida oralmente e tem sido muito significativo nos últimos tempos. Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo contribuir para o debate teórico sobre comunidades ribeirinhas na Amazônia, destacando as

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

UF: AM

Município: MANAUS

CEP: 69.067-070

Telefone: (92)3305-1181

E-mail: cep.ufam@gmail.com

ANEXO B

- PARECER SISBIO



Ministério do Meio Ambiente - MMA
 Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio
 Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade - SISBIO

Autorização para atividades com finalidade científica

Número: 90221-1	Data da Emissão: 31/08/2023 22:08:07	Data da Revalidação: 31/08/2024
-----------------	--------------------------------------	---------------------------------

De acordo com o art. 31 da Portaria ICMBio nº 748/2022, esta autorização possui vigência equivalente ao previsto no cronograma de atividades do projeto e validade de um ano, devendo ser revalidada anualmente, através da apresentação do relatório anual de atividades, no prazo de até 30 dias após o aniversário de sua emissão.

Dados do titular

Nome: CAROLINA WAGNER	CPF: 025.705.192-94
Título do Projeto: Coleta de plantas medicinais em quintais para dissertação de mestrado	
Nome da Instituição: Universidade Federal do Amazonas	CNPJ: 04.378.626/0001-97

Cronograma de atividades

#	Descrição da atividade	Início (mês/ano)	Fim (mês/ano)
1	Coleta de material botânico	09/2023	12/2023

Equipe

#	Nome	Função	CPF	Nacionalidade
1	RENATO ABREU LIMA	Orientador	884.275.952-04	Brasileira

Observações e ressalvas

1	Todos os membros da equipe de pesquisa devem estar cientes das recomendações e boas práticas a serem seguidas neste momento de emergência zoonótica no Brasil devido à gripe aviária. Informe-se na página do CEMAVE na Internet: https://www.gov.br/combio/pt-br/assuntos/centros-de-pesquisa/cemave/destaque/equipe-aviaria/gripe-aviaria-1 .
2	Esta autorização NÃO exonera o pesquisador titular e os membros de sua equipe da necessidade de atender às exigências e obter as autorizações previstas em outros instrumentos legais relativos ao registro de agrotóxicos (Lei nº 7.802, de 11 de julho de 1969; Decreto nº 4.074, de 4 de janeiro de 2002, entre outros).
3	Esta autorização NÃO exonera o pesquisador titular e os membros de sua equipe da necessidade de atender às exigências e obter as autorizações previstas em outros instrumentos legais relativos ao registro de agrotóxicos (Lei nº 7.802, de 11 de julho de 1969; Decreto nº 4.074, de 4 de janeiro de 2002, entre outros).
4	Este documento não dispensa o cumprimento da Lei nº 13.123/2015, que dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético, sobre a proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado e sobre a repartição de benefícios para conservação e uso sustentável da biodiversidade.
5	As atividades de campo exercidas por pessoas naturais ou jurídicas estrangeiras, em todo o território nacional, que impliquem o deslocamento de recursos humanos e materiais, tendo por objeto coletar dados, materiais, espécimes biológicos e minerais, peças integrantes da cultura nativa e cultura popular, presente e passada, obtidos por meio de recursos e técnicas que se destinem ao estudo, à difusão ou à pesquisa, estão sujeitas a autorização do Ministério de Ciência e Tecnologia (Decreto nº 96.800, de 15/01/96).
6	Esta autorização NÃO exonera o pesquisador titular e os membros de sua equipe da necessidade de obter as anuências previstas em outros instrumentos legais, bem como do consentimento do responsável pela área, pública ou privada, onde será realizada a atividade, inclusive do órgão gestor de terra indígena, da unidade de conservação estadual, distrital ou municipal, ou do proprietário, arrendatário, possessor ou morador de área dentro dos limites da unidade de conservação federal cujo processo de regularização fundiária encontra-se em curso.
7	Este documento somente poderá ser utilizado para os fins previstos na Portaria Nº748/2022, no que especifica esta Autorização, não podendo ser utilizado para fins comerciais, industriais ou esportivos. O material biológico coletado deverá ser utilizado para atividades científicas ou didáticas no âmbito do ensino superior.
8	O titular de licença ou autorização e os membros de sua equipe deverão optar por métodos de coleta e instrumentos de captura desconectados, sempre que possível, ao grupo taxonômico de interesse, evitando a morte ou dano significativo a outros grupos, e empregar esforço de coleta ou captura que não comprometa a viabilidade de populações do grupo taxonômico de interesse em condição in situ.
9	O titular de autorização ou de licença permanente, assim como os membros de sua equipe, quando da violação do disposto nesta portaria ou em legislação vigente, ou quando da inadequação, omissão ou falta descrição de informações relevantes que subsidiaram a expedição do ato, pode, mediante decisão motivada, ter a autorização ou licença suspensa ou cassada pelo Instituto Chico Mendes, por meio da Coordenação Gestora do Sisbio, e está sujeito às sanções previstas na legislação vigente.
10	Em caso de pesquisa em UNIDADE DE CONSERVAÇÃO, o pesquisador titular desta autorização deverá contactar a administração da unidade a fim de CONFIRMAR AS DATAS das expedições, as condições para realização das coletas e de uso da infraestrutura da unidade.

Este documento foi expedido com base na Instrução Normativa nº Portaria ICMBio nº 748/2022. Através do código de autenticação abaixo, qualquer cidadão poderá verificar a autenticidade ou regularidade deste documento, por meio da página do Sisbio/ICMBio na Internet (www.icmbio.gov.br/sisbio).

Código de autenticação: 0902210120230831

Página 1/4